



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA - MESTRADO

MARCELA BOTELHO BRASIL

DO SALTO TRIPLO AO *GRAND JETÉ*:
A DANÇA NA PERSPECTIVA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

Salvador
2009

MARCELA BOTELHO BRASIL

DO SALTO TRIPLO AO *GRAND JETÉ*:
A DANÇA NA PERSPECTIVA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança – Mestrado, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Dança.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leda Maria Muhana Martinez Iannitelli

Salvador
2009

Sistema de Bibliotecas - UFBA

B823 Brasil, Marcela Botelho.
Do salto triplo ao grand jeté: a dança na perspectiva de artigos científicos
em educação física/ Marcela Botelho Brasil. - 2009.
100 f. + anexos.

Orientador: Prof^a. Dr^a. . Leda Maria Muhana Martinez Iannitelli.
Dissertação (mestrado em Dança) - Universidade Federal da Bahia,
Escola de Dança, 2009.

1. Dança - Estudo e ensino. 2. Educação Física (ensino superior).
3. Dança - Artigos de periódicos. 4. Linguagem corporal. I. Iannitelli, Leda Maria
Muhana Martinez. II. Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança. III. Título.

CDU- 78.085:371.72
CDD - 792.8

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCELA BOTELHO BRASIL

DO SALTO TRIPLO AO *GRAND JETÉ*:
A DANÇA NA PERSPECTIVA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS EM
EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança,
Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Augusto Cesar Rios Leiro _____
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dulce Tamara Lamego Silva e Aquino _____
Doutora em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Leda Maria Muhana Martinez Ilannitelli – Orientadora _____
Doutora em Dança-Educação, Temple University, EUA
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador, 27 de fevereiro de 2009.



A
Pai, justamente no seu dia!
Mãe, por todos os outros dias...

AGRADECIMENTOS

A Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia - FAPESB pela bolsa de fluxo contínuo concedida de agosto de 2007 a agosto de 2008.

A Universidade Federal da Bahia, em especial àqueles que fizeram acontecer este Curso de Mestrado: a todos os colegas e amigos, em especial a Márcia Mignac, Carmen Paternostro, Clotildes Cazé, Adriana Oliveira e Janiere de Almeida; aos mestres, em especial, a Ivani Santana, Denise Coutinho, Jussara Setenta e Helena Katz, grande inspiração; aos funcionários, em especial a Sr. Edmundo, Liane, Dalila e Raquel; à minha tão representativa banca examinadora: **Dulce Aquino, Cesar Leiro e Leda Muhana**, minha orientadora.

A Universidade do Estado da Bahia, pela experiência do tirocínio docente vivenciada no Curso de Licenciatura em Educação Física, Campus II – Alagoinhas. A Cesar Leiro e também ao atual coordenador, Luiz Rocha, assim como a todos os acadêmicos de educação física que compartilharam das vivências de dança.

Aos antigos mestres: **Rosana Abubakir, Gracia Motta, José Antonio Saja, Estélio Dantas**, pelo poder de seus ensinamentos e lições de vida.

Aos meus ex-alunos do curso de educação profissional em dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB, hoje companheiros e colegas de sala de aula. Também à turma de técnica silvestre, pelo equilíbrio, pela intuição e pela expressão, pelo silêncio.

Aos mais novos mestres: **Rosangela Silvestre, Vera Passos, Nildinha Fonseca e Zebrinha**: fontes de inspiração, informação, provocação, reflexão, sacração e DANÇA!

Sempre, sempre e sempre, a toda minha família, em especial os Botelhos: Raquel, Caio, Sônia e Denise, que estiveram mais próximos nestes momentos finais. Também a Giulia, minha filha de coração!

Aos muitos amigos, dentre eles um agradecimento muito especial a Elson Moura, pela disponibilidade de trazer a mim seus conhecimentos e questionamentos sobre dança com tanta seriedade.

A **Tiago**, com todo meu coração, pelo apoio nas horas difíceis, pelo incentivo sem a necessidade de compreensão dos conceitos acadêmicos, por sua inteligência e conhecimento em suas outras linguagens que tanto me impressionam, por ser testemunha e companheiro de momentos tão especiais em nossas vidas, por sua amizade, por seu amor, por tudo que ainda vem pela frente...

Aos meus irmãos **Mário Sérgio** e **Paulo Henrique**, que estando perto ou longe, são presenças muito fortes em minha vida.

A meu pai **Mário**, por trazer a luz quando tudo parecia escuridão! Iluminou este momento e continua a clarear o meu caminho...

A minha mãe **Célia**, pelo amor incondicional e por tanto, mais tanto, que sempre faltam palavras, enfim, por ser sempre a força quando eu estava fraca, a voz quando eu não podia falar, por ser meus olhos quando eu não conseguia ver, por me mostrar o melhor que há em mim!

Hoje, sou tudo que sou, por ter de vocês o amor.

Reverencio especialmente àqueles que não me deixaram desistir!

E agradeço sempre a Deus, ao Universo, aos Orixás, aos Espíritos de Luz e a tantos outros nomes que posso dar às forças que me apoiaram para chegar até aqui.

Seja para manter uma tradição, para interpretar um tema, para festejar ou para descontrair, toda dança implica um saber-fazer próprio.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL DO BRASIL
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS
EDUCAÇÃO FÍSICA

RESUMO

Este trabalho pretende estabelecer um diálogo entre as áreas de conhecimento da Dança e da Educação Física partindo da análise de artigos científicos publicados em revistas do campo de conhecimento da Educação Física. Com este intuito, foram eleitas as três mais representativas revistas da área que tratam sobre a temática da dança: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), a Revista Motrivivência e a Revista Pensar a Prática. Os artigos elencados para análise abrangem todas as publicações no período de 1979 a 2008, e foram selecionados por apresentar sua temática diretamente relacionada à dança, num total de 40 publicações. Dialogando também com as teorias contemporâneas de Katz, Greiner, Damásio e outros autores, é questionada se a apropriação da dança como conteúdo da Educação Física elucida as suas peculiaridades, assim como, discute-se a autonomia acadêmica da dança. Identificando a abordagem qualitativa como a mais adequada forma de alcançar os objetivos do estudo proposto, as técnicas de pesquisa utilizadas como instrumento de coleta de dados serão as pesquisas bibliográfica e documental, e o tratamento dos dados se fará por análise de conteúdos, utilizando-se da conceituação para conhecimento discursivo, intuitivo e tácito, encontrada em Vieira (2006). Buscando conectar estas formas de conhecimento aos diversos contextos revelados na produção científica de educação física que utilizou a dança como tema central, espera-se fragilizar as hierarquias que possam persistir na relação entre esses dois saberes, de forma a contribuir para afirmação e consolidação da Dança como área de conhecimento específico e autonomia acadêmica.

Palavras-chave: Dança; Educação Física; Artigos científicos; Área de conhecimento específico; Formas de conhecimento.

ABSTRACT

This project has the intention of establishing a dialogue between Dance and Physical Education by analyzing selected scientific articles published in Physical Education journals. For this purpose, three of the most important journals of the area were selected: Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Revista Motrivivência, and Revista Pensar a Prática. The chosen articles were those that approached dance as a central theme and that were published between 1979 to 2008, making a total of 40 publications. Drawing support from the contemporary theories of Katz, Greiner, Damásio and other authors, it is questioned whether the appropriation of dance as content of Physical Education elucidates its peculiarities, and discusses the academic autonomy of dance. Identifying the qualitative approach as the most adequate form to reach the objectives of the proposed study, the research techniques used as instruments of data collection were bibliographical and documentary, and the treatment of the data involved content analysis, using the conceptualization for discursive, intuitive and tacit knowledge found in Vieira (2006). Searching to connect these forms of knowledge to the diverse contexts revealed in the scientific production of physical education that used dance as a central subject, the author hopes to weaken the hierarchies that can persist in relation between these two knowledges, to contribute to the affirmation and consolidation of Dance as an area of specific knowledge and academic autonomy.

Key words: Dance; Physical Education; Scientific articles; Area of specific knowledge; Knowledge forms.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da Revista Motrivivência, ano II, n. 3 (1990)	37
Figura 2 – Capa da RBCE, v. 28, n.2 (2007)	37
Figura 3 – Capa da Revista Pensar a Prática, v. 6 (2002-2003)	37
Figura 4 – Salto triplo	94
Figura 5 – <i>Grand jeté</i>	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados obtidos da análise das revistas científicas	39
Tabela 2 – Publicações sobre dança na Revista Pensar a Prática	40
Tabela 3 – Publicações sobre dança na Revista Motrivivência	42
Tabela 4 – Publicações sobre dança na Revista Brasileira de Ciências do Esporte	43
Tabela 5 – Artigos com conteúdos identificados como conhecimento discursivo	48
Tabela 6 – Artigos com conteúdos identificados como conhecimento intuitivo	63
Tabela 7 – Artigos com conteúdos identificados como conhecimento tácito	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Confef	Conselho Federal de Educação Física
CNE/CP	Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno
Cref	Conselho Regional de Educação Física
Esefego	Escola Superior de Educação Física
Gede	Grupo de Estudos Dança/Educação
MNCR	Movimento Nacional Contra Regulamentação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPG-Dança	Programa de Pós-Graduação em Dança
Proceda	Processos Corporeográficos e Educacionais em Dança
RBCE	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
SDU	Sistema de Dança Universal
Ucsal	Universidade Católica do Salvador
UEG	Universidade Estadual de Goiás
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Ufba	Universidade Federal da Bahia
UFG	Universidade Federal de Goiás
Ufma	Universidade Federal do Maranhão
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UGF	Universidade Gama Filho
Uneb	Universidade do Estado da Bahia
Unicamp	Universidade de Campinas
Unisc	Universidade de Santa Cruz do Sul
WDA	World Dance Alliance of America

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA	19
2.1	NOVOS PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO DA DANÇA	21
2.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ÁREAS DE CONHECIMENTO DE DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA	27
2.3	CORPO E MOVIMENTO	29
2.4	OUTRAS DISTINÇÕES E AFINIDADES	32
3	A TEMÁTICA DANÇA EXPLORADA PELA EDUCAÇÃO FÍSICA	35
3.1	CONHECIMENTO DISCURSIVO	48
3.2	CONHECIMENTO INTUITIVO	63
3.3	CONHECIMENTO TÁCITO	80
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	95
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A trajetória que percorri até aqui aponta dois caminhos afins, porém distintos. O balé clássico que se iniciou aos cinco anos de idade me fez buscar as graduações em Licenciatura e Bacharelado em Dança; enquanto o amor aos esportes [em especial o futebol de salão e a natação] me levou ao encontro da Licenciatura Plena em Educação Física. Assim como muitos profissionais das minhas duas áreas, fiz estas opções pela força com que foram experimentadas as vivências a elas associadas por todo o meu percurso até chegar à vida acadêmica.

Esta dupla escolha não poderia ter sido mais feliz! A simultânea aprovação nos vestibulares trazia consigo a responsabilidade de manter as ótimas colocações alcançadas nestes exames: fui classificada em 6º lugar para o curso de Dança na Universidade Federal da Bahia (Ufba); e em 1º lugar para o curso de Educação Física na Universidade Católica do Salvador (Ucsal). Com o ingresso nas Universidades no ano 2000 começava, pois, o intenso cotidiano de estudos que aliava, além do contato com as diversas disciplinas, as práticas de monitorias oficiais e voluntárias, os cursos e eventos relacionados a estas duas áreas, os estágios, e as atividades artísticas, que sempre se fizeram presentes no entrecruzamento destes caminhos.

Destarte, a visão de dança trazida até então, sobretudo pela dança clássica ganhou novos rumos na Escola de Dança da Ufba, assim como a Educação Física transcendeu para além dos esportes através dos estudos na Ucsal. Deste modo, para mim, ambas as áreas mostraram que não se restringem ao que historicamente foi para elas construído.

Ainda no começo dos meus cursos de formação superior, no ano de 2001, apesar da Dança não ser contemplada nos currículos de Educação Física das instituições baianas naquela época, me deparei com o embate que o Conselho Federal de Educação Física (Confef), apoiado por suas representações regionais chamadas de Conselho Regional de Educação Física (Cref), deu início com a tentativa de legislar e fiscalizar a atuação dos profissionais da dança. Esta ação abre um grande precedente que se estende para além do sistema Cref-Confef, pois toda argumentação construída para se legitimar o conhecimento que já vinha sendo

produzido pelos cursos de nível superior em Dança se pautava sobre o entendimento do seu próprio significado.

Não é preciso muito esforço para afirmar que este problema conceitual não se estende apenas ao órgão fiscalizador, que considerou a dança somente como mais uma atividade físico-desportivo-recreativa, mas à grande parte dos trabalhadores já habilitados nesta área. Sem atentar para sua condição de Arte, a Dança pode até estar aparecendo nos currículos de Educação Física que estão sendo elaborados atualmente, no entanto, o comprometimento será ainda maior se o conceito disseminado for formulado para dar vez a manobras políticas de conquista por mercado de trabalho.

Apesar da repercussão das ações do Confef, é importante salientar que o conhecimento construído por este órgão é alvo de muitas críticas pelos próprios professores de Educação Física. Essa divergência fica clara, principalmente nos movimentos de resistência criados pela própria área para combater as ações deste conselho fiscalizador, a exemplo do movimento estudantil, o Movimento Nacional Contra Regulamentação (MNCR), dentre tantos outros.

Sobre a construção de conhecimento em dança, é também imprescindível destacar que a instituição, onde foi desenvolvido o projeto, é a grande pioneira da Dança em sua formação profissional no Brasil, sendo o único referencial da Bahia quando se fala em cursos de nível superior. Recentemente, com a aprovação do primeiro curso de Mestrado em Dança, a Ufba se solidificou também como expoente não só nacional, mas de toda América do Sul.

As duas áreas são distintamente reconhecidas pelo Ministério da Educação, pois, segundo as *Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação* de 1999, a Dança é definida no campo das Artes Cênicas, ou seja, como Ciência Humana, Cultural e Social, enquanto a Educação Física é enquadrada no campo das Ciências Biológicas e da Saúde. Além disso, o Código Brasileiro de Ocupação evidencia a existência de códigos distintos para a Dança e para Educação Física, constando claramente a expressão *professor de dança* no código regulamentado para tais profissionais.

Contudo, estas duas áreas são também consideradas afins, embora não pertençam ao mesmo campo de conhecimento segundo a classificação do Ministério da Educação. Assim, a idéia deste tema nasceu das solicitações que expunham a necessidade de estabelecer entre elas um diálogo, de forma a compreendê-las na

sua complexidade. Não se trata simplesmente de estudar sobre dança, mas, principalmente, de investigar como se dá a sua inserção na educação física. Tal finalidade, como se pode perceber, esclarece não apenas o objeto isolado – dança – mas também, contribui para pensar os caminhos por onde a educação física tem trafegado em crise desde os anos 80.

Aliando as minhas vivências nesses *dois lados da moeda* ao imenso desejo de prosseguir a carreira acadêmica com o desenvolvimento da pesquisa, encontrei-me com a importante tarefa que move este estudo: observar em minhas duas áreas distintas de formação a coexistência de um mesmo objeto: a dança.

Encarando a tentativa de criar esta intersecção e pesquisar nas entrelinhas das áreas que prezam pelo corpo e seu movimento, o exercício de tornar científicas as distinções e afinidades que foram sendo percebidas ao longo dos meus cursos de graduação se concretiza através de minha análise dos artigos sobre dança publicados na área de conhecimento da Educação Física. Para isto, foram elencados os três mais representativos periódicos da área que tratam sobre a dança: a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE); a Revista Motrivivência; e a Revista Pensar a Prática, que serão melhor qualificados ao longo deste trabalho.

Para esta revista - esta palavra é aqui empregada para fazer uma analogia à ação de revistar, com significado semelhante a procurar, pesquisar, e não apenas para representar o local onde se é publicado um texto – os textos identificados como parte da amostra abrangem todas as publicações do período entre 1979 e 2008, e foram selecionados por apresentar sua temática diretamente relacionada à dança.

Na presente introdução está exposta a minha grandiosa implicação com o tema, e alguns fatos ocorridos em âmbito nacional que geraram as primeiras inquietações e relevam, deste modo, a justificativa e importância deste estudo. Logo abaixo, se faz também presente uma breve descrição dos capítulos que virão.

Sendo assim, o capítulo seguinte traz uma breve revisão de literatura de alguns estudos que tem permeado a área de Dança, assim como considerações acerca dos temas corpo e movimento, que parecem revelar a intersecção – e a diferenciação – entre estas duas áreas: Dança e Educação Física. O entendimento das teorias apresentadas, quando agregadas aos estudos do corpo, possibilita a compreensão das implicações visíveis nas novas abordagens de dança da

contemporaneidade, como também a identificação de antigas concepções que ainda são largamente difundidas na atualidade.

Já o terceiro capítulo busca relacionar as formas de conhecimento definidas em Vieira (2006) aos artigos científicos presentes na área de conhecimento da Educação Física, analisando as informações advindas dos textos publicados sobre dança em três periódicos que se destacam nesta área: a RBCE, a Revista Motrivivência e a Revista Pensar a Prática. A antessala teórica deste capítulo traz as questões referentes às técnicas e instrumentos de pesquisa, de forma a esclarecer o percurso metodológico deste processo.

Por fim, a conclusão busca conectar os diversos contextos revelados na produção científica de educação física que utilizou a dança como tema central, com a intenção de fragilizar as hierarquias que possam persistir na relação entre esses dois saberes, de forma a contribuir para consolidação da Dança como área de conhecimento específico e autonomia acadêmica.

2 DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA

O campo temático deste estudo é delineado pelo diálogo entre as áreas de conhecimento: Dança e Educação Física. Esta intersecção traz à tona uma série de relevantes questões a serem investigadas. Há ainda pertinentes estudos a serem realizados acerca de políticas públicas, políticas educacionais, regulamentação das profissões, formação profissional, mercado de trabalho, dentre outros.

A busca dos propósitos que levaram a dança a se inserir como uma competência dos profissionais da educação física, que tratam da cultura corporal, toma como finalidade, na presente dissertação, a identificação das influências geradas sobre os pensamentos de dança divulgados pelos artigos científicos publicados em periódicos do campo de conhecimento da Educação Física.

Apesar de por muito tempo ter sido encarada apenas como uma área subordinada à cultura corporal do movimento ou às artes cênicas, a dança vem construindo sua autonomia de forma bastante consolidada nas últimas décadas, saindo, portanto, do domínio que a restringia a um conteúdo da Educação Física ou a uma inserção nas Artes Cênicas. É notório o crescimento do número de graduações e pós-graduações em Dança por todo país que tem por finalidade garantir o trânsito entre Arte e Ciência e se consolidar como área singular de conhecimento.

Considerado afim, porém, ao mesmo tempo distinto, o curso de Educação Física também vem investindo na sua consolidação enquanto área de construção do conhecimento. Ambas, Dança e Educação Física, apresentam o movimento e o corpo humano como importantes matrizes da sua formação e, talvez por isto, os seus conhecimentos e propósitos pareçam conjugados.

Tal aparência levou o conselho fiscalizador de Educação Física a tentar impor à dança os argumentos de sua regulamentação. Muitos documentos foram produzidos pelos profissionais de Dança para diferenciar estas duas áreas, enquanto alguns profissionais da Educação Física elaboravam antíteses de afinidade entre elas. A Dança venceu a batalha na câmara e consolidou um importante passo na sua história. Contudo, recente investida foi de novo feita pelo Confef e a discussão volta para o foco de atenção de seus profissionais. Tal polêmica estimulou alguns estudos neste universo temático, todos gerados num

status que visava justificar seus argumentos em curso. Esta pesquisa inaugura um estudo de natureza acadêmica acerca do assunto. De natureza eminentemente interdisciplinar este projeto incluirá outras áreas de conhecimento além das duas em questão, para subsidiar a discussão da dança enquanto área de conhecimento, "ao menos para evitar que as lendas de ampla circulação no meio da dança continuem se consolidando como verdades oficiais" (KATZ, 1999, p. 13-14).

Citando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - Arte, estabelecidos para os 3º e 4º ciclos do ensino fundamental [5ª a 8ª séries], observa-se que uma das preocupações expostas

relaciona-se ao conceito de dança entre alunos desses ciclos que já podem estar até mesmo um pouco cristalizado por causa das relações com a mídia e com o conceito de corpo dessa geração. Muitas vezes, a dança é sinônimo de código (balé clássico, moderno, contemporâneo), de "coreografia pronta" (geralmente para ser apresentada em festivais e festas), de estilo musical (por exemplo, funk, rap, reggae, street dance, dance). (BRASIL, PCNs Arte 5ª a 8ª, p.73)

Este documento acrescenta ainda, que o costume de enunciar que o brasileiro teria um dom nato e espontâneo para a dança desconsidera uma série de estudos antropológicos e sociológicos em relação à construção do corpo em sociedade, contribuindo para a criação de desacordos e falta de conhecimento a respeito da dança enquanto conteúdo escolar.

Revelando outras preocupações acerca da consolidação destes conceitos sobre dança, a pesquisadora da área de dança, Britto (1999), afirma que algumas das mais sedimentadas dificuldades interpretativas são as idéias de dança como a linguagem do indizível, como linguagem universal, como algo que vem de dentro. Ainda segundo esta autora, "qualquer abordagem deste campo do conhecimento que desconsidere as recentes pesquisas e descobertas científicas sobre o sistema cognitivo do corpo humano e a natureza do tempo sobre as coisas vivas seria, no mínimo, ingênua" (BRITTO, 1999, p. 164). Considerando as diferentes naturezas e escalas de temporalidade configuradas no corpo que dança, se faz necessário

buscar um suporte teórico com equivalente grau de complexidade para lidar com a sofisticada rede de relações temáticas implicada em seu sistema organizativo e, deste modo, resgatá-la do amadorismo explicativo a que sempre esteve circunscrita – sob a guarda eficiente dos clichês e mitificações (BRITTO, 1999, p. 164).

2.1 NOVOS PRESSUPOSTOS PARA O ESTUDO DA DANÇA

A Contemporaneidade trouxe para o cenário atual da Dança, novas abordagens para o corpo, seu elemento primordial, e essas reflexões trazem o desenvolvimento de uma teoria cultural do corpo, esforçando-se por mostrá-lo como um sistema integrado e complexo, base fundante para o pensamento. Denominações como corpo pensante, corpo inteligente e tantas outras passaram a ser veiculadas para a melhor compreensão desta mudança de concepção, onde as ações do corpo são as geradoras do pensamento e a via sensorial é primordial no papel de construção do conhecimento. Contudo, à medida que surgiam, estes termos definidores eram considerados também redundantes: não se poderia conceber mais que algo que esteja na formulação do pensamento e não tenha passado pela motricidade.

Destarte,

a perspectiva de que o corpo, tal como é representado no cérebro, pode constituir o quadro de referência indispensável para os processos neurais que experienciamos como sendo a mente [...] encontra-se ancorada nas seguintes afirmações: 1) o cérebro humano e o resto do corpo constituem um organismo indissociável; 2) o organismo interage com o ambiente como um conjunto: a interação não é nem exclusivamente do corpo nem do cérebro; 3) os fenômenos sociais só podem ser cabalmente compreendidos no contexto de um organismo em interação com o ambiente que o rodeia (DAMÁSIO, 2001, p.17).

Reconhecendo a importância da interação do organismo com o ambiente para a consolidação não só do seu componente cultural, mas também da sua própria natureza humana, o corpo é adjetivado transitório, ocasional e descontínuo. Desta forma, encara-se a natureza humana como um processo de acontecimentos, e não como algo interior e imutável, notando-se que o corpo ao produzir modificações no ambiente, tem como resposta uma mútua transformação, característica esta, que para a cultura, também não poderia ser diferente.

As quebras de paradigmas, a abolição de fronteiras, a multiplicidade de abordagens, métodos e técnicas são algumas das características citadas como sendo próprias deste atual período histórico. A complexidade sugere uma infinidade de fusões e intercâmbios e, para atender a esta necessidade de hibridização, os prefixos inter, trans, multi, pluri, passam a ser comumente empregados nos mais

diversos campos de conhecimento, havendo assim, uma maior aproximação entre a Arte e a Ciência.

Como grande referência de articulação entre os pensamentos contemporâneos e a área da Dança, também não poderia deixar de ressaltar a produção de Katz (1999; 2003; 2005), que juntamente com Greiner (2005), iniciou a formulação de uma proposição teórica na qual o corpo fosse considerado como um sistema integrado e complexo: o corpomídia. Esta mudança de concepção reconhece que as ações do corpo são geradoras do pensamento, ou seja, onde o sistema sensório-motor assume um papel primordial na construção do conhecimento.

Este trabalho tem inspirado diversos outros estudos na área da dança a exemplo das idéias encontradas em Machado (2007), que:

por considerar inapropriado qualquer forma de dualismo recorrente ao corpo, assume-o como **Corpomídia**, partindo do princípio que o mesmo não é o veículo do *por meio*, mas *medi* (ações) *midi* (ações) e *meio de* (ações), uma vez que ao gerar informação está, também, sendo gerado. Para tal, é necessário o entendimento do corpo como conexão permanente, como estados processuais [...] (MACHADO, 2007, p. 109).

Sendo assim, esta pesquisadora preza pelo entendimento de um corpo comunicação, esta última, compreendida não somente nos moldes tradicionais da teoria da informação, mas principalmente com o olhar das ciências da complexidade e dos processos cognitivos, abrindo espaço para as investigações das conexões entre organismo – corpo – ambiente. Expondo que mesmo em tempos atuais ainda são encontradas muitas situações onde podem ser identificadas as dicotomias geradas pelo pensamento cartesiano, é citado que

não obstante, nos deparamos frequentemente com expressões como: pare de pensar e vá dançar ou você precisa deixar o corpo “rolar”, sentir, em vez de pensar o tempo todo. Ou seja, o corpo como uma “máquina” a serviço da mente. O estudo do corpo numa perspectiva evolutiva demonstra que razão e emoção são “elementos” sucessivos da evolução. (MACHADO, 2007, p. 111).

Deste modo, o corpo é tomado como mídia e, a comunicação vista em estado contínuo, de forma a buscar o reconhecimento de que “a divisão entre mente e corpo pode não ser mais do que um expediente pedagógico para instruir

estudantes de medicina ... e não uma construção útil para compreender saúde, doença e comportamentos humanos” (RAMACHANDRAN, 2004 apud MACHADO, 2007, p.111). Pensando nas indissociações entre corpo-mente e corpo-cultura, o corpo é encarado como meio e mensagem, sendo definido como o movimento em permanente comunicação.

Outro estudo que corrobora com estas colocações e revela as influências de teorias contemporâneas abordando questões no viés da tecnologia, é a pesquisa de Santana (2003) que apresenta:

A hipótese de que a dança-tecnologia é um constructo do pensamento não se utiliza das dicotomias mente/corpo, natureza/cultura, natural/artificial, real/virtual, que ainda teimam em existir. Elas desaparecem para dar lugar à compreensão de que os corpos são mídias comunicacionais em constante troca com o ambiente. (SANTANA, 2003, p. 16).

Esta pesquisa de doutorado resultou numa produção mais atual sobre dança e cultura digital, onde o termo dança-tecnologia foi trocado pela nomenclatura dança com mediação tecnológica, uma vez que se considera que não se trata simplesmente de dois termos colocados juntos, mas sim, de um terceiro singular. Estes estudos analisam novas tecnologias dentro do domínio da denominada Metáfora de Frankenstein, onde o mito deste monstro serve para apresentar as duas faces que conduzem, a entendimentos imprecisos sobre as tecnologias: de um lado, a da acusação de deteriorar a sociedade e, de outro, a da solução para desvendar os mistérios da humanidade.

A fundamentação teórica destas reflexões apoia-se, sobretudo, em duas perspectivas: no conceito de *embodiment* e na Semiótica de Peirce. Sobre *embodiment* – palavra inglesa que significa incorporação, personificação, é esclarecida a preferência em manter a palavra em sua língua de origem, uma vez que na língua portuguesa esta palavra carrega uma compreensão de algo que não pertence ao corpo e é diferente dele, o que entraria em desacordo com os pressupostos da teoria e conceitos formulados por Lakoff e Johnson (1999) numa vertente das Ciências Cognitivas. Reconhecido como fundador da moderna teoria dos signos, Charles S. Peirce apresenta em sua teoria o axioma de que cognição, pensamento e o homem são semióticos por princípio. Assim, um pensamento é considerado um signo e, portanto, refere-se a outros pensamentos e objetos do

mundo, auxiliando na compreensão da Metáfora de Frankenstein e suas implicações nas produções emergentes de dança.

O corpo da dança e a tecnologia trafegam na complexidade de uma cultura em permanente desequilíbrio e transformação. Desta forma, a dança com mediação tecnológica não deve ser considerada uma inovação estilística que utiliza as novas mídias de modo indiscriminado e ingênuo, na forma de ferramentas facilitadoras ou decorativas. A dança com mediação tecnológica é uma manifestação artística que emergiu de um mundo irremediavelmente aleatório, como o descrito por Ilya Prigogine (1996), que nos permite compreender a relação ambiente-indivíduo como de implicação mútua, ressaltando que tanto na dinâmica quanto na física clássica, as leis fundamentais exprimem possibilidades ao invés de certezas.

De forma a incitar uma nova racionalidade que não mais pressupõe ciência e certeza, probabilidade e ignorância, este cientista russo, que recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1977, chama a atenção para questões relacionadas ao dilema do determinismo, onde se poderia predizer ou explicar qualquer evento; ao paradoxo do tempo, que está no coração da física e na dimensão fundamental de nossa existência, concebendo uma distinção não autorizada entre passado e futuro sem considerar a irreversibilidade e o conceito de sistemas dinâmicos instáveis:

Segundo uma frase que gosto de repetir: a matéria é cega ao equilíbrio ali onde a flecha do tempo não se manifesta; mas quando esta se manifesta, longe do equilíbrio, a matéria começa a ver! Sem a coerência dos processos irreversíveis de não-equilíbrio, o aparecimento da vida na Terra seria inconcebível. A tese de que a flecha do tempo é apenas fenomenológica torna-se absurda. Não somos nós que geramos a flecha do tempo. Muito pelo contrário, somos seus filhos. (PRIGOGINE, 1996, p. 10-11).

Apresentando, assim, as transformações das leis da física e suas implicações a toda nossa concepção e descrição de natureza, a questão do tempo e do determinismo é pensada além do limite das ciências, como mitos presentes no centro do pensamento ocidental, instaurados desde a época pré-socrática com a idéia de racionalidade. Questionando como seria possível conceber a criatividade humana ou a ética em um mundo determinista, este autor considera que “esta questão traduz uma tensão profunda no interior da nossa tradição, que se pretende, ao mesmo tempo, promotora de um saber objetivo e afirmação do idela humanista de responsabilidade e de liberdade” (PRIGOGINE, 1996, p.14).

Exposta a contradição e atentando para as implicações políticas, Prigogine (1996) aponta, ainda, que as ciências modernas e a democracia são ambas herdeiras de uma mesma história, que não sustentaria o ideal de uma sociedade livre defendido pela democracia se as ciências fizessem triunfar uma concepção determinista da natureza.

Em consonância com estas concepções, Setenta (2007) propõe que o corpo estaria interessado em perguntar e não em responder, e apresenta algumas questões sobre performatividade, dança contemporânea e ação política, fruto também da pesquisa desenvolvida no seu doutorado. Buscando diferenciar um agir performativamente de um agir performativamente, é tomada como hipótese a proposição de que “há uma organização de corpos onde o fazer artístico é o dizer. Onde uma ação coreográfica tem voz e existe em seu fazer-dizer” (p. 141). Sendo assim, a dança contemporânea é tratada como uma ação performativa e não performática, trazendo também, implicações ao pensamento de corpo:

Um corpo performativo dirá respeito ao que encena a dança contemporânea com uma diferença no seu fazer. Precisar ser um fazer-dizer com investimento em ações e organizações corporais que busquem realizar (performativizar) as idéias em movimentos em vez de tratá-las performativamente. [...] Pensar no corpo que age performativamente é pensar o corpo que excede o treino. Agir performativamente expõe corpos-idéias e não corpos ideais. [...] A diferença entre dançar performativamente e dançar performativamente repousa no modo de organização do pensamento e das idéias no corpo. (SETENTA, 2007, p.144-145).

A autora supracitada expõe que a aparente homogeneidade da área de Dança deve ser debatida, pois como o próprio meio não se assiste, as consequências convergem para a reprodução do entendimento exposto pela mídia. Considerando que há diferenças que precisam ficar evidentes, uma vez que não há unissonância nas idéias, pensamentos e modos de representação em dança, o conceito de performatividade viria para propor a multiplicidade dessas vozes.

O pensamento político em dança que aqui se sugere diz respeito ao entendimento de um construto e da atuação social das nossas atividades artísticas comprometidas com a diferença em suas representações. Entendemos que os fazedores da dança, inseridos numa sociedade, encontram-se numa relação de troca. [...] precisamos fugir do olhar generalizador sem reproduzir o senso comum de que esse é um país onde todo mundo dança. O

entendimento da performatividade flui para esse campo e pode colaborar. (SETENTA, 2007, p.142).

Para também exemplificar a preocupação com as questões referentes à outras possibilidades de estudo na área de Dança, destaco as propriedades e realizações feitas pelo grupo de pesquisa Processos Corporeográficos e Educacionais em Dança (Proceda), sob a liderança da professora Leda Muhana.

As atividades deste grupo contemplam, sobretudo, duas linhas de pesquisa: a dos processos enunciados corporeográficos; e a dos processos educacionais em dança. Sendo assim, parte-se do pressuposto de que a Dança é uma área específica de produção de conhecimento e, os empenhos do grupo refletem o interesse em investigar os seus âmbitos educacional e artístico. As ações do Proceda abrangem: o estímulo à produção acadêmica de seus recursos humanos; o processo de troca de informações com outros grupos de pesquisa, professores, pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação em Dança; o processo de formação continuada de professores e artistas por meio de oficinas, ciclo de palestras ou cursos sistematizados, não se limitando apenas à comunidade científica.

As repercussões das atividades do grupo Proceda perpassam, ainda, o fomento à pesquisas de doutorado, mestrado, especialização e iniciação científica; assim como, a organização de eventos científicos e artísticos na área da Dança, de âmbito nacional e internacional, possibilitando assim a difusão das pesquisas realizadas pelo grupo através de comunicações, palestras e seminários acadêmicos, como também a produção e publicação de artigos selecionados em periódicos especializados e em anais de congressos da área. Destaco aqui, a atividade de organização do evento de alcance internacional *World Dance Alliance of America* (WDA) & Simpósio Dança e Universidade: Pós Graduação e Pesquisa em Dança, realizado em novembro de 2007, na cidade de Salvador-Ba, onde foram apresentadas muitas das pesquisas desenvolvidas por este grupo.

Considera-se também, que outro fato relevante é a contaminação da atuação artística dos participantes pelas discussões propostas e vivenciadas em experimentos criativos e investigativos nos quais os conceitos de teoria e prática integram-se em textos de natureza diversa. Tais resultados também são apresentados e discutidos em festivais e mostras artísticas e geram proposições de

novas pesquisas, mostrando o trânsito de mão dupla entre o fazer artístico e o acadêmico.

Para finalizar este breve panorama, cito alguns dos temas das dissertações já defendidas pelos pesquisadores da segunda turma de Mestrado em Dança da Ufba, da qual faço parte, com o intuito de ampliar a dimensão que tem tomado os estudos nesta área. Assim sendo, a partir de seus títulos e autores, ressalto as pesquisas: *análise das racionalidades presentes em atividades formais de dança para pessoas com (d)eficiência: um estudo de casos múltiplos em Salvador–Ba*, de autoria de Eleonora Campos da Motta Santos; *apontamentos para uma história evolutiva do movimento: uma colaboração com as questões contemporâneas da dança*, da fisioterapeuta Adriana da Silva Oliveira; *a subversão da sujeição: ação política da dança do ventre em adolescentes sujeitadas e em instituições*, de Márcia Virgínia dos Reis Mignac; e, *a dança expressionista alemã: contribuições e incentivos para a dança na Bahia*, dissertação defendida por Carmen Paternostro Schaffner;

É considerando este olhar de um pensamento contemporâneo que tem transformado entendimentos sobre o corpo, a dança e as suas formas de conhecimento que está pautado este estudo. Esta breve revisão de literatura espera situar algumas das proposições e modos de enunciar a dança que tem sido contemplados pelos estudos mais contemporâneos, contribuindo assim, para a compreensão de suas singularidades.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ÁREAS DE CONHECIMENTO DE DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Por vezes me refiro à Educação Física, como também à Dança, personificando-as. Por exemplo, quando exponho questões que tem preocupado a Educação Física, em tempo, preocupam os pesquisadores desta área. Muitas vezes tal evento ocorre por atentar à implicação de utilizar o termo *profissional* de Educação Física. Tal denominação foi utilizada pelo Cref para diferenciar, dentro da própria área, aqueles que são filiados ou não a este Conselho.

Este esclarecimento traz também a necessidade de diferenciar os conhecimentos produzidos pelo campo da Educação Física e as opiniões difundidas

pelo conselho, profundamente atrelado a posturas políticas de conquista de poder e mercado de trabalho.

Esta área tem convivido com a dissociação entre os cursos de licenciatura e bacharelado, o que traz uma dissociação também nos objetos de estudo destes cursos, embora se constituindo na mesma área de atuação. Segundo Steinhilber (2006), “para o LICENCIADO é exclusividade atuar especificamente na componente curricular Educação Física na educação básica, e ao BACHARELADO é impossibilitada a atuação docente na educação básica” (p. 20, grifos do autor).

A licenciatura em Educação Física é legislada pela Resolução do Conselho Nacional de Educação/ Conselho Pleno (CNE/CP) 1, de 18 de fevereiro de 2002, enquanto o Bacharelado é apoiado na Resolução nº 7, de 31 de março de 2004. As distinções entre elas seriam:

A LICENCIATURA: a formação de professores que atuarão nas diferentes etapas e modalidades da educação básica, portanto, para atuação específica e especializada com a componente curricular Educação Física. O BACHARELADO (oficialmente designado de graduação) qualificado para analisar criticamente a realidade social, para nela intervir por meio das diferentes manifestações da atividade física e esportiva, tendo por finalidade aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável, estando impedido de atuar na educação básica. (STEINHILBER, 2006, p.20).

Pode-se considerar que a área da Educação Física ainda é uma grande guarda das lendas e mitos a respeito da dança, sobretudo nas opiniões divulgadas pelo conselho fiscalizador Cref-Confef. Além disso, a formação em nível superior nesta área tem reformulado seu currículo debatendo as questões das áreas de Educação e Saúde, sem incluir nesta discussão a área da Arte, onde a Dança, a rigor, se enquadra.

Assim, este estudo surge num momento oportuno a medida em que visa esclarecer alguns dos mitos e clichês sobre dança divulgados por textos de circulação científica do campo de conhecimento da Educação Física, considerando as polêmicas e conflituosas discussões que têm marcado as relações entre profissionais de dança e de educação física nas atuais ações políticas e jurídicas.

Espera-se colaborar para a construção de bases sólidas para o trabalho com a dança, seja ela opção dos profissionais da Educação Física ou dos profissionais de sua área específica, assim como esclarecer os meios de real colaboração entre estas duas áreas, sem que seus objetivos se confundam.

2.3 CORPO E MOVIMENTO

Contextualizado no ambiente das duas áreas em questão, o movimento, como objeto de estudo pode ser levado a diferentes compreensões. O *Dicionário crítico de educação física* prefere descrever ao invés da palavra movimento, o termo *se-movimentar*. Com o intuito de contemplar o sentido pedagógico no movimento humano, no qual a maior importância é atribuída ao *Sujeito que Se-Movimenta*, essa abordagem traz uma forte influência fenomenológica onde “o movimento humano, nesta perspectiva do ‘se-movimentar’, é entendido como uma conduta de atores numa referência sempre pessoal-situacional. Isso, portanto, só pode ser um acontecimento relacional, dialógico” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2005, p. 385). Eles consideram ainda que

fundamental para o entendimento das diferenças entre o movimento (humano) em geral (análises funcionais e mecânicas) e o movimento próprio (análise do se-movimentar) é que o primeiro trata do movimento como deslocamento em que as intenções e referências são externamente colocadas, apresentando-se como uma ação alienante para o executor, enquanto que o segundo vê o movimento de forma consciente e sempre a partir das referências anteriormente apresentadas (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2005, p. 387).

Já Greiner (2005), pesquisadora da área da Dança, em seu livro *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*, trata do movimento corporal apostando na negação da hegemonia epistemológica e dos dualismos entre corpo e mente; natureza e cultura, de forma a propiciar um deslocamento conceitual para que se testem novas paisagens. Para se inteirar das proposições que surgiram no século XXI, a autora considera que são importantes os estudos de Llinás, para quem “o pensamento é um movimento interiorizado” (LLINÁS, 2001 apud GREINER, 2005, p. 65).

A busca pelo entendimento do movimento através das bases da neurociência constrói a teia indissolúvel das ligações entre pensamento e corpo, esforçando-se por abandonar as idéias cartesianas que os dicotomizavam.

O corpo vivo se constrói como uma espécie de modelo semântico e este modelo emerge sempre da ação. Ele não a precede. Os conceitos são gerados ou tornados conscientes pelo corpo vivo, no fluxo da vida cotidiana. (GREINER, 2005, p.66)

Citando também os trabalhos de Lakoff e Johnson, Sheets-Johnstone, Edelman e Prigogine, a autora reforça que a aliança entre natureza e cultura é inevitável para os estudos do corpo. Tais teóricos garantem a construção de pontes entre os campos de conhecimento das ciências cognitivas, da filosofia, teorias da comunicação e da arte. Assim, é revelada a preocupação de permitir aos seus leitores uma desestabilização de pressupostos bem estabelecidos para que estes deslocamentos conceituais os permitam discutir tópicos específicos como a relação do corpo com a política, a estética, o esporte, a arte, dentre outros.

Ambientado nesta perspectiva, o movimento corporal é entendido como chave principal para a compreensão dos processos da comunicação. Uma vez que a história dos saberes desta área não pode ser restrita aos meios de comunicação, ela é concebida fundamentalmente pela complexa relação de mediação entre o corpo e o mundo, de forma que

pode-se constatar que embora o tema “movimento do corpo” tenha sido abordado em períodos anteriores, é a partir do começo do século XX [...] que se instaura um interesse maior sobre a singularidade do corpo, do gesto e dos estados corporais, tendo em vista aplicações no âmbito de experimentações práticas na medicina e na arte. Isto porque, o foco começa aos poucos a migrar das grandes questões (como funciona o corpo, como nasce o movimento, como a ação se desenvolve) para questões mais específicas (como funciona um corpo fazendo este movimento em ação em um espaço e tempo determinado). (GREINER, 2005, p.62).

Já a área da Educação Física possui também uma série de publicações sobre conceitos e pensamentos de corpo, sobretudo vinculados a estudos inseridos em diversas áreas das ciências humanas.

Utilizando um referencial próprio da Antropologia Social, Daolio (2005) discute a construção cultural do corpo humano com o intuito de reconstruir o universo de representações sobre o corpo que rege e orienta as práticas dos professores de Educação Física. O foco cultural exposto visa contribuir também para a análise do corpo como algo dotado de significações sociais, trazendo uma visão que procura se despir de preconceitos, uma vez que os homens são considerados iguais justamente na expressão de suas diferenças. Estas idéias estão impregnadas do princípio de alteridade emprestado da Antropologia, de forma a considerar que “as diferenças entre os vários grupos humanos não são como desigualdades, mas

como características específicas de cada grupo” (DAOLIO, 2005, p. 19). Este princípio implica, assim, na consideração e respeito às diferenças humanas, como também, à compreensão de uma dinâmica cultural própria.

Pode-se afirmar, portanto, que o corpo humano não é um dado puramente biológico sobre o qual a cultura impinge especificidades. O corpo é fruto da interação natureza/cultura. Conceber o corpo como puramente biológico é pensá-lo – explícita ou implicitamente – como natural e, conseqüentemente, entender a natureza do homem como anterior ou pré-requisito da cultura. (DAOLIO, 2005, p.41).

Para complementar com uma visão de corpo bem divulgada pela educação física, recorro a Medina (1996), autor do livro *A educação física cuida do corpo e... “mente”*. Esta obra foi bastante estudada por difundir que a Educação Física precisava entrar em crise e por acreditar que “o problema do corpo em nossa sociedade tem que ser repensado” (p. 12). As idéias sobre corpo nela contidas afirmam que

nós **não temos** um corpo: antes, nós **somos** o nosso corpo, e é dentro de todas as suas dimensões energéticas, portanto de forma global, que devemos buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, através de manifestações de seu **pensamento**, do seu **sentimento** e do seu **movimento**. (MEDINA, 1996, p. 12, grifos do autor).

Assim, pode-se notar que apesar de tratarem o movimento e o corpo humano como objetos de estudo centrais da sua formação, as áreas de conhecimento de Dança e Educação Física podem recorrer a diferentes concepções teóricas, o que implica numa diferenciação dos seus aspectos que parecem coincidentes e dos seus conhecimentos que parecem conjugados.

Neste ínterim, considerando a complexidade da dança e trazendo o olhar da Educação Física para os entendimentos de corpo, arte e ciência é que se espera caminhar pelas afinidades e distinções destas duas áreas do conhecimento, ciente de que

muito tempo ainda será preciso até que o corpo possa ser investigado como uma arquitetura de processos, ao mesmo tempo estável e adaptativo, individual e geral. Nele, a dança acontece como um fenômeno peninsular, não insular, que jamais prescinde da ligação com o continente ao qual pertence. Que se faz em teia e, portanto, pede conhecimentos plurais para ser investigada. A dança é o que impede o movimento de morrer de clichê (KATZ, 2003, p. 273).

2.4 OUTRAS DISTINÇÕES E AFINIDADES

Há também mais um ponto em comum além dos objetos de estudo, pois os cursos de formação superior nestas duas áreas admitem dois caminhos: a licenciatura ou o bacharelado.

Os cursos de Educação Física no Brasil têm uma história mais longa, mas sempre justificaram a amplitude da sua atuação profissional pelo fato da atividade motora ser elemento comum ao Esporte, à Dança e ao Lazer ou Recreação. A Dança, portanto, já estava presente no cenário profissional como possibilidade da Educação Física.

Contudo, a área da Dança começou a conquistar sua autonomia quando, em 1956, foi criado o seu primeiro curso superior na Ufba. Mais do que dançar estava a partir de então em pauta discutir, analisar, pesquisar, criticar, historiar e documentar a dança, afirmando ainda mais as palavras do coreógrafo Angelin Prejlokaj, citado por Verenger (1996), que dizia que aquele que é forte da panturrilha não é necessariamente analfabeto do verbo. A Dança veio conquistando seu espaço enquanto área de conhecimento e em 2006, na mesma escola pioneira, deu-se início à primeira turma de Mestrado em Dança da América Latina. Enquanto isso, apesar do grande crescimento do número dos cursos de graduação inaugurados na última década, ainda não há sequer um Mestrado específico em Educação Física no Estado na Bahia.

Além disto, Miranda (1991, apud Verenguer, 1996) admite que os conteúdos da dança só farão parte do planejamento escolar dos licenciados em Educação Física que tiveram experiências em dança anterior a vida universitária. Segundo a referida autora:

este fato sugere a possibilidade de que a forma como a Dança está sendo estudada pela Educação Física não propicia ao futuro professor o conhecimento e a confiança necessários para incluí-la nos seus planos de aula. Por outro lado, poderia ser questionada a real necessidade ou validade do estudo da Dança nos currículos de formação dos professores de Educação Física, já que ela pode ser estudada, a nível de Terceiro Grau nos Cursos Superiores de Dança, que formam professores e dançarinos e têm seu currículo mínimo aprovado desde 1971 (MIRANDA, 1991 apud VERENGER, 1996, p. 166).

Assim, após a sua pesquisa com profissionais envolvidos com a dança, que trabalhavam em universos ora ligados ora desvinculados à Educação Física, Miranda (1991, apud Verenguer, 1996) apresenta como conclusão o problema “da falta de definição do objetivo da Dança para o profissional em Educação Física, e [...] da presença da Dança nos cursos de Educação Física ser insuficiente para denominar-se formação em Dança” (p. 166).

Destarte, o currículo de formação em Educação Física não traria subsídios para que a Dança fosse trabalhada nesta perspectiva, pois retira dela o seu ponto mais essencial. Restritamente entendida como um dos seus conteúdos, a sua prática por estes profissionais permitiria que se fortalecessem não só os mitos, mas também criaria alguns equívocos com relação ao próprio entendimento da Dança por toda sociedade. No entanto, há também na Educação Física profissionais que já tiveram experiências no mundo artístico da Dança e, portanto, enriquecem o ensino desta Arte do movimento.

Buscando superar esta dificuldade, os novos cursos de graduação em Educação Física que estão surgindo atualmente já trazem o componente curricular Dança como obrigatório à formação de todos os acadêmicos desta área. O fato de garantir por um semestre este conhecimento dentro do seu currículo legitimaria o professor habilitado na área da Educação Física a atuar com este conteúdo da cultura corporal.

Vale ressaltar que este movimento de inclusão da dança como uma possibilidade pedagógica destes futuros profissionais não se dá em toda instituição de ensino superior em Educação Física. Há ainda cursos de graduação nesta área que, apesar de considerar a dança como mais uma possibilidade de intervenção dentre os seus conteúdos, não instituem nenhum estudo específico como necessário à formação deste profissional, de forma um tanto despreocupada com a sua atuação neste campo.

Mesmo levando em conta os cursos de Educação Física que tem se esforçado para garantir para a dança um espaço na sua estrutura curricular, deve-se considerar que esta ação pode não resolver as questões pertinentes às fragilidades conceituais existentes e, revelo aqui a minha preocupação com os tipos de conhecimento, e interesses, que podem estar sendo vinculados a estes estudos acadêmicos.

Ressalto, ainda, que investigar interfaces acerca da dança nestas duas áreas evidencia mais do que uma preocupação com o profissional que está sendo formado, mas sim, uma preocupação com o conhecimento que está sendo construído.

Este capítulo buscou trazer uma breve explanação de revisão de literatura que contemplasse os novos horizontes teóricos que tem sido explorados pela Dança enquanto área de conhecimento relacionada aos estudos mais contemporâneos em diversas ciências.

Trouxe também, considerações acerca das diferenças e afinidades que parecem revelar a intersecção entre estas duas áreas: Dança e Educação Física, esperando que o conhecimento gerado a partir deste estudo possa contribuir para inaugurar uma linha de pesquisa interdisciplinar que subsidiará potencialmente estudos em Educação, em Dança e em Educação Física.

Por conseguinte, esclarecimentos sobre questões relativas a algumas concepções de corpo e de movimento, serviram para ressaltar que as aproximações teóricas utilizadas para o estudo destes objetos centrais influenciam em muito no direcionamento conceitual estabelecido por cada uma destas áreas, fazendo com que as suas principais afinidades sejam também as geradoras das suas divergências.

É imprescindível ressaltar que as considerações apresentadas neste capítulo não dariam conta de abranger o grande número de pensamentos sobre corpo, movimento, dança ou educação física já produzidos por estas áreas. Destarte, foram destacados alguns dos pressupostos contemporâneos que norteiam o Programa de Pós-Graduação em Dança (PPG-Dança) da Ufba, de forma a estabelecer diálogos com alguns dos mais divulgados trabalhos na área de Educação Física, que será mais investigada a seguir no capítulo que trata dos artigos científicos publicados em três dos seus periódicos.

Por fim, o espaço gerado para dança dentro da estrutura curricular dos novos cursos de formação profissional em Educação Física é trazido a este contexto para revelar a preocupação com o tipo de conhecimento que pode ser difundido, com o fortalecimento de lendas e mitos sobre a dança, além do uso deste espaço para possíveis ações políticas para garantia de mercado de trabalho que sejam desprovidas de pensamento crítico.

3 A TEMÁTICA DANÇA EXPLORADA PELAS PUBLICAÇÕES NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo tem como finalidade analisar os artigos publicados em revistas científicas da área de Educação Física cuja temática está diretamente relacionada à dança. Pretende ainda, expor os procedimentos metodológicos que foram utilizados para esta cumprir esta tarefa.

Sendo assim, a pesquisa é considerada um procedimento formal que requer um tratamento científico com o fim de encontrar possíveis respostas para as questões propostas. O tipo de pesquisa foi escolhido em decorrência de não haver a pretensão de numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas, desta forma, a abordagem mais adequada é a qualitativa, pois

o primeiro aspecto que constitui um dado "qualitativo" é sua inserção num contexto naturalístico, ou seja, fora de ambientes organizados artificialmente para realização de estudos ou experimentos. O conhecimento que se busca é de como ocorrem as experiências cotidianas e quais os significados das mesmas para os sujeitos, não fazendo sentido retirá-los do seu "habitat" natural para estudá-los. (SILVA, 1996, p. 8)

Uma vez que as pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, compreendendo e classificando processos dinâmicos experimentados por grupos sociais já estabelecidos, poder-se-á explanar sobre a questão da Dança neste ambiente da Educação Física.

Além disso, segundo Oliveira (1998), este tipo de abordagem apresenta contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões, permitindo uma maior profundidade na interpretação das particularidades dos comportamentos e atitudes dos indivíduos. Constatada esta observação, o presente estudo ganha uma proporção ainda maior, pois a refutação da dança apenas enquanto conteúdo da Educação Física pode tornar essa investigação uma produção esclarecedora da autonomia da Dança como área de conhecimento específico, gerando mudanças nas opiniões formadas não apenas pelos estudiosos em Educação Física, mas também por toda sociedade.

O método de abordagem afina-se com o pensamento de Santos (2005), que defende uma posição epistemológica antipositivista onde todo conhecimento

científico é socialmente construído. Vale também ressaltar que, ainda de acordo com este autor, o rigor e a objetividade tradicionalmente conferidos às ciências, de modo geral, não sugerem verdades fixas e absolutas; e, o rompimento com o senso comum surge para proporcionar novas e esclarecedoras explicações.

Identificando este tipo de abordagem como a mais adequada forma de alcançar os objetivos do estudo proposto, as técnicas de pesquisa utilizadas como instrumento de coleta de dados serão as pesquisas bibliográfica e documental, e o tratamento dos dados se fará por análise de conteúdos.

Segundo Lakatos e Marconi (2006), “a pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas” (p. 44). São elas: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação; redação.

Deste modo, o primeiro passo consiste na escolha do tema. Para isto, segundo as referidas autoras, é necessário levar em consideração fatores internos e externos, evitando assuntos que foram estudados recentemente por conta da vasta gama de possibilidades de pesquisas que podem ser realizadas. Corroborando com todas as inclinações, aptidões e tendências e sendo extremamente compatível com as minhas qualificações profissionais, encontrei nesta relação entre Dança e Educação Física um objeto que merecesse ser investigado cientificamente, durante a Especialização em Metodologia da Educação Física e Esporte, realizada na Universidade do Estado da Bahia (Uneb), em 2006. Deste modo, o tema representava grande adequação aos fatores internos que devem ser pontuados para esta escolha, assim como, é considerado relevante e oportuno, dada a atual e polêmica discussão envolvendo profissionais, educadores e políticos das áreas da Dança, da Educação e da Educação Física.

Na elaboração do plano de trabalho, aliada à existência de obras pertinentes ao assunto em questão e à possibilidade de consulta de especialistas da área, foi determinado que o caminho a seguir consistia no levantamento e análise de artigos produzidos sobre dança em revistas científicas da área de conhecimento de Educação Física. Como estratégia de delimitação do trabalho foram escolhidas as três revistas mais representativas na área da Educação Física que continham material sobre o tema a ser estudado. São elas: a RBCE, a Revista Motrivivência e a Revista Pensar a Prática.



Figura 1 – Capa da Revista Motrivivência, ano II, n.3 (1990)

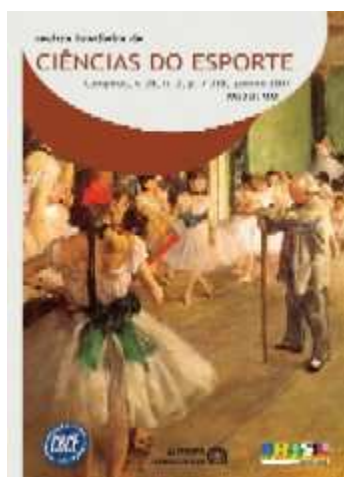


Figura 2 – Capa da RBCE, v.28, n.2 (2007)



Figura 3 – Capa da Revista Pensar a Prática, v. 6 (2002-2003)

Após estes primeiros passos e percebendo que delineado estava o caminho, parti para as fases de identificação, localização e compilação. Para esta reunião sistemática de material foram utilizadas como método as pesquisas documental e bibliográfica.

A pesquisa documental, neste contexto, refere-se à busca dos periódicos selecionados para análise. Para esta etapa do trabalho contei com a colaboração do Professor Luiz Rocha e seu acervo pessoal da Revista Motrivivência; do Professor Cesar Leiro e seu acervo da RBCE, assim como o precioso volume seis da Revista Pensar a Prática. Os outros artigos relacionados à dança que estavam dispostos em outros volumes da Revista Pensar a Prática foram encontrados disponíveis para acesso no seu ambiente virtual. Para dar conta dos artigos mais antigos publicados na RBCE, foi necessária a aquisição da edição eletrônica de 25 anos da citada revista, onde se encontram digitalizados volumes desde o ano de 1979 a 2003.

O outro tipo de pesquisa utilizado para o levantamento dos dados é a pesquisa bibliográfica, que

tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno. Normalmente, o levantamento bibliográfico é realizado em bibliotecas públicas, faculdades, universidades e, especialmente, naqueles acervos que fazem parte do catálogo coletivo e das bibliotecas virtuais. (OLIVEIRA, 1998, p. 119).

Outras bibliografias são parte do meu acervo pessoal e das consultas às bibliotecas das Faculdades de Educação da Ufba e da Uneb – Campus I.

Ao tomar contato com o material a ser analisado percebi a grandeza de com ele trabalhar. Os artigos publicados foram elencados por tratar de um assunto comum: dança. A procura foi realizada em busca desta palavra-chave nos títulos e subtítulos de todos os volumes dos referidos documentos de comunicação científica.

A riqueza de contextos nos quais a mesma está inserida foi percebida logo nos primeiros fichamentos e traz muita diversidade apesar de não serem muito numerosas as suas publicações. A quantidade de artigos identificados segundo este percurso metodológico, 40 no total, precisamente, abriu a possibilidade de abarcar a todos e transformar este estudo numa pesquisa não-amstral, mas sim numa compilação de idéias a respeito de todo material que já foi publicado por esses

periódicos da área da Educação Física – RBCE, Motrivivência e Pensar a Prática – que tinham seu foco na área da Dança.

Vale ressaltar que o período de escolha e análise dos artigos é anterior ao da conclusão do texto final deste estudo, e desta forma, outras publicações sobre dança se que façam presentes nestes periódicos não se encontrarão nesta análise. O limite temporal deste trabalho, portanto, compreende textos de 1988 a 2008, não considerando assim, os artigos que possivelmente sejam publicados no presente ano de 2009.

Acreditando na complexidade das relações e partindo do pressuposto que esse mesmo objeto de estudo – a dança – se apresenta de diferentes formas em variados contextos, a finalidade desta pesquisa consiste em estudar como se dá a relação dessa possível co-existência – dança e educação física.

Quantitativamente, os dados obtidos no contato com as revistas científicas revelam as seguintes características:

Tabela 1 – Dados obtidos da análise das revistas científicas

PERIÓDICOS	ANO DE PUBLICAÇÃO DA 1ª REVISTA	TOTAL DE REVISTAS PUBLICADAS	QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES SOBRE DANÇA
Motrivivência	1988 a 2006	24	12
RBCE	1979 a 2008	69	10
Pensar a Prática	1998 a 2008	16	18

Fonte: Motrivivência, RBCE e Pensar a Prática.

Com o intuito de discriminar o material trabalhado, seguem abaixo as tabelas de referência das 40 publicações encontradas em cada um dos periódicos desta amostragem:

Tabela 2 – Publicações sobre dança na Revista Pensar a Prática

AUTORES	TÍTULOS	REFERÊNCIAS
ABRÃO, Elisa.	As relações entre arte e tecnologia: a dança híbrida do Cena 11.	Pensar a prática, Goiânia, v. 10.2, p. 221-236, jul./dez. 2007.
ASSUMPÇÃO, Andréa Cristhina Rufino.	O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 1-19, jul./jun. 2002-2003.
ASSUNÇÃO, Claudia Cristina da Silva; PINHO, Pablo Borges.	Um retrato sobre a realidade da prática pedagógica da dança na educação física e o que propõem os PCNs. [Resumo]	Pensar a prática, Goiânia, v. 4, p. 163-164, 2001.
BEZERRA, Laise Tavares Padilha; PORPIRO, Karenine de Oliveira.	Entre corpos reais e virtuais: reflexões da dança contemporânea para pensar o corpo na Educação Física.	Pensar a prática, Goiânia, v. 10.2, p. 275-290, jul./dez. 2007.
BRASILEIRO, Livia Tenório.	O conteúdo “dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar?	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 45-58, jul./jun. 2002-2003.
FÁTIMA, Conceição Viana de.	Dança: um caminho para a totalidade. [Resenha]	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 157-159, jul./jun. 2002-2003.
FERRAZ, Thais Gomes.	Cotidiano e dança na periferia: reflexões para uma prática educativa.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 117-138, jul./jun. 2002-2003.
FIAMONCINI, Luciana.	Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 59-72, jul./jun. 2002-2003.
GOMES JÚNIOR, Lázaro Moreira; LIMA, Lenir Miguel de.	Educação estética e Educação Física: a dança na formação de professores.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 31-44, jul./jun. 2002-2003.

Tabela 2 – Publicações sobre dança na Revista Pensar a Prática

AUTORES	TÍTULOS	REFERÊNCIAS
GUIMARÃES, Gina.	Dança nos ciclos de escolarização: aproximações teóricas.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 21-29, jul./jun. 2002-2003.
LIMA, Lenir Miguel.	Um momento de dança em Goiás.	Pensar a prática, Goiânia, v. 1, p. 74-80, 1998.
PACHECO, Ana Júlia Pinto.	Educação Física e dança: Uma análise bibliográfica.	Pensar a prática, Goiânia, v. 2, p. 156-171, 1999.
RIBEIRO, Paula Cristina Peixoto.	Quasar Companhia de Dança: expressão da contemporaneidade em Goiás.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 87-106, jul./jun. 2002-2003.
SANTOS, Rosirene Campelo; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves.	Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 107-116, jul./jun. 2002-2003.
SOUSA, Caroline Protásio; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves.	Uma proposta de dança na melhor idade.	Pensar a prática, Goiânia, v. 4, p. 115-122, 2001.
SOUZA, Maria Inês Galvão; PEREIRA, Patrícia Gomes Pereira; MELO, Victor Andrade de.	Dança e animação cultural: improvisações.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 139-155, jul./jun. 2002-2003.
STRAZZACAPPA, Márcia.	Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas.	Pensar a prática, Goiânia, v. 6, p. 73-85, jul./jun. 2002-2003.
VIANA, Raimundo Nonato Assunção.	Corpo, estética, dança popular: situando o bumba-meu-boi.	Pensar a prática, Goiânia, v. 8, n.2, p. 227-242, 2005.

Fonte: Revista Pensar a Prática.

Tabela 3 – Publicações sobre dança na Revista Motrivivência

AUTORES	TÍTULOS	REFERÊNCIAS
BASTOS, Daniela.	A prática pedagógica em questão: o trato com o conhecimento dança no projeto Expressão.	Motrivivência, ano XI, n. 12, p. 119-130, maio 1999.
FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves; TAVARES, Maria da Consolação C.; VENÂNCIO, Silvana.	Uma reflexão sobre a pessoa portadora de deficiência visual e a dança.	Motrivivência, ano XI, n. 12, p. 213-220, maio 1999.
KRISCHKE, Ana Maria Alonso; SOUSA, Iracema Soares de.	Dança improvisação, uma relação a ser trilhada com o lúdico.	Motrivivência, ano XVI, n. 23, p. 15-27, dez. 2004.
KUNZ, Maria do Carmo Saraiva.	Ensinando a dança através da improvisação.	Motrivivência, ano V, n. 5/6/7, p. 166-169, dez. 1994.
LEITÃO, Fátima C. do Valle; SOUSA, Iracema Soares de.	O homem que dança.	Motrivivência, ano VII, n. 8, p. 250-259, dez. 1995.
LIMA, Elaine Cristina Pereira; FIAMONCINI, Luciana.	Dançando na escola, politizando a dança: um estudo sobre o projeto dança escolar da Prefeitura Municipal de São José.	Motrivivência, ano XVI, n. 23, p. 29-41, dez. 2004.
PORPIRO, Karenine; MARQUES, Larissa; SAMPAIO, Poliana.	Dançando e educando.	Motrivivência, ano II, n. 3, p.33, jan. 1990.
PRADO, Nadja Seixas.	Dança através de movimentos livres naturais.	Motrivivência, ano I, n. 1, p. 87-88, dez. 1988.
SALES, Sandra.	A realidade social como base do trabalho nas escolas públicas: jogos/esporte/ginástica/dança, além do real aparente.	Motrivivência, ano VI, n. 4, p. 187-188, jun. 1993.

Tabela 3 – Publicações sobre dança na Revista Motrivivência

AUTORES	TÍTULOS	REFERÊNCIAS
SOARES, Andressa Silveira; SARAIVA, Maria do Carmo.	Fundamentos teórico-metodológicos para a dança na Educação Física.	Motrivivência, ano XI, n. 13, p. 103-118, nov. 1999.
VIEIRA, Arabel Issa; TAVARES, Maria da Consolação C. F.	A dança e os indivíduos portadores de lesão medular.	Motrivivência, ano IX, n. 10, p. 208-212, dez. 1997.
WINTER, Wilson.	A dança da Pedra Mó: movimento e extensão universitária.	Motrivivência, ano II, n. 3, p.32, jan. 1990.

Fonte: Revista Motrivivência.

Tabela 4 – Publicações sobre dança na Revista Brasileira de Ciências do Esporte

AUTORES	TÍTULOS	REFERÊNCIAS
ANDRADE, Cecília Fonseca Pessoa de; NASCIMENTO, Eduisa Silva do; LEMES, Elaine Aderne; SILVA, Eulália Alves da; HORTALE, Georgette Alonso; SILVA, Ieda Lucia; SANTOS, Noemia Lourdes da Silva dos.	Proposta dança/educação: por que, como e para quê?	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 16, n. 1, p. 28-30, set. 1994.
ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana Martins.	Entre o jogo estético e o impulso lúdico: um ensaio de dança.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 27, n. 2, p. 121-130, jan. 2006.
ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana; TEVES, Nilda.	O dito e o interdito: análise das formações discursivas produzidas pela mídia impressa acerca do papel atribuído à dança em projetos sociais na cidade do Rio de Janeiro.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 101-115, jan. 2005.

Tabela 4 – Publicações sobre dança na Revista Brasileira de Ciências do Esporte

AUTORES	TÍTULOS	REFERÊNCIAS
DANTAS, Mônica Fagundes.	Dança: forma, técnica e poesia do movimento na perspectiva de construção de sentidos coreográficos.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 18, n. 2, p. 157, jan. 1997.
LARA, Larissa Michelle; RINALDI, Ieda Parra Barbosa; MONTENEGRO, Juliana; SERON, Taiza Daniela.	Dança e ginástica nas abordagens metodológicas da educação física escolar.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 155-170, jan. 2007.
MADUREIRA, José Rafael.	Delsartes e Dalcroze: personagens de uma dança (re) descoberta.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 20, n. 2 e 3, p. 180-184, 1999.
MAYER, Alice Mary Monteiro.	Um “olhar” fenomenológico sobre o processo criativo em composição coreográfica na área de dança-educação.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 20, n. 2 e 3, p. 185-190, 1999.
PORPIRO, Karenine de Oliveira; TIBÚRCIO, Larissa Kelly de Oliveira Marques.	Cenas urbanas e cenas da dança: compondo novos repertórios pedagógicos no contexto do ensino superior.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 141-154, jan. 2007.
RETONDAR, Jeferson José Moebius.	Dança e arte ou o sensível e o inteligível em Hegel e Valéry.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 19, n. 2, p. 14-19, jan. 1998.
SBORQUIA, Sílvia Pavesi; GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez.	As danças na mídia e as danças na escola.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 23, n. 2, p. 105-118, jan. 2002.

Fonte: Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Tecendo comentários sobre as revistas científicas selecionadas e os artigos identificados para análise, a primeira observação é que o número de revistas publicadas não interfere na quantidade de publicação de artigos sobre a temática explorada, uma vez que, a Revista Pensar a Prática além de ser a publicação inaugurada mais recentemente, é também a que possui um número menor de volumes já lançados e, no entanto, neste periódico encontra-se a maior incidência de material a respeito de dança. Dentre seus volumes, há um lançamento totalmente dedicado à dança, o que a torna muito significativa para este estudo.

Na Revista Motrivivência é interessante observar que, desde o seu volume de lançamento, já há uma contribuição das reflexões metodológicas que estavam sendo geradas sobre dança no final dos anos 80. Já a RBCE traz uma predileção pelo tema construído na relação entre mídias, tecnologias e dança.

Para abordagem do material coletado foi realizada a análise de conteúdos segundo o referencial teórico encontrado em Vieira (2006). A partir de suas definições sobre formas de conhecimento, foi proposta uma divisão em subcapítulos sem a pretensão de gerar uma classificação, ordenamento ou hierarquia entre as produções. A fundamentação adotada considera que:

a Gnosiologia clássica propõe, como um de seus problemas, a ocorrência de algumas formas ou tipos de conhecimento em sistemas cognitivos humanos [...] para alguns autores, distingue um conhecimento discursivo, um intuitivo e, como subvariedade desse, um conhecimento compreensivo; incluiremos aqui o chamado conhecimento tácito, proposto por Michael Pollany (Davis, 1969). (VIEIRA, 2006, p.49).

Destarte, utilizar-me-ei das conceituações para conhecimento discursivo, intuitivo e tácito para expor diversos contextos relacionados à dança encontrados neste pequeno universo da área de conhecimento da Educação Física trazido por estes três periódicos selecionados.

Antes de passar à análise de conteúdos e com a finalidade de melhor qualificar as revistas científicas escolhidas para esta amostra, acrescento que

a Revista Motrivivência é vinculada ao Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. Periódico de caráter anual teve o primeiro volume editado no ano de 1988 pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. A Revista Brasileira de Ciências do Esporte é um dos mais tradicionais periódicos científicos brasileiros na área da Educação

Física/Ciências do Esporte e se constitui no principal órgão de divulgação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. A Revista *Pensar a Prática* é organizada por professores da Faculdade de Educação Física e está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás. (LEIRO, 2004, p. 114).

A pretensão da análise a seguir é, pois, trazer as informações advindas do contato com estes artigos publicados sobre dança, de forma a dimensioná-la como objeto de estudo na área da Educação Física. A análise e discussão dos pontos mais relevantes destas publicações buscam revelar as questões geradas por pesquisadores da área da Educação Física através de seus estudos com dança, na tentativa de evidenciar os pensamentos e/ou entendimentos de dança gerados por estes escritos.

Vale ressaltar que são inúmeros os periódicos que relacionam temas sobre Educação Física. Catalogadas pelo Centro Esportivo Virtual, encontramos 209 revistas em língua portuguesa e 1151 em língua estrangeira.

Analisando as referências nacionais, nota-se que existem diversas revistas especializadas em treinamento desportivo, cujas produções expõem resultados de testes das valências físicas de atletas e praticantes de certas modalidades. Certamente, dentre elas é possível encontrar estudos feitos com dançarinos.

Para exemplificar este repertório de publicações, apresento dados da Revista *Cinergis*, produzida pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), pois este periódico já dedicou toda uma edição anterior a textos relacionados à dança. Segundo a página eletrônica de apresentação da própria revista, sua missão é divulgar as produções na área de ciências do movimento humano e saúde de forma a veicular conhecimentos aplicados à saúde comunitária, atividade física, estilo de vida e bem estar, lazer e recreação, jogo e esporte. Essas características nos levam a artigos que discutem *Tratamento para escoliose através do método iso-stretching e uso de bola suíça* (BONORINO; BORIN; SILVA, 2007); *Adiposidade corporal em crianças de baixa renda* (RIBEIRO; FACHINETO; LIVINALLI, 2007); ou *Relação entre idade e variação da flexibilidade de bailarinas* (SILVA; BADARÓ, 2007). Identificando que este último poderia ter sua temática relacionada à dança, trago à tona os propósitos e métodos deste título:

O objetivo deste estudo foi verificar se o comportamento da flexibilidade, após 8 semanas de aplicação da técnica de alongamento por Facilitação Neuromuscular Proprioceptiva em bailarinas, tem relação com suas idades. A amostra foi obtida de forma intencional, composta por 11 bailarinas na faixa etária de 13 a 16 anos. Realizou-se avaliação da flexibilidade angular dos movimentos de flexão (com o joelho estendido), abdução e rotação externa do quadril através da goniometria e da flexibilidade linear com a Caixa de Sentar e Alcançar de Wells, antes e após o período experimental de oito semanas, com duas intervenções semanais, utilizando a técnica de FNP. Para análise, usou-se estatística descritiva, teste t e correlação linear de Pearson. Adotou-se significância de 5%. Somente a variação da rotação externa e da Caixa de Sentar e Alcançar, durante o período experimental, apresentaram correlação estatisticamente significativa com a idade das bailarinas, porém, essa correlação ainda assim foi bastante fraca. Pode-se perceber que praticamente não houve relação entre a variação da flexibilidade com a idade da amostra. (SILVA; BADARÓ, 2007, p. 51).

As características apresentadas nesta pesquisa justificam a escolha de revistas científicas com outros propósitos e metodologias de trabalho. Dentre os estudos elencados para a presente análise, não se encontram preocupações a respeito das qualidades ou habilidades físicas mensuradas por testes protocolados que resultam em estudos quantitativos como este especificado acima. Creio, entretanto, que se faz relevante indicar a existência de artigos nestes moldes, mesmo tendo optado por discorrer acerca daqueles que trazem questões mais pertinentes à área de Educação.

Levando em consideração a complexidade dos temas tratados, vale ressaltar que seus assuntos se misturam e a identificação de determinado trabalho em uma das subdivisões propostas, não aprisiona o seu conteúdo ao subtítulo em análise. Em oposição a isto, acredito que a maioria dos artigos encaixar-se-ia em mais de uma destas subdivisões. Sendo assim, diversas temáticas serão aqui apresentadas e comentadas sem a pretensão de que esta explanação dê por esgotado qualquer assunto.

Esclareço também que a presente dissertação não é um trabalho de crítica de dança. A proposta aqui é investigar as abordagens, apropriações e pensamentos de dança a partir da análise de artigos publicados em revistas científicas do campo de conhecimento da Educação Física, identificando questões de interface entre estas duas áreas de conhecimento no que concerne à abordagem de dança, considerando suas especificidades.

3.1 CONHECIMENTO DISCURSIVO

Trata-se por conhecimento discursivo, aquela forma de conhecimento “que nos dá o objeto mediata e indiretamente, como término de um raciocínio” (Vita, apud Vieira, p. 49-50). Sendo assim, considera-se que conhecimento discursivo e raciocínio estão relacionados.

Considero, grosso modo, que todo material desta amostra estaria enquadrado na forma de conhecimento discursivo uma vez que a proposta é analisar os discursos textuais sobre dança publicados em revistas científicas do campo da Educação Física. Para esta análise, contudo, atento para o fato de que a classificação foi deferida a partir dos conteúdos encontrados nos artigos e não apenas considerando o tipo de produção elencada.

Com este fim, portanto, serão ligados a este conceito de conhecimento discursivo os artigos que tratam substancialmente da fundamentação teórica da dança. Há casos de revisões de literatura e estudos bibliográficos com teorias de autores não só da área de dança, como também música, filosofia e outras. Sendo assim, os textos cujos conteúdos foram identificados com esta proposta estão relacionados na tabela a seguir:

Tabela 5 – Artigos com conteúdos identificados como conhecimento discursivo

AUTORES	TÍTULOS
ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana Martins.	Entre o jogo estético e o impulso lúdico: um ensaio de dança.
ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana; TEVES, Nilda.	O dito e o interdito: análise das formações discursivas produzidas pela mídia impressa acerca do papel atribuído à dança em projetos sociais na cidade do Rio de Janeiro.
BRASILEIRO, Livia Tenório.	O conteúdo “dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar?
DANTAS, Mônica Fagundes.	Dança: forma, técnica e poesia do movimento na perspectiva de construção de sentidos coreográficos.
FÁTIMA, Conceição Viana de.	Dança: um caminho para a totalidade.
FIAMONCINI, Luciana.	Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética.

Tabela 5 - Artigos com conteúdos identificados como conhecimento discursivo

AUTORES	TÍTULOS
GUIMARÃES, Gina.	Dança nos ciclos de escolarização: aproximações teóricas.
LARA, Larissa Michelle; RINALDI, Ieda Parra Barbosa; MONTENEGRO, Juliana; SERON, Taiza Daniela.	Dança e ginástica nas abordagens metodológicas da educação física escolar.
LEITÃO, Fátima C. do Valle; SOUSA, Iracema Soares de.	O homem que dança.
MADUREIRA, José Rafael.	Delsartes e Dalcroze: personagens de uma dança (re) descoberta.
MAYER, Alice Mary Monteiro.	Um “olhar” fenomenológico sobre o processo criativo em composição coreográfica na área de dança-educação.
PACHECO, Ana Júlia Pinto.	Educação Física e dança: Uma análise bibliográfica.
RETONDAR, Jéferson José Moebius.	Dança e arte ou o sensível e o inteligível em Hegel e Valéry.
SBORQUIA, Sílvia Pavesi; GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez.	As danças na mídia e as danças na escola.
SOARES, Andressa Silveira; SARAIVA, Maria do Carmo.	Fundamentos teórico-metodológicos para a dança na Educação Física.

Fonte: Revistas Pensar a Prática, Motrivivência e Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Início os comentários sobre esta produção aqui identificada, esclarecendo que a utilização de notas explicativas vem para qualificar os autores dos artigos científicos analisados, trazendo referenciais das titulações dos mesmos na época em que foram publicados. As informações foram encontradas nos próprios textos analisados.

Assim, trago os textos que tratam substancialmente da relação entre conceitos de teóricos das mais diversas áreas e questões da dança. São eles: os estudos de Retondar (1998); Madureira (1999); Fátima (2002-2003); Assis, Correia e Teves (2005); Assis e Correia (2006).

O objetivo de Retondar¹ (1998) no seu estudo foi analisar o lugar do sensível e do inteligível nas estéticas de Hegel e Valéry, partindo do pressuposto de que a dança seria uma possibilidade de expressão artística. Portanto, propondo a discussão entre o sensível e o inteligível, Retondar parte das idéias de Valéry sobre a dança em diálogo com as reflexões da Estética de Hegel, apontando pontos comuns e divergentes entre estes autores.

Destarte, entramos aqui em contato com uma publicação que ressalta a qualidade artística da dança, partindo de reflexões filosóficas e atentando para a sua condição de Arte, por vezes desprezada pelos pensamentos no campo da Educação Física. Entretanto, o entendimento de dança encontrado nas reflexões de Valéry promove a difusão de muitas das lendas que têm sido combatidas pelos atuais pesquisadores em Dança.

Para Valéry,

a dança não se resume àquilo que é captado pelo olhar, muito menos é a representação de alguma coisa que não seja ela mesma, mas antes se apresenta enquanto livre jogo que faz vibrar a alma no sensível. Daí se poder dizer que a dança, em grande medida, promove uma experiência estética relaxante, catártica, ainda que com nuances mais de projeto do que de fuga da realidade. [...] a dançarina que vibra e que se agita adoravelmente aos olhos do público se diviniza momentaneamente, pois parece pertencer a um outro mundo. (RETONDAR, 1998, p. 18).

O corpo é visto como perseguidor da universalidade da alma e remediador de sua identidade através de atos que busquem atingir “uma posse completa de si mesmo, e um grau sobrenatural de glória!” (VALÉRY, 1996, apud RETONDAR, 1998, p.18).

Aponto aqui, a necessidade de refletir sobre esse pensamento de dança que a pressupõe como experiência relaxante e catártica, que traz a divinização do dançarino, fazendo-o pertencer a um outro mundo, através da vibração da alma no sensível. Esses pensamentos levam à negação de que a dança seja a representação de algo que não ela mesma, reforçando vários dos mitos que tentam ser combatidos pela área.

Passando a comentar o artigo de Madureira² (1999), nota-se que este autor adota os pensamentos da dançarina Isadora Duncan, grande representante da

¹ Professor de Educação Física da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

² Mestrando pela Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (Unicamp).

dança moderna, agregando também as contribuições de François Delsarte e Emile Jacques-Dalcroze para tratar das transformações da modernidade que atingiram a dança, as artes e a sociedade.

Delsarte e Dalcroze foram escolhidos como protagonistas deste estudo, por pensarem a corporalidade humana (gestos, ritmo, movimento) de uma maneira peculiar. Por desenvolverem, sendo funcionalistas, leis orgânicas do ritmo e do gesto. Ao serem interpretados, podem nos proporcionar a inteligibilidade desta dança do século XX (talvez também a dança do século que está por vir), desta poética do CORPO e do ESPAÇO. (MADUREIRA, 1999, p. 181, grifos do autor).

Neste trabalho são comentados o método corporal Eúritmia (Rythmique), de Dalcroze, e a Estética Corporal Aplicada, de Delsarte. São também chamados à interlocução Ted Shawn, “responsável pela divulgação das teorias expressivas delsarteanas na dança americana” (MADUREIRA, 1999, p. 182) e Adolphe Appia, colaborador dos escritos de Dalcroze.

Neste texto também são encontrados pontos questionáveis a respeito da arte e da natureza humana, uma vez que, comentando sobre o trabalho de Delsarte, é difundida a idéia de que “a grande motivação destas leis e princípios é desenvolver ou despertar a expressividade do corpo, retirá-lo de sua mo(r)bilidade cotidiana e elevá-lo ao *status* de objeto de arte, de beleza e espiritualidade que lhe pertence: ‘Toda criança nasce artista’” (MADUREIRA, 1999, p. 182). Esta última afirmação cairia no extremo do determinismo, apresentando a falácia que creditaria o *nascimento do artista* apenas às explicações biológicas, solapando as responsabilidades das explicações ambientais. Tal afirmação desconsidera os recentes estudos de Steven Pinker (2004) onde natureza e cultura estariam imbricados, e corpo e ambiente coevoluem indissociadamente.

Já Fátima³ (2002-2003), elege para a sua resenha, o texto de Bernad Wosien “Dança: um caminho para totalidade”, publicado postumamente no ano 2000. A exposição das idéias deste autor aborda diversos aspectos da dança, sobretudo, o transcendental. Considerado bailarino, coreógrafo, pedagogo, desenhista, pintor, este pesquisador teria nas danças circulares de raízes religiosas a sua preferência, devido ao alto teor simbólico nelas contido, de acordo com o artigo de Fátima. Pode-se constatar nesta produção o pensamento de dança que

³ Professora da Escola Superior de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

afirma “que a linguagem do movimento do corpo, assim como toda arte, nasce do silêncio, que é meditação, oração” (FÁTIMA, 2002-2003, p. 157). O autor é apresentado como

homem de instrução clássica, investido da sabedoria dos longevos, como demonstrado pela amplitude de informações contidas nessa publicação, que contribui para o estabelecer do reencantamento do mundo, do ser e viver holisticamente, motivando seus leitores a encontrar na dança o caminho para totalidade. (FÁTIMA, 2002-2003, p. 159).

Este discurso parece trazer mais credibilidade aos conceitos difundidos por este autor, entretanto, mais uma vez é possível observar teorias que se apresentam de forma clássica para pensar a dança, a arte, e até mesmo a verdade, dada pela filosofia. Neste trabalho encontramos o conceito de que antes de ser arte, a dança seria meditação, constituindo-se, deste modo, em um dos mais destacados meios de pedagogia criativa e terapia. Essa manifestação corporal apresentaria o caminho propício para alimentar a necessidade humanidade da mística, atitude natural e sensível da alma.

Conceitos como estes são bastante populares entre o senso comum. É preciso pontuar com cuidado que sérias são as implicações das correlações: arte considerada como tudo que é belo, dança como reencantamento do mundo e verdade como dado universal.

Já o estudo de Assis⁴, Correia⁵ e Teves⁶ (2005) utilizou-se das concepções de Orlandi sobre análise do discurso para analisar reportagens jornalísticas da mídia impressa com a finalidade de entender como se formam as construções imaginárias em relação ao papel da dança nos projetos sociais que acontecem nas favelas do Rio de Janeiro.

Segundo estas autoras, “a prática da dança assume uma dimensão moralizante de correção e ajuste social” (p. 101). A partir do material analisado, as autoras perceberam uma interpretação positiva da realidade por parte da mídia, contudo, os elogios a estes projetos sociais não enfatizam dimensões da arte e do esporte, a exemplo da criatividade e ludicidade.

⁴ Docente do Centro Universitário Augusto Motta e Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF).

⁵ Docente da UGF e do Centro Universitário Augusto Motta, Mestre em Educação Física pela UGF.

⁶ Docente da UGF e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Deste modo,

parece que o papel da dança, nos projetos sociais, passa então pela tentativa de consolidação e manutenção de valores estabelecidos socialmente. Ela não possui uma posição emancipada, e vinculando-se a qualquer forma de organização social se enfraquece em sua possibilidade de dissimulação, transfiguração e transformação. Apoiando-se na ciência, na moral e na religião, a dança perde sua potência criativa, deixa de ser fonte de invenção e revolução e torna-se incapaz de abarcar o humano. (ASSIS; CORREIA; TEVES, 2005, p. 110).

É analisado criticamente que, tratada como um paliativo das mazelas sociais, a possibilidade de dançar traz consigo o sonho da ascensão social, do impulso para um *futuro melhor*, semelhante à idéia que a mídia tenta instituir sobre a prática esportiva.

Outra colaboração que busca refletir sobre a dança a partir de conceitos de teóricos de uma outra área é também assinada pelas autoras Assis e Correia (2006), e diz respeito a pensar a dança como uma vivência lúdica de modo a aproximá-la dos conceitos de jogo propostos por Caillois em 1958. Essas categoriais do jogo, mais precisamente, representam o papel da competição, da sorte, do simulacro e da vertigem.

De modo a estabelecer um elo entre a experiência lúdica e a dimensão estética, as autoras consideram que “a dança é uma possibilidade de expressão em que o corpo do bailarino se estetiza e se transmuta em uma obra de arte” (ASSIS; CORREIA, 2006, p.122), que é desprendida de qualquer imperativo de funcionalidade. Esta característica seria a que diferenciaria a arte de todas as outras produções humanas.

O artigo destaca que o aspecto da competição em dança emerge com diferentes sentidos e funções dentro do seu universo, pois ela também

pode ser vista na dança em termos de maior técnica corporal e artisticidade para ocupar-se o cargo de primeira bailarina, em um balé clássico, por exemplo, ou para vencer audições (concursos) com o intuito de ingressar em companhias de dança nacionais e internacionais e dar início a sua carreira profissional de bailarino ou bailarina. Muitos projetos sociais da dança, por sua vez, já partem de uma seleção antes mesmo de iniciarem as aulas de dança, ou seja, as crianças são submetidas a vários testes de habilidades específicas. (ASSIS; CORREIA, 2006, p. 127).

Além destas considerações sobre competição no mundo da dança, as autoras atentam também para a grande tendência de esportivização que vem sendo incentivada devido à espetacularização produzida pela narrativa televisiva.

É possível acompanhar muitas ações desta mídia para promover a dança competitiva, que seria sujeita a julgamentos de valor numérico, regulamentos para a prática da atividade, além da possível identificação do *atleta da dança*. Intervenções deste tipo levariam muitos a identificar na dança o conceito de atividade físico-desportivo-recreativa proposto pelo Confef, provavelmente grande incentivador e controlador de ações como esta.

Para fundamentar esta discussão, cito Nozaki (2004), que em sua tese de doutorado, expõe a polêmica causada pela veiculação de duas reportagens jornalísticas na TV Globo em maio de 2003. O contexto das reportagens comparava o bailarino a um atleta e reunia, para fortalecer este discurso, depoimentos de Cecília Kersche e Débora Colker, reconhecidas nacionalmente por seus trabalhos em dança.

Denunciando o equívoco, Helena Katz, grande referência atual nos estudos contemporâneos em dança, escreveu uma matéria para o jornal *O Estado de São Paulo*, que ressaltava sobre os depoimentos das entrevistadas, que:

ambas não esclareceram o perigo em tratar a partir do senso comum um assunto que pede conhecimento técnico. Se aos olhos do leigo o bailarino e o atleta podem parecer quase a mesma coisa, cabe aos profissionais dos dois lados (o da dança e o do esporte) esclarecerem que corpo de bailarino e corpo de atleta têm competências muito distintas – exatamente para salvaguardar as especificidades dos dois campos de atuação. (KATZ, 2003, apud NOZAKI, 2004, p. 281).

Chamo a atenção que esta discussão está presente numa tese do campo de conhecimento da Educação, num trabalho diretamente relacionado à Educação Física. Essa pontuação serve para que não se reforcem os mitos de que a área da Educação Física apoia as intervenções do sistema Cref-Confef.

Voltando ao artigo em análise, gostaria de ressaltar que há uma tentativa das autoras em diferenciar a dança das demais produções não só artísticas, como também humanas. Credito ser extremamente relevante esta diferenciação para a afirmação de um conhecimento específico desta área. Para as autoras, este ponto de destaque seria a despretensão funcional da dança.

Prossigo a análise dos conteúdos de conhecimento discursivo passando, a seguir, a comentar as revisões de literatura encontradas nessa amostra. Sendo assim, exponho os textos de: Leitão e Sousa (1995); Soares e Saraiva (1999); Pacheco (1999); Sborquia e Gallardo (2002); Fiamoncini (2002-2003); Guimarães (2002-2003); Lara, Rinaldi, Montenegro e Seron (2007).

Na tentativa de produzir uma crítica acerca do preconceito que vive o homem que dança, as autoras Leitão⁷ e Sousa⁸ (1995) buscaram nas afirmativas do cotidiano a inspiração e os motivos que levariam a sociedade a edificar tais construções, desde a simples frase que diz que homem não chora até os mais sutis comentários sobre as questões relativas às diferenças de gênero. “Analisando esta história, foi no séc. XIX, que os homens, como bailarinos, tornaram-se bibelôs do palco, elevando as bailarinas as quais tornavam-se estrelas” (LEITÃO; SOUSA, 1995, p. 253).

Tomado como exemplo, é citado o renomado Vaslav Nijinsky, nascido em Kiev em 1890. As autoras consideram que “o mais extraordinário bailarino clássico, consumiu sua vida na procura de algo de significativo para dizer e acabou mergulhando, antes dos 30 anos, na loucura e na morte, por não ter podido expressar nessa língua morta, a mensagem que transbordava em seu coração” (GARAUDY, 1980 apud LEITÃO; SOUSA, 1995, p. 254).

No entanto, acredito que o filme de Marcelo Masagão, *Nós que aqui estamos, por vós esperamos*, mostre com um olhar mais crítico a importância que este bailarino, apesar de todos os preconceitos, teve para a história não só da dança, mas de toda humanidade. Considerado um filme do tipo documentário, a simples narrativa poderia se estabelecer como principal opção de comunicação. As palavras em si contidas, no entanto, se fazem presentes apenas na sua forma escrita. O tratamento dado aos 95% das imagens provenientes de antigos arquivos conta a história dos grandes e pequenos personagens do século XX.

O primeiro deles, surge em Paris à noite, maio de 1912. A seqüência focos recortados das fotos da coreografia *L'après-midi d'un Faune* apresentada no Théâtre du Châtelet desembocam numa cena que mostra a sua distorção seguida

⁷ Aluna de iniciação científica do Curso de Licenciatura em Educação Física que apresentou este trabalho na disciplina Metodologia do Ensino da Dança, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

⁸ Professora do Departamento de Recreação e Prática Desportiva do Centro de Desportos da UFSC e orientadora deste trabalho.

pela frase que relatava que no dia seguinte, o balé já não era clássico. O abalo aos costumes tão tradicionais da dança e do Teatro faz com que este passasse a conviver com a ousadia e necessidade de criação que buscava atender ao momento desta nova sociedade.

Destarte, Nijinsky representa não o desespero de seu coração, mas sim a figura que deixou de ser o bibelô levantador das estrelas femininas. Representa também a memória dos últimos passos, que ficavam para trás assim como o cheiro de cavalos nas cidades. A cena de Masagão pode elucidar que, na inutilidade da Arte muitas vezes são preditas as mais surpreendentes descobertas e abertos os caminhos de transformação para toda humanidade.

Ainda nas reflexões deste artigo, as autoras apontam que a escola também exerce grande influência na persuasão destes papéis e comportamentos relacionados ao homem que dança, inclusive atentando para o fato que “é importante observar que estes condicionantes são transmitidos de uma geração à outra e a escola atua reforçando esses estereótipos, inclusive, através da Educação Física” (LEITÃO; SOUSA, 1995, p. 254). Então,

o espaço das aulas de Educação Física pode ser utilizado para uma contribuição na transformação destes padrões estabelecidos. E a dança, por ser um dos conteúdos culturais dessa disciplina aplicada nas escolas, pode vir a ser um dos caminhos pra a libertação do preconceito que a sociedade impõe, em relação ao menino, adolescente ou homem que dança. (LEITÃO; SOUSA, 1995, p. 255).

Esta é, pois, uma questão muito pertinente no campo da Educação Física, uma vez que ainda há uma predominância masculina dentre os estudantes e graduados neste curso. Não é difícil encontrar alunos que se neguem a participar de atividades de dança por conta destes estereótipos que resistem mesmo em tempos contemporâneos.

Já o trabalho de Soares⁹ e Saraiva¹⁰ (1999) não apresenta sua própria proposta, mas analisa seis concepções teórico-metodológicas: a de Fiamoncini (1993 e 1996), focada no fator educativo da expressividade; a *Dança-Experiência*, de Feijó (1996); a Dança Educativa, de Diniz (1997); a dança como fato sócio-cultural e historicamente construída, de Almeida e Santos (1997); a proposta de

⁹ Licenciada em Educação Física pela UFSC.

¹⁰ Professora do departamento de Educação Física da UFSC e membro do Núcleo de Estudos Pedagógicos na Educação Física do Centro de Desportos desta mesma Universidade.

Gehres (1996), centrada na dança popular; e a Dança-Improvisação, de Soares et al (1998). Todos estes trabalhos apontam o processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno. Assim, o fazer criativo pode ajudar o educando a compreender não só a sua cultura como a si próprio, pois todas as autoras atentam para o fato de que a dança é uma manifestação tanto coletiva (dos sujeitos e sua cultura), quanto individual (de sua intuição e subjetividade). Todas as propostas analisadas neste trabalho

defendem a dança como uma possibilidade de inserção na escola através da Educação Física, por ela fazer parte da cultura corporal ou cultura de movimento dos seres humanos, independente dos professores que a utilizam ou não como conteúdo de suas aulas. (SOARES; SARAIVA, 1999, p. 116).

Pacheco¹¹ (1999), com uma metodologia semelhante ao desta pesquisa, propõe uma análise bibliográfica para “depreender como a produção acadêmica brasileira vem abordando a dança na educação física” (p. 1). Aposto também nos seus argumentos de que

para o avanço e consolidação científica de um campo de conhecimento, colocaria em destaque a constante revisão de sua produção coletiva. Esse tipo de abordagem, ao mesmo tempo compilatória, sintetizadora e que pressupõe uma apreciação crítica, mostra-se mais exequível através do exame criterioso da parcela de conhecimento que é veiculado sob a forma de publicação. (PACHECO, 1999, p. 1).

O artigo desta autora apresenta dois eixos de reflexão: a marginalização da dança na escola; e o confronto entre a cultura escolar da dança e a incorporação de práticas predominantes. Dentre os aspectos discutidos podem ser destacados os temas do sexismo e a formação do professor de educação física na sua relação com a dança. A delimitação das análises aconteceu devido ao corte temporal compreendido entre o período de 1986 e 1996, onde foram identificados dez periódicos da área da educação física que continham artigos publicados sobre dança.

Reforço que a presente dissertação está também pautada na análise de artigos publicados sobre dança. Apesar de ter optado não pelo recorte temporal, mas sim, pela delimitação na escolha das mais significativas revistas da educação

¹¹ Professora da Escola Rachide Glória Saker, Fundação Municipal de Educação – Niterói / Rio de Janeiro, Professora da Escola Pinto Lima, Secretaria do Estado de Educação – Rio de Janeiro.

física, as produções identificadas correspondem ao limite temporal entre 1979 e 2008, num total de 40 textos. Tomando como base a mesma delimitação temporal da pesquisa de Pacheco (1999), essa amostra contém sete textos publicados entre os anos de 1986 e 1996.

Ainda dentre os conteúdos de forma de conhecimento discursivo, a RBCE revela a sua preocupação com a interferência da mídia no ensino desta arte através do artigo dos autores Sborquia¹² e Gallardo¹³ (2002), que investigaram as questões relativas à influência da programação televisiva no âmbito escolar.

Esta pesquisa surgiu da percepção do uso indiscriminado da dança nas aulas de educação física na escola. Estes autores tecem críticas ao papel omissivo assumido por estas instituições perante o fenômeno da exposição de crianças, que apresentam danças com caráter apelativo na televisão. Acreditando que “não são todas as danças que devem fazer parte da escola” (p. 105), eles propõem uma classificação das danças quanto ao cunho ético-moral, com vistas a filtrar aquelas que seriam apropriadas ao ensino na escola. Esta classificação se dá da seguinte forma: danças representativas; danças sensoriais; danças sensuais; danças sexuais; danças eróticas; e danças pornográficas.

A respeito deste artigo, considero que toda crítica dirigida à escola com relação à sua produção de conhecimento foi muito bem construída, porém, não creio que seja proveitosa uma classificação que tenha por objetivo excluir da escola qualquer conteúdo por conta do seu aspecto ético-moral. A minha posição é que se estas informações são veiculadas fortemente pela mídia televisiva, inevitavelmente os alunos a elas terão acesso. A escola seria a instituição responsável exatamente por oferecer a este conteúdo um tratamento livre das intenções de crescimento de audiência objetivadas pelas emissoras. Se “a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo, e o professor deve partir do conhecimento espontâneo do aluno para sistematizar este conhecimento” (SAVIANI apud SBORQUIA; GALLARDO, 2002, p. 113) como deixar de lado os conteúdos mais abordados fora da sala de aula?

Suponho que para que se cumpra verdadeiramente o papel da ação educativa é preciso estar atento às observações de Morin presentes no texto, nas

¹² Vinculada à Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Uniandrade – Curitiba. Não é esclarecida a titulação.

¹³ Vinculada à Unicamp. Não é esclarecida a titulação.

quais ele alerta para a necessidade de se estabelecer relações mútuas entre os conhecimentos no nosso mundo complexo, ao invés de contribuir para a fragmentação do pensamento.

Prosseguindo nos estudos de revisão bibliográfica, em Fiamoncini¹⁴ (2002-2003), a hermenêutica é apresentada como pressuposto metodológico para buscar na arte e na estética os elementos para se trabalhar a dança. A conceituação da arte foi encontrada em Langer (1980) e da estética em Pombo (1995), e “a partir dos conceitos assumidos nesta pesquisa, encontramos na arte os elementos de criação e expressão como categorias para o trabalho com a dança na educação, e, na estética, a sensibilização” (FIAMONCINI, 2002-2003, p. 63). Ao identificar como primordiais a criatividade e expressividade, atributos da arte, e a sensibilidade, advinda da estética, a autora acredita ser este o tripé que sustenta a dança tanto na educação formal quanto no universo informal.

Guimarães¹⁵ (2002-2003) também propõe uma análise bibliográfica das propostas de dança em seu estudo, no entanto, suas reflexões são direcionadas para os ciclos de escolarização. Esta autora analisa as propostas de Marques (1999), Gehres (1996) e Xarez et al. (1992) mas considera que a referência teórica que melhor organiza a sistematização do conhecimento é a proposição de Soares et al. (1992), mais conhecida na área da Educação Física pelo termo *Coletivo de Autores*. Neste viés de interface com o campo da Educação Física, a dança é tratada como um de seus conteúdos e Guimarães (2002-2003) conclui que

podemos trabalhar relações entre a coreologia e as táticas esportivas; entre os textos-danças e os esportes existentes na sociedade, outra forma de expressão corporal. Podemos também, empregar as relações dos contextos de uso de determinada atividade de dança (para a promoção da saúde, para a terapia, por exemplo). (p. 27).

No entanto, a própria autora traz a observação de que “o trabalho com a dança em sala de aula carece de elementos mais específicos até porque ela tem vida própria fora do campo da Educação Física” (GUIMARÃES, 2002-2003, p. 24).

Mais uma pesquisa sobre concepções teóricas foi realizada junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM) com

¹⁴ Professora do Departamento de Educação Física da UFSC.

¹⁵ Graduada em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, professora da rede particular de ensino.

o objetivo de compreender a dança e a ginástica a partir de abordagens metodológicas propostas por professores da educação física brasileira.

Assim, o estudo de por Lara¹⁶, Rinaldi¹⁷, Montenegro¹⁸ e Seron¹⁹ (2007), teve base nos referenciais teóricos de Amauri Oliveira e sua obra sobre metodologias emergentes no ensino da educação física publicada em 1997, aliada à obra de Jocimar Daolio sobre conceito de cultura publicada em 2004, tratando das seguintes abordagens: desenvolvimentista; construtivista; ensino aberto; crítico-superadora; crítico-emancipatória; sistêmica; e plural.

As autoras concluem que

os dados coletados revelam lacunas no pensamento brasileiro acerca da sistematização e trato pedagógico da dança e da ginástica, indicando a necessidade de outros alicerces para o desenvolvimento desses conhecimentos na educação física escolar” (LARA et al., 2007, p. 155).

Sendo assim, é revelado que apesar de serem entendidas pelos pesquisadores como conhecimento que deve estar presente nas aulas de educação física, a maioria dos representantes apresenta dificuldades em expor suas idéias sobre o trato com a dança a partir dos alicerces de suas propostas. Alguns deles buscam superar essa fragilidade ao indicar trabalhos de orientandos que seguem a mesma linha teórica.

Identificados também pela forma discursiva de seus conteúdos, os textos de Dantas (1997); Mayer (1999); e Brasileiro (2002-2003), são estudos bibliográficos resultantes de suas pesquisas de Mestrado.

Dantas²⁰ (1997) abordou em sua dissertação a dança como forma, técnica e poesia do movimento. O seu projeto foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), tendo sido aprovado em janeiro de 2007. No artigo identificado para esta análise, a autora traz esses pressupostos na perspectiva de construção de sentidos coreográficos, tendo como objetivos:

¹⁶ Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e membro do Grupo de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade.

¹⁷ Professora do Departamento de Educação Física da UEM e membro do Grupo de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade.

¹⁸ Licenciada em Educação Física e Professora do Colégio Nobel em Maringá – Paraná.

¹⁹ Licenciada em Educação Física e Professora do Colégio Santo Inácio em Maringá – Paraná

²⁰ Professora Auxiliar no Departamento de Ginástica e Recreação da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

entender a dança enquanto uma atividade artística que se constrói no(s) corpo(s) em movimento; refletir sobre a elaboração de possíveis significados quando da criação e execução de uma dança; descrever a dança como uma ação criadora que se faz no corpo humano em movimento. (DANTAS, 1997, p. 157).

No seu artigo, a autora conclui que a dança precisa ser entendida como arte por resultar do processo de transformação de uma matéria prima – o movimento – através de procedimentos técnicos e formativos, que resultam em obras coreográficas. Assim, o movimento seria o responsável por tornar visíveis os possíveis significados e sentidos da realização de uma dança.

Desenvolvida no Mestrado de Artes Corporais da Universidade de Campinas (Unicamp), a pesquisa de Mayer²¹ exposta em seu artigo publicado em 1999, por sua vez, aborda também questões relativas à composição coreográfica buscando refletir sobre o processo criativo em uma visão fenomenológica, com ênfase na sua dimensão pedagógica.

Refletindo também sobre a percepção do significado de coreografias, Mayer (1999) trabalha na perspectiva da educação acreditando trazer questões de reapropriação, reconhecimento e realocação do corpo. Esta autora conclui que:

a dança, tema da Cultura Corporal e, conseqüentemente, área de estudo da Educação Física, está, como esta última, comprometida com a Educação em geral. Apresenta-se, assim, como recurso educativo auxiliar ao processo de formação geral do indivíduo, voltando-se para a APRENDIZAGEM e não para o adestramento. (MAYER, 1999, p. 187, grifos da autora).

Já Brasileiro²² (2002-2003), cujo Mestrado foi realizado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), trata mais especificamente sobre a dança como conteúdo da educação física escolar, baseada no texto de sua dissertação *O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de Educação Física na perspectiva crítica*.

Esta autora revela questões acerca do caráter extracurricular desta atividade no ensino fundamental e aponta que, observando a disciplina Educação Artística, há uma predominância do desenho geométrico como conteúdo privilegiado

²¹ Professora Universitária da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFDF) e Mestre em Artes Corporais pela Unicamp.

²² Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), membro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e Mestre em Educação pela UFPE.

e, que apesar da dança estar situada, desde 1971, como unidade da Educação Física, há uma hegemonia da ginástica e do desporto dentre as atividades desta disciplina.

Reconhecendo que há muito que superar na concepção de formação humana e de currículo, a autora ainda acrescenta que a dança, quando tratada por profissionais da Educação Física, normalmente limita-se ao reconhecimento de movimentos. Desta maneira,

retira-se dela o seu sentido/significado ou possibilidade de construí-los, e apega-se unicamente às suas possibilidades de movimento, aos seus códigos. Esse é, sem dúvida, um limite explícito na área da Educação Física, que, também, tem sido tratada como um fazer destituído de saber. A questão comprova a necessidade de uma discussão mais aprofundada acerca do trato com o conhecimento “dança” nos cursos de formação de professores de Educação Física. (BRASILEIRO, 2002-2003, p. 56).

Entretanto, a autora traça um caminho que se opõe à defesa de que apenas os profissionais licenciados em Dança, para ela, poucos no nosso país, estariam aptos a oferecer aulas desse conteúdo na escola. Ela ressalta que a preocupação do seu estudo é reconhecer como os professores de Educação Física estão se aproximando do trato da Dança neste espaço.

O artigo expõe também algumas entrevistas realizadas com professores da rede estadual de ensino de Pernambuco com o fim de revelar os seus entendimentos de dança. A análise destas falas implica na percepção de reducionismos, quando a dança é relacionada apenas a habilidades motoras, mas também traz a aproximação da dança como possuidora de uma linguagem própria e, como expressão cultural de um povo.

Brasileiro (2002-2003) defende que o conhecimento dança deve ser compreendido dentro da discussão ampliada da Arte, contudo, a autora reforça alguns mitos quando considera que a dança seria “algo que excede o dizer em palavras, ou seja, localiza-se no universo da linguagem corpórea do homem, que possui códigos universais” (p. 53).

Este trecho me reporta aos elementos introdutórios deste estudo, me fazendo recordar a mobilização gerada contra ação do Confef em legislar a dança no país. No entanto, não se pretende aqui, assim como nos trabalhos de Brasileiro,

entrar numa discussão corporativista para saber a quem pertence esse espaço de intervenção, e sim discutir as possibilidades, já historicamente em construção, de qualificação profissional. A rediscussão acerca da formação profissional em Educação Física deve recuperar as demandas que a área não conseguiu tratar com qualidade e fomentar novas possibilidades. (BRASILEIRO, 2002-2003, p. 50).

Com estas considerações, finalizo aqui os comentários acerca dos textos identificados como forma de conhecimento discursivo, dando continuidade ao trabalho com a análise dos conteúdos de forma de conhecimento intuitivo.

3.2 CONHECIMENTO INTUITIVO

Segundo Vieira (2006), o conhecimento intuitivo está relacionado à uma forma de visão, o “conhecer vendo”. Para este autor, na intuição, importa a “presença” do objeto, que é apreendido imediatamente, assim como na visão.

A diferença essencial entre o discurso e a intuição é que no primeiro temos acesso à partes, à subsistemas que no decorrer do tempo conectam-se em sistemas, em todos; na intuição, defrontamo-nos com o todo como emergência em nosso consciente, o que não impede que sistemicamente este tenha sido elaborado ao longo de algum tempo, mesmo de forma inconsciente. (VIEIRA, 2006, p. 50).

Ainda pautada em Vieira (2006), é citado que que alguns autores negam a existência da intuição, contudo, elaboram seu discurso pautados no conceito de instinto, que estaria relacionado a uma função memória.

Assim, os conteúdos aqui trabalhados estarão relacionados ao relato de experiências, aborgadens de contextos históricos, descrições de realização de projetos e atividades metodológicas. Os textos agrupados em torno desta forma de conhecimento são:

Tabela 6 – Artigos com conteúdos identificados como conhecimento intuitivo

AUTORES	TÍTULOS
ANDRADE, Cecília Fonseca Pessoa de; NASCIMENTO, Eduisa Silva do; LEMES, Elaine Aderne; SILVA, Eulália Alves da; HORTALE, Georgette Alonso; SILVA, Ieda Lucia; SANTOS, Noemia Lourdes da Silva dos.	Proposta dança/educação: por que, como e para quê?

Tabela 6 – Artigos com conteúdos identificados como conhecimento intuitivo

AUTORES	TÍTULOS
ASSUNÇÃO, Claudia Cristina da Silva; PINHO, Pablo Borges.	Um retrato sobre a realidade da prática pedagógica da dança na educação física e o que propõem os PCNs. [Resumo]
BASTOS, Daniela.	A prática pedagógica em questão: o trato com o conhecimento dança no projeto Expressão.
FERRAZ, Thais Gomes.	Cotidiano e dança na periferia: reflexões para uma prática educativa.
FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves; TAVARES, Maria da Consolação C.; VENÂNCIO, Silvana.	Uma reflexão sobre a pessoa portadora de deficiência visual e a dança.
GOMES JÚNIOR, Lázaro Moreira; LIMA, Lenir Miguel de.	Educação estética e Educação Física: a dança na formação de professores.
KRISCHKE, Ana Maria Alonso; SOUSA, Iracema Soares de.	Dança improvisação, uma relação a ser trilhada com o lúdico.
KUNZ, Maria do Carmo Saraiva.	Ensinando a dança através da improvisação.
LIMA, Elaine Cristina Pereira; FIAMONCINI, Luciana.	Dançando na escola, politizando a dança: um estudo sobre o projeto dança escolar da Prefeitura Municipal de São José.
LIMA, Lenir Miguel.	Um momento de dança em Goiás.
PORPIRO, Karenine; MARQUES, Larissa; SAMPAIO, Poliana.	Dançando e educando.
PORPIRO, Karenine de Oliveira; TIBÚRCIO, Larissa Kelly de Oliveira Marques.	Cenas urbanas e cenas da dança: compondo novos repertórios pedagógicos no contexto do ensino superior.
PRADO, Nadja Seixas.	Dança através de movimentos livres naturais.
SALES, Sandra.	A realidade social como base do trabalho nas escolas públicas: jogos/ esporte/ ginástica/ dança, além do real aparente.
SANTOS, Rosirene Campelo; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves.	Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível.
SOUZA, Caroline Protásio; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves.	Uma proposta de dança na melhor idade.
SOUZA, Maria Inês Galvão; PEREIRA, Patrícia Gomes Pereira; MELO, Victor Andrade de.	Dança e animação cultural: improvisações.
STRAZZACAPPA, Márcia.	Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas.

Tabela 6 – Artigos com conteúdos identificados como conhecimento intuitivo

AUTORES	TÍTULOS
VIEIRA, Arabel Issa; TAVARES, Maria da Consolação C. F.	A dança e os indivíduos portadores de lesão medular.
WINTER, Wilson.	A dança da Pedra Mó: movimento e extensão universitária.

Fonte: Revistas Pensar a Prática, Motrivivência e Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Ao identificar que os pontos importantes para construção da criticidade dos sujeitos que têm contato com a dança está não só na escolha do método, mas, sobretudo, na forma como é administrada a sua aplicação, compreende-se o número de publicações referentes às temáticas metodológicas, dada necessidade de tentar sistematizar algumas práticas que tiveram sucesso.

Sendo assim, os textos que revelam em seus conteúdos opções metodológicas, aqui classificados na forma de conhecimento intuitivo, são tratados por: Prado (1988); Andrade et. al. (1994); Kunz (1994); Figueiredo, Tavares e Venâncio (1999); Assunção e Pinho (2001); Souza, Pereira e Melo (2002-2003); Santos e Figueiredo (2002-2003); Krischke e Sousa (2004).

Destarte, uma das mais antigas publicações sobre dança no universo da educação física analisado, apesar de ter sido parte do primeiro exemplar da revista Motrivivência (dezembro de 1988), aponta uma situação pertinente até os dias de hoje: “o objetivo de promover a Dança Educacional ou Dança nas Escolas” (PRADO, 1988, p. 87). Esta autora traz uma proposta metodológica pautada na liberdade de movimento com o fim de despertar a importância da Dança na Educação Física por considerar que esta é

uma atividade escolar que é composta e completa de qualidades a serem desenvolvidas, que são de grande importância na ajuda do crescimento total da criança. Sendo acionada esta atividade seria de uma maneira fácil e talvez com grande aceitação. (PRADO, 1988, p. 88).

Ao tratar, pois, de movimentos livres na história da dança é recordar a figura da dançarina Isadora Duncan (1878-1927), que desde a mais tenra idade mostrou-se inconformada com a rigidez das regras acadêmicas e procurou seguir um caminho para expressar sua arte, através de movimentos naturais e instintivos

do corpo. Os seus movimentos eram primários, os espaços despojados e a música sinfônica que utilizava, até então era considerada imprópria para a dança.

Tendo a Grécia antiga como inspiração, vestia-se somente com uma túnica drapeada, não usava sapatilhas, por isto ficou conhecida como a bailarina dos pés descalços, e deixava os cabelos soltos. Expressa no seu corpo e na sua dança, a sua posição de revolucionária social estava claramente implícita. Americana, feminista e socialista, ela causou muitas polêmicas em seu país de origem e foi definida como uma *filósofa da dança* por todas as suas críticas à sociedade moderna, à cultura, à educação e aos direitos da mulher.

Assim, a opção metodológica pelos temas e movimentos livres da proposta de Prado traz também, em sua complexidade, a similaridade com estas questões sociais bastante visíveis em Duncan.

A proposta metodológica encontrada em Andrade et al.²³ (1994), é resultado das atividades do Grupo de Estudos Dança/Educação (Gede), a partir de sua concepção de homem e sociedade, cultura e educação. Para estas autoras, a tríade de comportamentos: sentir, pensar e agir, fundamenta a sua proposta para o ensino da dança. O grupo acredita numa concepção de homem consciente e atuante; na concepção de cultura enquanto produto coletivo; na educação realizada através de diferentes práticas sociais; e na concepção de dança como manifestação cultural inerente ao homem, sendo esta uma das linguagens que o indivíduo dispõe para expressar e comunicar seus sentimentos, emoções e valores, refletindo as relações sociais e culturais.

Para Kunz²⁴ (1994), a improvisação é a opção de conteúdo e método para o ensino da Educação Física escolar, que serve não só ao ensino da dança, como aos seus demais conteúdos. Se enquanto conteúdo, a improvisação assemelha-se à expressão corporal,

enquanto método, a Improvisação permitirá no mínimo, que os indivíduos criem formas do se movimentar. [...] Nesse sentido, a Improvisação propicia o descondicionamento dos movimentos (as formas padronizadas e estereotipadas que a educação Física – e o esporte – têm fornecido) passados através de formas tradicionais de

²³ Grupo de Estudos sobre Dança/Educação, com membros vinculados às Secretarias Municipal e Estadual de Educação do Rio de Janeiro, como também às Universidades Estadual e Federal desta mesma cidade.

²⁴ Professora Mestre do Departamento de Recreação e Prática Desportiva do Centro de Desportos da UFSC.

trabalho em que os indivíduos condicionam movimentos. (KUNZ, 1994, p.167-168).

A autora considera que a improvisação representa um desvio aos rígidos processos de aprendizagem que a dança, assim como o esporte, comporta na sua dimensão técnica, e através deste caminho mais maleável, os indivíduos teriam a possibilidade de descobrir novos interesses no campo das vivências corporais.

No artigo de Figueiredo²⁵, Tavares²⁶ e Venâncio²⁷ (1999), são expostas as reflexões geradas por experiências de dança com deficientes visuais. As autoras consideram que é a experiência coletiva que permite uma reconstrução do mundo de significados para as pessoas que buscam experimentar a dança nessa condição, pois os corpos teriam o sentido original serem corpos que se comunicam. Através da vivência com a dança, surgiria para a pessoa com deficiência visual a possibilidade de redimensionar seus limites e dificuldades, além de melhor explorar as suas potencialidades. Para elas, “o movimento favorece uma busca mais ampla de **interação**, ou seja, uma conjugação entre o ser e o estar no mundo, uma compreensão da totalidade da própria existência” (FIGUEIREDO et al., 1999, p.218, grifos do autor).

Por sua vez, Assunção²⁸ e Pinho²⁹ (2001), em seu resumo, tratam da relação entre a prática pedagógica da dança enquanto conteúdo da educação física observando as proposições formuladas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais desta área.

Já em seu trabalho, Souza³⁰, Pereira³¹ e Melo³² (2002-2003), construíram uma investigação que propõe a incorporação da dança em projetos de animação cultural, defendendo mais do que uma educação pela dança, e sim, uma educação

²⁵ Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp, professora da UFG, Faculdade de Educação Física.

²⁶ Professora Doutora da Unicamp, Faculdade de Educação Física.

²⁷ Idem 26.

²⁸ Aluna do Curso de Especialização da Faculdade de Educação Física da UFG.

²⁹ Aluno do Curso de Especialização da Faculdade de Educação Física da UFG e professor da Escola da Artes Veiga Valle.

³⁰ Mestre em Ciência da Arte, membro do grupo de pesquisa Lazer e Minorias Sociais da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, coordenadora do núcleo Dança, Cultura e Sociedade e professora do Curso de Bacharelado em Dança da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ.

³¹ Idem 30.

³² Doutor em Educação Física, coordenador do Grupo de Pesquisa Lazer e Minorias Sociais da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, coordenador do núcleo Cinema, Cultura e Sociedade e pesquisador do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (pós-doutorado em Estudos Culturais), também pela UFRJ.

para dança. A temática situa-se dentro do lazer e abarca também as preocupações com as minorias sociais.

Parte das indagações sobre o que é a dança hoje, questionando também sobre o seu público e as iniciativas de formação de platéia, atingindo também seus pensadores nos meios acadêmicos, que são criticados por abraçar temas semelhantes sobre a linguagem estética em deficiência das discussões sobre arte-educação. Os autores consideram o professor de dança um animador cultural, debatem sobre o espaço da técnica, a formação de indivíduos produtores de cultura e a massificação da arte pela indústria cultural, acreditando que

um projeto de dança, na perspectiva da animação cultural, antes de se preocupar com a formação do bailarino profissional, deve procurar despertar em seus alunos o conhecimento sobre o gosto e o prazer de dançar, que tanto pode ser sentido no próprio corpo, quanto na ampliação das possibilidades de assistir a outros corpos dançando. (SOUZA; PEREIRA; MELO, 2002-2003, p. 151).

Atentas para a capacidade de promover a expressão de maneira crítica e criativa, Santos³³ e Figueiredo³⁴ (2002-2003) propõem um diálogo sobre dança e inclusão no contexto escolar. Esta inclusão, a que se referem no título do seu trabalho, publicado na Revista Pensar a Prática, traz em si uma ambigüidade: ela diz respeito não só à inclusão de alunos com necessidades especiais, mas também à inclusão da própria dança no contexto da escola. O que as autoras buscam compreender

é por que esse conteúdo ainda é considerado apenas como uma atividade extracurricular nas escolas, sendo desvinculado do projeto pedagógico e até mesmo negado. Verificamos hoje uma série de estudos que vem apontado novos caminhos onde a dança esteja presente no currículo e na perspectiva das teorias críticas, comprometendo-se com a transformação da escola. (SANTOS; FIGUEIREDO, 2002-2003, p. 108).

Estas autoras consideram ainda que a dança presente nas aulas de Educação Física pode se concretizar em um campo de resgate cultural e social do ser humano, vivenciado pelos alunos através de muitas experiências com o movimento.

³³ Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da UFG, apresentando como trabalho final de conclusão de curso a monografia intitulada: *A dança no contexto escolar: uma perspectiva de inclusão*, texto utilizado como base para este artigo.

³⁴ Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp e professora da Faculdade de Educação Física da UFG.

Quanto às pessoas com necessidades especiais, as autoras resgatam, a partir dos apontamentos de Sasaki, as fases da exclusão, da segregação e da integração que vieram antes da fase da inclusão, que segundo este autor, citado por Santos e Figueiredo (2002-2003), “trata-se de uma mudança de perspectiva do trabalho escolar, na medida em que procura atender a todos os alunos, buscando criar condições para que construam autonomia a partir do domínio físico e social” (p. 113). Essa ação impõe respeito e cria um espaço que garante oportunidade para todos, que têm os mesmos direitos e obrigações.

O estudo de Krischke³⁵ e Sousa³⁶ (2004) foi pautado na improvisação aliada à dança contemporânea, esta por sua vez, fundamentada no lúdico. Considerando que os entendimentos sobre improvisação não são auto-excludentes, as autoras trazem definições de diversos autores. Dentre elas, improvisar pode significar compor e atuar simultaneamente, não pretendendo a improvisação ser um recurso, mas a própria dança, que é realizada no instante da sua execução. Pode também ser entendida como executar algo, que sob certas condições, não estava previamente planejado. Deste modo, Krischke e Sousa (2004) constatam em seu estudo, que a improvisação pode acontecer de diferentes formas e em diferentes níveis numa aula, contribuindo para a compreensão do ser humano e da dança como totalidades.

Identificados também como conteúdos relacionados à forma de conhecimento intuitiva, apresento os relatos de experiência, que descrevem atividades educativas, em projetos extracurriculares, assim como na formação profissional. Os artigos com estas características são: Porpiro, Marques e Sampaio (1990); Sales (1993); Vieira e Tavares (1997); Bastos (1999); Sousa e Figueiredo (2001); Ferraz (2002-2003); Gomes Júnior e Lima (2001-2002); Lima e Fiamoncini (2004); Porpiro e Tibúrcio (2007).

Dialogando com Porpiro³⁷, Marques³⁸ e Sampaio³⁹ (1990); é trazida a experiência de algumas professoras da rede estadual e municipal do Estado do Rio Grande do Norte, publicada na Revista *Motrivivência* em 1990. Segundo este relato,

³⁵ Autora da monografia de Especialização *Dança e improvisação: uma relação a ser trilhada com o lúdico*, defendida no curso de especialização em Educação Física Escolar da UFSC.

³⁶ Mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Rio Grande do Sul. Mesma autora do texto sobre o homem que dança em parceria com Leitão (1995).

³⁷ Professora da Rede Estadual e Municipal do Estado do Rio Grande do Norte.

³⁸ Idem 37.

³⁹ Idem 37.

o balé clássico foi utilizado como recurso pedagógico associado a vivências de outras práticas corporais e tipos de dança, onde foi constatado “que a proposta pode ser um meio veiculador de espaços para a transformação através do corpo que dança” (PORPINO; MARQUES; SAMPAIO, 1990, p. 33), o que contribuiria para uma formação mais crítica.

Esta aparente discordância entre estes dois trabalhos torna-se mais amena com a observação dos pontos que mais contribuem para a emancipação do indivíduo através da dança, destacados por Assumpção na sua conclusão. São eles: a participação intensa do sujeito na troca de experiências; a liberdade de criação e exposição das suas idéias; o aprendizado da coletividade; e a consciência de sua interferência na sociedade. Tais fatores, identificados como construtores de um indivíduo mais crítico, não são próprios da dança contemporânea, nem exclusivos de nenhum estilo em particular, e podem ser inseridos no ensino até mesmo do balé clássico, como se evidencia na vivência relatada na Motrivivência.

De acordo com o trabalho de Sales⁴⁰ (1993), é necessária ao educador a apreensão da ideologia dominante para o estabelecimento de uma teoria educacional que permita a transformação social. Deste modo, a abordagem da Educação Física deve ser

permeada pelo enfoque sobre a cultura corporal e, dentro desta, o Jogo/Esporte/Ginástica/Dança, tem como eixo teórico a compreensão da realidade social complexa e contraditória [...] numa perspectiva voltada para a discussão da interdependência dos temas, ou formas da cultura corporal, com os problemas sócio-políticos atuais como forma de contribuir para a organização do pensar/sentir/agir da sociedade. (p. 188).

Já a pesquisa de Vieira⁴¹ e Tavares⁴² (1997), considera que “dentro da perspectiva que privilegia o indivíduo no processo de criação e resgata a liberdade de expressão do homem, descortina-se a possibilidade de os indivíduos portadores de lesão medular dançarem” (VIEIRA; TAVARES, 1997, p. 210).

Cabe aqui um pequeno esclarecimento sobre o termo utilizado para designar a população destes estudos relacionados às populações ditas especiais.

⁴⁰ Membro da Secretaria Estadual do CBCE de Pernambuco.

⁴¹ Dançarina e Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

⁴² Professora Doutora do Departamento de Estudos da Atividade Física Aplicada e integrante do Grupo de Estudos de Fenomenologia da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Tendo sido publicados no final da década de 90, os textos ainda se referiam a estes indivíduos como *portadores* de necessidades especiais, no entanto, como se pode esclarecer com a citação de Ferreira e Ferreira (2004), a terminologia atualmente em uso é “aluno *com* deficiência (expressão que tem sido utilizada para indicar que a experiência escolar do aluno é suficiente quando se o coloca em relações adaptadas ao contexto educacional)” (p. 39, grifo nosso).

A contribuição de Vieira e Tavares (1997), entretanto, continua apresentando noções bastante atuais sobre o tratamento da dança para sujeitos com essas características. As autoras afirmam que a diferença no trabalho encontrase apenas na forma de execução por parte dos indivíduos com lesão medular, devido às suas próprias peculiaridades, contudo a dança incluiria todos os seus conteúdos, objetivos e características.

Para Bastos⁴³ (1999), o trato com o conhecimento dança serve como ponte entre a linguagem corporal e a linguagem computacional na prática pedagógica do Projeto Expressão, onde se buscou um salto qualitativo no que diz respeito à eventual forma de tratar este conhecimento, “partindo da proposta metodológica do Coletivo de Autores para a prática pedagógica da Educação Física” (p. 124) que tem como pressupostos metodológicos: o planejamento participativo, a pesquisa escolar e a avaliação interativa.

Assim,

a oficina da dança iria desenvolver seus trabalhos dentro da perspectiva crítico-superadora, entendendo a dança como na mais antigas formas de expressão do homem, procurando buscar as representações sociais e interpretações de diversos temas através dos gestos, movimentos, utilizando para isso, aspectos técnicos, mas enfatizando sempre a criatividade e a espontaneidade através das quais, dançando, o homem falou com o mundo, utilizando para isto, seu próprio corpo. (BASTOS, 1999, p. 125).

O relato de experiência escrito por Sousa⁴⁴ e Figueiredo⁴⁵ (2001) descreve ações vivenciadas num programa que apresenta uma proposta de dança na maturidade. Visando desenvolver atividades socioeducativas, artísticas e

⁴³ Aluna do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFPE.

⁴⁴ Monitora do projeto e aluna da Faculdade de Educação Física da UFG.

⁴⁵ Professora assistente da Faculdade de Educação Física da UFG e coordenadora do Projeto *A dança na melhor idade*. Mesma autora do texto sobre pessoas com deficiência visual, em parceria com Tavares e Venâncio (1999).

integrativas, foram propostos processos interdisciplinares entre as áreas da dança, música e artes plásticas.

Em debate, foram colocadas questões sobre o corpo maduro, suas mudanças e conquistas, assim como a sua experimentação do fazer artístico. O corpo da terceira idade é encarado como um corpo sábio e um corpo aprendiz, se constituindo diverso por acomodar variadas experiências de vida. A dança, neste contexto, tem a pretensão de participar dos processos educativos sem se desvincular das questões artísticas.

Mais uma contribuição nesse âmbito da prática educativa se encontra no artigo de Ferraz⁴⁶ (2002-2003), que teve como eixo a identificação de preconceitos referentes à dança presentes no cotidiano da comunidade periférica do Shangri-Lá, em Goiânia.

Em decorrência da renda familiar muito baixa, as necessidades de sobrevivência se priorizavam em detrimento das necessidades culturais, no entanto, é facilmente percebida a penetrabilidade dos produtos difundidos pela mídia “como verdade absoluta de *performance* no âmbito da dança” (p.129), e estes, acabam por ser inseridos também na escola. São discutidos também os papéis da Ciência e da Igreja nesta relação de dominação que pode se concretizar no controle da dança e a partir destas questões a autora salienta que

a reprodução de uma visão de mundo no âmbito da dança, dentro de uma instituição escolar, não poderá, por si só, impedir que se supere a alienação como processo objetivo-social enraizado nas relações sociais, que é justamente o papel de conduzir os indivíduos no processo de apropriação das objetivações genéricas para-si. (FERRAZ, 2002-2003, p. 130).

Já a investigação de Gomes Júnior⁴⁷ em parceria com Lima⁴⁸ (2002-2003), destaca o aspecto do corpo na modernidade e a visão de dança do futuro professor de educação física. Partindo de uma reflexão sobre o corpo na Modernidade, eles salientam a necessidade de fortalecer uma educação que não

⁴⁶ Licenciada em Educação Física pela UFG, apresentando a pesquisa monográfica *Cotidiano e dança na periferia: reflexões para uma prática educativa em 2002*, sob orientação da Professora Lenir Miguel de Lima.

⁴⁷ Licenciado em Educação Física pela UFG, cuja pesquisa realizada como projeto final de curso resultou neste artigo.

⁴⁸ Professora na Faculdade de Educação Física da UFG, Mestre em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação desta mesma Universidade, doutoranda em Filosofia pela Faculdade de Valencia – Espanha.

valorize apenas o racional, mas também este universo sensível. “Falar em dança na educação é falar sobre uma educação estética, entendida aqui como ‘um processo de sensibilização do ser’” (MEDEIROS, 2002, apud GOMES JÚNIOR; LIMA, 2002-2003, p. 36). Este estudo revelou que a dança como conteúdo das aulas de Educação Física, entretanto, era desconhecida por 75% dos acadêmicos da área entrevistados que, inclusive, não pretendiam incluí-la nos seus planos de aula. Os autores concluem que “a Educação Física precisa, portanto, estreitar mais seus laços de diálogo com outros campos de conhecimento” (GOMES JÚNIOR; LIMA, 2002-2003, p. 40).

Lima⁴⁹ e Fiamoncini⁵⁰ (2004) trazem o relato sobre o Projeto Dança Escolar, vivenciado no município de São José em Santa Catarina. O citado projeto tinha característica extracurricular e era optativo aos alunos, tendo ainda, sofrido muitas dificuldades por conta de uma diminuição de gastos com a folha de pagamento da prefeitura onde foi realizado. Tais alterações provocaram as autoras a discutir este projeto enquanto política pública.

Desta forma, apesar de expor a definição de Azevedo (1997), na qual “política pública define-se como o Estado em ação” (p. 32), elas consideram que é necessário um entendimento dentro de um contexto mundial do capitalismo neoliberal, sistema vigente no nosso país. Nesse contexto, “as políticas públicas servem como mecanismos para diminuir as desigualdades sociais e abrandar os conflitos de classe” (p. 32), é constatado, também, que a Educação Física não ficaria de fora destas influências neoliberais. Refletindo sobre o papel da dança, as autoras acrescentam que

a Dança, entendida aqui enquanto Arte de expressar-se em movimento e/ou através do movimento, pode contribuir/facilitar dentro do processo educacional para uma educação que tenha como prioridade o desenvolvimento de todas as dimensões humanas. Desde que a mesma esteja pautada em uma perspectiva crítica e que se comprometa com a transcendência de estigmas impostos pela ideologia dominante. Uma das grandes contribuições da Dança para a educação do ser humano, segundo Marques (1999), é educar sujeitos que sejam capazes de criar pensando e resignificando o mundo em forma de Arte. O fazer-sentir Dança enquanto Arte nos permite um tipo diferenciado de percepção crítica da Dança, de suas

⁴⁹ Não foram encontradas as qualificações de alguns autores cujos artigos estão disponíveis no sítio virtual da Revista Motrivivência.

⁵⁰ Mestre em Educação pela UFSC. Autora também do texto sobre a dança na educação com elementos da Arte e Estética (2002-2003).

relações com seu eu e com o mundo. (LIMA; FIAMONCINI, 2004, p.35).

Tendo também nos princípios de Marques uma grande referência, o artigo de Porpiro⁵¹ e Tibúrcio⁵² (2007) traz descrições de uma experiência de composição coreográfica no âmbito do ensino superior, realizada na disciplina dança educacional da licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Contextualizando a inserção da dança neste curso, é possível apresentar que

na atual organização curricular, essa disciplina, juntamente com a disciplina dança, está inserida na grade curricular do antigo Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da UFRN, sendo oferecidas desde 1993. Essas duas disciplinas, de natureza complementar, tratavam especificamente o conteúdo dança com enfoque no seu ensino em diversos cenários educativos, cabendo aos alunos a opção de incluí-las, ou não, na sua formação acadêmica. Com o novo projeto político pedagógico da licenciatura já implantado desde o ano de 2005, os conteúdos da disciplina dança educacional, assim como dança, foram contemplados em outras disciplinas da nova grade curricular. (PORPIRO; TIBÚRCIO, 2007, p. 142).

Para as autoras, a dança é compreendida como uma linguagem artística e como parte da cultura de movimento de forma a se configurar como possibilidade de expressão, comunicação e conhecimento simbólico da cultura. Com estes pressupostos conceituais, a proposta metodológica lançada aos acadêmicos envolvia os conteúdos de improvisação e composição coreográfica a partir da análise coreológica de uma cena urbana.

O conteúdo da coreologia é tratado, pois se considera que deste modo a aprendizagem em dança não se restringirá apenas

a uma mera decodificação e imitação de uma sequência de passos de uma técnica específica ensinada de modo acrítico e descontextualizado [...] Tomamos o estudo coreológico, naquela oportunidade, como uma referência possível de viabilizar a sistematização do trabalho de composição coreográfica, evitando recair em processos espontaneístas, centrados na criação livre dos alunos com a finalidade exclusiva de extravasar emoções ou liberar

⁵¹ Professora do Departamento de Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, pesquisadora do Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento, autora também do texto em parceria com Marques e Sampaio (1990).

⁵² Professora do Departamento de Educação Física da UFRN, pesquisadora do Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento. Identificada por Marques na autoria do texto em parceria com Porpiro e Sampaio (1990).

tensões por meio da dança. (PORPIRO; TIBÚRCIO, 2007, p. 143-144).

Os esclarecimentos sobre os conteúdos coreológicos são dados pela citação dos escritos de Marques (1992; 1999; 2003), que define que coreologia ou lógica da dança é um termo inicialmente utilizado por Rudolf Laban para tratar, além da análise do movimento, as relações com o dançarino, o som e o espaço geral em que a dança acontece, sendo aspectos possíveis de experimentação “o reconhecimento das ações realizadas na dança, as partes do corpo mais solicitadas, os níveis, os planos, as tensões espaciais, projeções e formas que o corpo desenha no espaço, as dinâmicas de movimento” (MARQUES, 1992; 1999; 2003 apud PORPIRO; TIBÚRCIO, 2007, p. 143).

Algumas constatações desta vivência no ensino superior foram: a inexperiência da maioria dos acadêmicos com a dança; a influência da mídia na escolha da música para o trabalho proposto; a desconsideração, também por parte dos alunos, da coreologia e da composição coreográfica como conteúdos específicos da dança na escola, pois apesar de haver concordância que esta metodologia poderia ser adaptada para o ensino básico, foi notado que esta proposição era considerada apenas uma estratégia para atingir objetivos não necessariamente específicos do dançar, como o desenvolvimento da socialização, criatividade e da imaginação.

As considerações sobre dança neste trabalho se apresentam bastante cuidadosas e relevantes. Dentre muitas delas, destaco a afirmação de que a dança não se basta na cópia do movimento ou na expressão de emoções, e destarte, o estudo propõe que o desafio do seu ensino é não se centrar em forma nem conteúdo, mas sim romper com a dicotomia entre técnica e expressão com a finalidade de evitar atitudes que levem ao tecnicismo ou ao espontaneísmo, uma vez que há a compreensão da impossibilidade de desconectar o gesto técnico da forma de expressá-lo.

Em se tratando de um contexto de formação de professores de educação física, considero muito relevante o tratamento à dança que expõe a todo momento que há um saber próprio da dança que é tratado pela educação física como manifestação da cultura de movimento.

Também parte da forma de conhecimento intuitivo, foram relacionados à função memória os conteúdos sobre relatos e análises históricas dos textos de Lima (1998); Winter (1990); e Strazzacappa (2002-2003).

Relatando seu próprio feito, Lenir Lima⁵³ (1998) conta em seu artigo como inaugurou a disciplina Rítmica na Escola Superior de Educação Física (Esefego), em Goiânia na década de 70.

A autora destaca dentre as experiências que influenciaram o seu trabalho a utilização da fundamentação teórica do Sistema de Dança Universal (SDU). Este sistema foi desenvolvido por Helenita Sá Earp na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, tendo como inspiração os fundamentos básicos deixados como legado por Duncan, unidos aos princípios musicais de Dalcroze. Sobre esta metodologia dotada pode-se acrescentar que

a importância do SDU está justamente na valorização de todas as formas do movimento corporal, numa tentativa de buscar, na nomenclatura científica, os conceitos e identificações para as diferentes bases de sustentação e posições do corpo, ultrapassando as limitações do Balé Clássico. Assim, por mais exdrúxulos [sic] que possam parecer, quaisquer formas ou movimentos de dança podem ser descritos e decodificados através do SDU. (LIMA, 1998, p. 75).

A autora destaca ainda que neste momento de dança em Goiás, o trabalho iniciado na Escola de Educação Física se envolveu com outros movimentos artísticos da época e essa aproximação com artistas goianos ligados às artes plásticas, música, teatro, fotografia, história e sociologia da arte, fez com que a dança e arte ganhassem mais visibilidade na região. Chegando às escolas através dos alunos formados em Educação Física por esta Escola de nível superior, iniciou-se a produção de festivais que proporcionavam a diversas instituições um espaço público com condições cênicas para suas mostras. Com a participação de escolas municipais, estaduais e particulares, academias de dança e grupos especiais, a exemplo do Instituto Pestalozzi e do Artesanal dos Cegos, o intercâmbio cultural promovido naquela época resultou na criação de grupos de dança, no surgimento de profissionais que buscaram especialização e aperfeiçoamento, além de uma série de trabalhos coreográficos que mostravam o envolvimento com as raízes culturais brasileiras e o movimento liberal teatral. Em dezembro de 1993, foram celebrados os

⁵³ Mesma autora do texto em parceria com Gomes Junior (2002-2003).

20 anos de Dança em Goiás, numa confraternização que recebeu da Secretaria de Cultura de Goiânia o título de Pioneira da Dança em Goiás.

Como já foi exposto, uma das revistas científicas escolhidas para análise nesta amostra – a Revista Pensar a Prática – é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pode-se notar a importância que estas experiências relatadas exerceram no Estado, uma vez que este periódico dedicou a temática do seu sexto volume inteiramente à dança com a publicação de 11 artigos científicos, tornando esta produção muito relevante para este estudo.

Outro artigo que representa a função memória foi escrito por Winter⁵⁴ e publicado em 1990 pela Revista Motrivivência, registrando assim, a realização de um movimento de extensão universitária denominado a Dança da Pedra Mó, que aconteceu na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em outubro de 1989. A proposta de uma abordagem ampla e integrada do movimento humano levou em consideração diversos enfoques, mas mantendo, sobretudo, o contexto social e político brasileiro. O autor destaca a participação de pesquisadores como Vitor Marinho, Marcio Negrão, José Angelo Gaiarsa, dentre outros.

Interessada em discutir diversas questões básicas acerca da dança, o estudo de Strazzacappa⁵⁵ publicado também no valioso volume seis da Revista Pensar a Prática (2002-2003), reflete muitas polêmicas observadas no âmbito da educação nacional. Considerando a falta de bibliografia especializada, esta autora toma para si a incumbência de produzir um material que contribua para fomentar discussões sobre temas gerais da dança na educação.

Deste modo, Strazzacappa (2002-2003) questiona se a dança está, ou não, inserida na educação formal, investiga também projetos de dança nas instituições escolares da região de Campinas, e apresenta ainda polêmicas levantadas nas disciplinas *Didática e Prática do Ensino da Dança*, do curso de licenciatura em dança da Unicamp.

Com a afirmação de que “a dança situa-se no terceiro mundo da arte” (STRAZZACAPPA, 2002-2003, p. 74), a autora justifica que questionamentos mais

⁵⁴ Acadêmico do Curso de Educação Física da UFPR.

⁵⁵ Atriz, bailarina, pesquisadora e pedagoga. Bacharel em Dança pela Unicamp, Mestre em Educação pela Unicamp e Doutora em Artes – Estudos Teatrais e Coreográficos pela Universidade de Paris VIII – França. Professora da Faculdade de Educação e coordenadora das licenciaturas da Unicamp.

elaborados sobre a dança perdem espaço para questões mais básicas e fundamentais como a sua própria sobrevivência.

Situando onde a dança pode estar inserida, cita-se a área de Artes Cênicas, na qual muitas vezes não aparece como dança e sim como Teatro, e apesar de ter suas próprias diretrizes reconhecidas pelo Ministério da Educação, “na educação básica, isto é, nas escolas de ensino regular, ela costuma ser vista como conteúdo da Educação Física, fato claramente indicado nos PCNs da área dessa disciplina” (STRAZZACAPPA, 2002-2003, p. 74).

Buscando uma identidade ou característica que seja única da dança surgem os argumentos:

a dança trabalha o corpo e o movimento do indivíduo, mas isso a Educação Física também faz. A dança desenvolve noções rítmicas, mas a música também. A dança amplia as noções espaciais da criança e do adolescente, situando-os no tempo e no espaço e desenvolvendo sua expressão corporal, mas o teatro também. A dança preocupa-se com a educação estética, mas as artes plásticas também. A dança proporciona o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade, mas isso todas as linguagens artísticas proporcionam... (STRAZZACAPPA, 2002-2003, p. 74-75).

O questionamento final anseia por algo que seja exclusivo da dança, pois as dificuldades enfrentadas nas escolas, a exemplo de ser vinculada à música apenas como complemento quando se estudam as manifestações populares, ou a ser vinculada à Educação Física nas comemorações cívicas, ou ainda, quando oferecida como atividade em si, apresentar um caráter extracurricular, podem provocar uma sensação de que a dança não apresenta conteúdo próprio, e portanto, não se caracteriza como área de conhecimento autônoma.

Contudo, o artigo de Strazzacappa (2002-2003), expõe a ampliação de estudos nessa área com o crescimento do número de cursos de graduação e especialização pelo país além de grupos de pesquisa, centros de fomento e publicações significativas.

Tenho a acrescentar que a primeira turma de Mestrado em Dança de toda América do Sul teve início no ano de 2006, na Ufba e, por ser aprovado em data posterior à publicação do texto, não se encontrava citado no seu texto apesar de ser um grande exemplo de consolidação da área da Dança.

Por fim, ressalto que a expectativa gerada por um artigo científico, oriundo de uma autora formada na área de Dança, era a de encontrar características que

reforçassem o seu saber-fazer próprio, contribuindo para o reconhecimento da dança como área autônoma academicamente, legitimada por seu conhecimento específico.

Contudo, foi encontrado questionamento que trazia implicações opostas a este reconhecimento, e, identificando uma importante pergunta lançada sem uma devida apreciação crítica, proporciono uma sugestão de resposta à inquietação gerada por Strazzacappa (2002-2003), em sua busca por uma característica exclusiva da dança, recorrendo a uma das produções mais conceituadas sobre os mais recentes estudos da dança neste viés da contemporaneidade: a tese de Katz intitulada *Um, dois, três. A dança é o pensamento do corpo*, publicada em 2005. Desta forma, exponho que para a autora desta tese, é possível admitir que o corpo que pensa é aquele que age organizando suas informações em constante troca entre natureza e cultura e, particularmente, o corpo que dança é aquele que se organiza como o pensamento. Afirmo, segundo Katz (2005), que

sendo ou não linguagem, o que singulariza a dança é o fato dela ser o pensamento do corpo. Quando o corpo pensa, isto é, quando o corpo organiza o seu movimento com um tipo de organização semelhante ao que promove o surgimento dos nossos pensamentos, então ele dança. Pensamento entendido como o jeito que o movimento encontrou para se apresentar. Ou seja, apenas em alguns movimentos que o corpo realiza sucede o mesmo que quando o corpo está pensando. (p. 3).

A autora ressalta que todo cuidado deve ser tomado no emprego do conceito de pensamento que é proposto. Não se concebe que ele seja aquela voz da racionalidade que cada um escuta apenas dentro da própria cabeça. Este conceito é empregado para designar uma maneira de organizar informações. Vale também ressaltar que esta hipótese é construída a partir de três substratos teóricos: da Semiótica Pierciana, da Semiótica da Cultura e das Ciências Cognitivas. Assim, evidencia-se que o caminho percorrido para o entendimento do movimento é bem diferente daqueles que se apóiam na Biomecânica e na Fisiologia do Exercício. Apoiando-se num entendimento de Dança que apresente estas particularidades pode-se afirmar que

a mímica, todos os tipos de ginástica, o teatro – mesmo o mais contemporâneo -, variados esportes, etc, se apartam da dança porque não se estruturam assim. Quando se entende a dança como um pensamento do corpo, este é o primeiro ganho: consegue-se

diferenciá-la de todas as outras construções que um corpo faz com o movimento. (KATZ, 2005, p.1).

Trazendo ainda uma colaboração de um dos artigos analisados nesta dissertação, considera-se que

seja para manter uma tradição, para interpretar um tema, para festejar ou para descontraír, **toda dança implica um saber-fazer próprio**, em pessoas que se agregam para este fim e em um local escolhido para tal fazer. O conhecimento desse saber-fazer que implica a criação e a manutenção de gestualidades específicas em contextos sociais diversos faz a dança ser reconhecida como um conhecimento produzido pela humanidade e passível de ser abordado na escola. Essas várias possibilidades de usos do corpo pela dança é que a faz ser pensada como cultura de movimento ou cultura corporal a ser ensinada no âmbito do ensino da educação física. (BRASIL 2000; COLETIVO DE AUTORES, 1992; KUNZ, 2000, apud PORPÍRIO; TIBÚRCIO, 2007, p. 150, grifo nosso).

3.3 CONHECIMENTO TÁCITO

De acordo com Vieira (2006), esta é a forma de conhecimento que não pode ser reduzida ao discurso. Para ele, as atividades artísticas encaram as questões tácitas sem a mesma resistência que a maioria dos cientistas. A observação feita por alguns filósofos é que existem limites na nossa capacidade de colocar em forma discursiva certos conhecimentos.

Considerando esta nova abordagem repleta de complexidade, é possível sugerir uma infinidade de fusões e intercâmbios, tendo em vista a promoção de um elo mais firme entre Arte e Ciência, pois

Arte e Ciência são formas de conhecimento produzidas ao longo de todo um processo evolutivo. E como formas de conhecimento, têm a função de garantir a permanência dos sistemas, não os humanos. Nesse sentido, a arte parece anteceder em muito a ciência. [...] A história da evolução humana é uma história da evolução da arte. (VIEIRA, 2006, p.84)

Levando estas questões em consideração, foram aqui classificados como conteúdos que abordam este tipo de conhecimento aqueles que propõem discussões a partir de trabalhos artísticos e/ou aqueles que tratam da relação entre Arte e Ciência.

Os textos com estas características são:

Tabela 7 – Artigos com conteúdos identificados como conhecimento tácito

AUTORES	TÍTULOS
ABRÃO, Elisa.	As relações entre arte e tecnologia: a dança híbrida do Cena 11.
ASSUMPÇÃO, Andréa Cristhina Rufino.	O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação.
BEZERRA, Laise Tavares Padilha; PORPIRO, Karenine de Oliveira.	Entre corpos reais e virtuais: reflexões da dança contemporânea para pensar o corpo na Educação Física.
RIBEIRO, Paula Cristina Peixoto.	Quasar Companhia de Dança: expressão da contemporaneidade em Goiás.
VIANA, Raimundo Nonato Assunção.	Corpo, estética, dança popular: situando o bumba-meu-boi.

Fonte: Revistas Pensar a Prática, Motrivivência e Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Assim, identifico que os estudos de Assumpção (2002-2003); Ribeiro (2002-2003); e Viana (2005), enquadram-se como forma de conhecimento tácito por buscar questionamentos em experiências que se pautam em ambiências consideradas artísticas, embora apresentem contextos bastante diversos. Já os trabalhos de Abrão (2007); e a pesquisa de Bezerra e Porpiro (2007), além de elucidar questões a partir de práticas artísticas relacionadas à dança contemporânea, discutem também, a relação entre Arte e Ciência.

Analisando os artigos identificados para esta forma de conhecimento, cito Castellani Filho (1998) que considera que “a cultura corporal constitui-se como uma totalidade formada pela interação de distintas práticas sociais”, dentre elas a dança. Este autor aponta as necessidades de contextualização e reconhecimento de seu significado para construção de uma Educação Física mais consciente da vinculação do seu conhecimento com a realidade social e este posicionamento crítico sobre a sociedade, que muitas vezes passa despercebido na escolha da metodologia de trabalho dos professores, foi o tema explorado por Assumpção⁵⁶ no seu artigo publicado na Revista Pensar a Prática em 2002-2003.

⁵⁶ Integrante do Programa de Pós-Graduação do Setor de Educação da UFPR. O artigo publicado se constitui do resumo da monografia apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFPR, sob orientação da Professora Astrid Baccker Avila.

Através de uma comparação entre o balé clássico e a dança contemporânea, a autora buscou os caminhos de emancipação para formação do ser humano, atentando primordialmente para as suas relações com a hegemonia capitalista. Neste ínterim, a autora considera que o balé clássico representa um resquício da hierarquia secular por conta da apropriação da técnica com códigos institucionalizados onde o ensino aconteceria pautado na reprodução e repetição em busca de um movimento que fosse perfeito tecnicamente. Tais características refletiriam uma sociedade autoritária sendo, portanto, contrárias à formação de um sujeito capaz de atuar de forma crítica na sociedade. Apostando nos lemas contemporâneos de libertação de padrões e ampliação de fronteiras de liberdade de expressão, a autora acredita que a dança contemporânea se constitui em “um grande passo para a emancipação desse indivíduo” (ASSUMPÇÃO, 2002-2003, p. 5).

Creio que esta questão deve ser analisada com muito cuidado, uma vez que a dança contemporânea é muitas vezes confundida com um estilo de dança, como o balé clássico ou as danças modernas, por exemplo. Responsável por grandes polêmicas em torno da sua definição, a dança contemporânea é também explicada como toda dança que é feita na atualidade, por artistas da contemporaneidade. No entanto, noto que esta referência de tempo não se faz apropriada para caracterizá-la pois muitos repertórios de balé ainda são montados nos dias de hoje. Além disso, existem alguns artistas da dança contemporânea que elegeram para suas pesquisas os códigos e técnicas do balé clássico com o fim de explorá-los em suas composições coreográficas, a exemplo de Mats Ek e William Forsythe.

Após levantar no seu artigo essas referências, que permeiam os mais citados livros de história da dança escritos no Brasil, nas quais a idade contemporânea determina o que é a dança contemporânea, gostaria de reforçar o esclarecimento que a autora tece sobre essa inquietação ao afirmar que “é preciso e primário que se torne clara a diferença entre dança contemporânea e danças da contemporaneidade” (ASSUMPÇÃO, 2002-2003, p. 7), possibilitando, com isto, um melhor entendimento acerca destas tão debatidas definições.

Sobre dança contemporânea posso acrescentar que não há uma lista de características comuns a todas as suas produções, ou seja, não existe sequer um único fator que possa determinar a sua contemporaneidade, seja ele o período no

qual foi produzido o trabalho, o estilo dos movimentos utilizados em cena, ou a presença de aparatos tecnológicos na sua composição. Cada uma destas danças tem o seu próprio modo de se organizar e é este tipo de organização que pode lhe conferir a característica contemporânea. O corpo que é apresentado reflete a maneira como ele é pensado e problematizado e são essas questões oriundas do berço das mais recentes descobertas científicas que vêm desestabilizando o que se considera convencional.

Voltando às implicações sociais geradas por essas mudanças na forma de organizar a dança, Assumpção, ao realizar sua pesquisa de campo em um grupo contemporâneo, percebeu uma série de contradições entre o trabalho desta companhia profissional e a proposta contemporânea que dizia abarcar. Uma delas se refere à forte hierarquização da própria instituição, o que fazia com que as apresentações se resumissem ao espaço do teatro, criando assim, uma acessibilidade elitizada.

Em contrapartida, o grupo de balé analisado não teve a mesma característica de profissionalização, uma vez que a amostra selecionada englobava as classes iniciante e intermediária de um estúdio de dança de Curitiba. Aqui cabe o comentário sobre um outro clichê bem sedimentado na idéia de dança não apenas do senso comum como também dos meios acadêmicos: a de que o balé clássico é a base para todas as outras danças.

Muitos pesquisadores da área da dança vêm tentando combater esses postulados atualmente, como se pode exemplificar com a frase de Katz (1999): “quem continua apresentando a dança como a linguagem universal ou o balé como técnica capaz de preparar o corpo para qualquer tipo de dança está colaborando para a difusão de lendas” (p. 15). Estes estudos que vêm conquistando cada vez mais espaço estão apoiados, dentre outras teorias, nas sinalizações das ciências cognitivas, que tem apontado uma nova tendência de produção de conhecimento, sobretudo na área de artes, alcançando também a dança.

Na análise do artigo de Ribeiro⁵⁷ (2002-2003), mais uma vez é ressaltado o já citado movimento de dança no Estado de Goiás, iniciado na Escola de Educação Física. Este movimento artístico-cultural, entretanto, pretende estabelecer

⁵⁷ Licenciada em Educação Física pela UFG. Artigo baseado na monografia de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, sob orientação dos professores Ari Lazzarotti Filho e Valéria Figueiredo, autora de outros textos desta análise.

ligação com uma nova proposta de dança contemporânea no cenário goiano, percorrendo sobre as produções da *Quasar Companhia de Dança*.

A partir das experimentações da disciplina inaugurada nesta Escola, teria sido revelado o talento Henrique Rodovalho, que segundo a autora é “um dos coreógrafos mais originais da dança brasileira” (RIBEIRO, 2002-2003, p. 90), fundador da Quasar Companhia de Dança juntamente com Vera Bicalho. Sobre a Companhia, acrescenta-se que

a Quasar Companhia de Dança, por ser o que existe de mais elaborado na dança contemporânea em Goiás, nos move a buscar uma compreensão aprofundada sobre o modo como o corpo que dança irá expressar-se e comunicar-se com o mundo. A companhia obteve reconhecimento internacional como uma das melhores do Brasil, tendo à sua frente um dos melhores coreógrafos do mundo, por coincidência ou não, graduado em Educação Física. (RIBEIRO, 2002-2003, p. 87).

A crença numa dança que pudesse demonstrar ousadia “deixava de lado aquela dança que conta historinhas ou representa elementos da natureza para postular uma outra que viesse falar do homem e de sua realidade” (RIBEIRO, 2002-2003, p.89). Deste modo, este rompimento propunha investigações em dança que expressassem a realidade humana e, segundo esta autora, foi este fato que tornou esta companhia vanguardista. Sem comprometer a identidade da dança, se buscou “uma linguagem própria a partir de experimentações com outras artes, trazendo uma nova forma de usar o corpo para dizer algo e interagindo com vários estilos de movimento, com uma proposta estética que quebrava formas e plasticidades, rompendo com os padrões acadêmicos” (RIBEIRO, 2002-2003, p.89).

A autora selecionou dois espetáculos da companhia com o objetivo de investigar a pluralidade de linguagens e a diversidade de elementos estéticos presentes nas obras. Assim, foram escolhidas as obras *Versus* e *Divíduo*, por identificarem momentos distintos de amadurecimento artístico na concepção da *Quasar*. Na sua conclusão, Ribeiro (2002-2003) afirma que não seria possível estabelecer padrões entre os espetáculos, constatando diversidade na forma, plasticidade, narrativa e identidade, e também nos elementos cênicos. A Quasar Companhia de Dança é considerada no texto como grande referencial da dança contemporânea que compõe novas estéticas para o vocabulário da dança goiana.

Já a contribuição de Viana⁵⁸ (2005), destaca um dos cenários das manifestações artístico-culturais do nosso país através do estudo do bumba-meu-boi do Maranhão. Para contextualizar este ambiente da dança popular escolhido, a investigação de Viana (2005) tem como principal interlocução a fenomenologia de Merleau-Ponty para propor uma reflexão dos conceitos de corpo e estética.

Esses pressupostos teóricos sustentam a abordagem das relações construídas por todos os componentes do Bumba-meu-boi, sejam eles os brincantes, o boi ou a religiosidade. No Brasil, este folguedo de tríplice miscigenação teve origem no ciclo econômico do gado, sendo produto das influências indígena, do negro escravo e do português. No Maranhão, dentre os vários grupos de bois, três destacam-se pelo estilo das indumentárias e bailados que apresentam: o boi-de-matraca; o boi-de-orquestra; e o boi-de-zabumba.

O autor considera que é possível situar essa manifestação da cultura sob diversos enfoques, dentre eles: o folclórico, o histórico, o antropológico. Baseado nos estudos de Nóbrega (1999), o autor inicia a sua reflexão sobre corpo citando que

“o corpo é lugar de inscrição, mensagem, comunicação, história, memória. [...] Por sua característica polissêmica e multifacetada, o corpo é objeto de estudo de várias ciências, permitindo o cruzamento de diferentes vias de conhecimento. [...] O corpo é tematizado pela Religião, pela Filosofia, pela Ciência e pela Arte, apresentando-se de diversas formas no pensamento e na cultura, de modo geral” (p. 227).

Partindo deste olhar sobre o corpo, Viana (2005) acredita ser capaz de compreender as estratégias de produção de conhecimento ao observar como essas danças se apresentam com relação à estética. Ele enfatiza que homens e mulheres realizam movimentos que, aparentemente, não apresentam nenhuma utilidade ou função prática, mas, ao dançar, a experiência estética se dá no corpo e possui sentidos e significados em si mesmos.

O autor considera que no universo das manifestações populares, neste caso o estudo do bumba-meu-boi, os processos de aprendizagem ocorrem simultaneamente no corpo que dança, assim como a capacidade de constante de reelaboração de sentidos. Ele conclui destacando a relevância destas reflexões para ampliar a compreensão dos estudos do corpo, estética e dança popular, ensejando

⁵⁸ Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão (Ufma), Mestre e Doutorando em Educação pela UFRN.

também a aproximação entre os cenários educativos e o cotidiano, ambos produtores de saberes que merecem dialogar.

Analisando o trabalho de Abrão⁵⁹ (2007), nota-se que trata das relações estabelecidas entre tecnologias e arte, partindo da proposta de dança híbrida da Companhia de Dança Cena 11. Neste estudo de caso foram analisados espetáculos e a preparação física do grupo, que se utiliza de patins, câmeras, projeções de slides e outros recursos como extensões do corpo. Dentre o material analisado estão: o *Espetáculo SKR – Procedimento 01*; a coreografia *Violência*; e o espetáculo *Skinnerbox*.

Sobre as tecnologias considera-se que não se deve tê-las como imprescindíveis para o ato de dançar, e sim como possibilidades de ampliar algumas relações que são estabelecidas com o mundo enquanto se dança. O depoimento de um dos integrantes da Companhia supõe que:

desde que surgiu essa tecnologia, ela já começou ser usada pela arte. Isso tem a ver com o trânsito entre ciência e arte. Então, esse trânsito sempre ocorreu de uma forma ou de outra. Sempre houve cientistas interessados em arte e artistas interessados em ciência, e esse trânsito, de alguma forma, sempre em algum ponto, convergiu para que se produzisse algo. Então, tem uma tendência para o quanto a tecnologia evolui, e os modos de produzir arte também se diferenciam. (ABRÃO, 2007, p. 227).

Na compreensão da Companhia, o vídeo como tecnologia é tão construtor de arte como as tecnologias que passam despercebidas, como as roupas e a iluminação. Acerca do trabalho desenvolvido na Companhia de Dança Cena 11, o coreógrafo comenta:

Vejo o corpo como um aparato tecnológico (tecnologia = técnica aplicada). A relação com a tecnologia já vem em criar uma técnica ou utilizar uma técnica para alguma coisa. Balet clássico ou jiu-jitsu (técnicas) transformam-se em tecnologia quando são aplicadas para, por exemplo, criar dança contemporânea. Óbvio que isso se estende para as relações que o Cena 11 tem com o vídeo, slides... Mas não acho que aí está o nosso forte em tecnologia; isso é o que as pessoas em geral entendem por tecnologia – que é um conhecimento muito pequeno. Não sentimos que o sapato é uma tecnologia, o corpo se adaptou ao sapato. Andar de sapato é uma técnica. E dança é ciência. (AHMED, 2003 apud ABRÃO, 2007, p. 231).

⁵⁹ Mestre em Educação Física pela UFSC na linha de Teoria e Prática Pedagógica.

As autoras consideram que a utilização de tecnologias na arte contemporânea é uma tendência, e o Cena 11, um dos grupos que mais inovam no universo da dança, tornando-o capaz de ditar e reforçar essas tendências existentes no universo artístico da dança.

Por fim, a pesquisa de Bezerra⁶⁰ e Porpiro⁶¹ (2007), busca identificar as novas configurações de corpo trazidas da conexão entre dança e tecnologia propondo estas reflexões da dança contemporânea para pensar o corpo na educação física. Metodologicamente, o estudo analisa os vídeos de dança *Digital Brazuca* e *Corpo Aberto*, que contribuem para uma compreensão de corpo que considera a complexidade, a incerteza, a reversibilidade.

Também sob a ótica da fenomenologia, este estudo considera que “a Dança Contemporânea problematiza, desestabiliza e desconstrói velhos conceitos para criar novos sentidos. Acrescentando-lhes a possibilidade de novas leituras.” (BEZERRA, PORPIRO, 2007, p. 283). Nesta visão, o diálogo com as tecnologias e com o virtual se insere no corpo, e então,

o corpo sai de si mesmo, adquire novas velocidades, novos tempos, formas, presenças, brinca, multiplica-se. Virtualizar um corpo não é simplesmente desmaterializá-lo, incita outras esferas, assim, implica também em uma mudança de identidade, da passagem da solução para uma problemática. Insinua um corpo desterritorializado, dessincronizado, coletivizado, que se inventa e reinventa em um movimento constante de atualização. (BEZERRA, PORPIRO, 2007, p. 279-280).

Sendo assim, dentre as implicações da virtualização do corpo está a sua multiplicação, a abolição de fronteiras, a ressignificação do que é vivo e a dissipação da identidade do corpo. Trazendo estas colocações para o âmbito da Educação Física, as autoras consideram que, ao longo de sua história, as intervenções desta área contribuíram para uma ortopedia do endireitamento e uma pedagogia das atitudes, incitando os modelos únicos através de técnicas de disciplinamento e racionalização do uso do corpo.

Bezerra e Porpiro (2007) concluem acreditando que as reflexões propostas pela dança contemporânea fazem os corpos percorrerem outros olhares,

⁶⁰ Professora da Universidade Potiguar na área de Educação Física, diretora artística e coreógrafa do grupo de cia. de Dança Anagrama.

⁶¹ Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na área de Educação Física. Mesma autora dos textos em conjunto com Marques e Sampaio (1990), e novamente com [Marques] Tibúrcio (2007).

sugerindo uma racionalidade que supera as dualidades modernas e a fragmentação das abordagens teóricas. Elas criticam a Educação Física que se destina à domesticação dos corpos e o funcionalismo dos movimentos. Citam também as críticas às oposições metafísicas, tais como natureza/cultura, alma/corpo, como também as concepções de corpo-máquina e naturalização do corpo.

Observo que estes artigos identificados como formas de conhecimento tácito, apresentam-se uma amostra mais atual, com textos publicados entre os anos de 2002 a 2007. Contando com apenas cinco publicações desta natureza, nota-se que a relação entre dança, Arte e Ciência ainda é uma discussão pouco divulgada pela área de conhecimento da Educação Física.

Enquanto isso, tecendo considerações sobre toda análise realizada, observo que as abordagens metodológicas se constituem na maior preocupação da amostra selecionada, sendo abordada de diversas formas: relato de experiências educacionais, revisões bibliográficas de proposições, estudo de metodologias em projetos de dança, análise de concepções teóricas, dentre outras. Outra constatação é que há uma enorme preponderância do sexo feminino na autoria dos artigos científicos analisados, afinal dos 59 autores desta amostra, apenas oito são homens. Além disso, há um grande número de estudos que utiliza a fenomenologia como pressuposto teórico.

Ressalto que, na fase de conclusão deste estudo, quando já estavam sendo realizadas as revisões finais, foi divulgado mais um artigo científico sobre dança na Revista Pensar a Prática. De autoria de Cazé e Oliveira (2008), atualmente ambas Mestre em Dança pelo PPG-Dança da Ufba, o texto

suscita reflexões sobre as possibilidades do corpo cego e a interação com a dança na construção da autonomia. Autores como Fleming, Frazão e Lusseyran apontam questões sobre a rede tecida pelos sentidos na formação de imagens sensório-motoras pelo deficiente visual. Damásio contribuiu para um entendimento de emoção e razão. Llinás explica a construção do movimento baseado na Neurociência. Katz traz a teoria do Corpormídia para pensar a dança como cognição. Nas considerações finais, observamos a dança como parte do conhecimento humano e espaço que possibilita o entrelaçamento de saberes, haja vista o ser humano de construir em rede pelo imbricamento entre corpo, ambiente e cultura. (CAZÉ; OLIVEIRA, 2008).

Esta divulgação apresenta, contudo, muitas peculiaridades. Uma delas é que não há informação sobre a paginação, pois o artigo é exibido apenas na

linguagem de hipertexto, enquanto todas as edições anteriores disponibilizam além da referência sobre o número de páginas, a versão em outro formato de arquivo que consta deste dado, assim como na versão impressa. Outro detalhe é que neste volume estão agrupados somente quatro artigos e não há imagem para a capa deste número. Chamo atenção para o fato de que, o artigo encontra-se inserido na primeira ocorrência de um terceiro exemplar produzido no mesmo ano de publicação, visto que a Revista Pensar a Prática teve ocorrência anual nos seus primeiros seis anos de publicação – de 1998 a 2003, passado a ser produzida semestralmente nos anos de 2004 a 2007. Todos esses indicativos podem indicar que este foi um número especial que se encontra disponibilizado apenas no sítio virtual deste periódico.

Por fim, cito um estudo que, apesar de realizado no âmbito da Educação Física, corrobora com as questões mais pertinentes da legitimação da área da Dança pela afirmação de suas singularidades e autonomia, uma vez que

sendo possuidora de um **conhecimento próprio** [...] a dança não pode ser reduzida a um meio lúdico de ensinar outros conteúdos, a uma opção para dinamizar as festas escolares, a uma forma de catarse ou relaxamento dos alunos tão assoberbados pelas tarefas escolares ou a uma mera atividade para o condicionamento físico, apesar de algumas dessas situações poderem ser pensadas como consequência do trabalho desenvolvido a partir de uma visão interdisciplinar que não menospreze, mas inclua **o conhecimento específico da dança**. (PORPIRO; TIBÚRCIO, 2007, p. 151, grifos nosso).

Após estas considerações, pontuo que esta análise buscou, mais do que o reconhecimento das formas de conhecimento discursivo, intuitivo e tácito, evidenciar os estudos publicados no campo da Educação Física de forma a identificar os pensamentos de dança divulgados por estas revistas de circulação científica, esclarecendo a presença de alguns clichês que continuam colaborando para a difusão de mitos sobre a dança. Destarte, o ensejo é contribuir para a afirmação da Dança enquanto área de conhecimento que possui sua devida autonomia acadêmica, saber e objetivos próprios, assim como, sua especificidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a proposta de uma análise de artigos científicos sobre dança publicados em periódicos de circulação da área da Educação Física, este estudo discorre acerca dos pensamentos de dança veiculados nestas produções a partir dos conceitos sobre formas de conhecimento encontrados em Vieira (2006). Deste modo, foram apresentadas as formas de conhecimento mais valorizadas nos domínios científico, filosófico e artístico: os conhecimentos discursivo; intuitivo; e tácito. Vale ainda ressaltar que cada uma destas formas de conhecimento contém algo das demais.

Considero que este estudo virá para elucidar as abordagens específicas de dança no campo de conhecimento de Educação Física, à medida em que colhe informações dos artigos publicados em três reconhecidas revistas científicas desta área: a revista *Motrivivência*; a revista *Pensar a Prática*; e a *RBCE*.

Respalhada pelas graduações que realizei nessas duas áreas, identifico que a principal relevância deste estudo é, pois, a legitimação da Dança como área academicamente autônoma e de conhecimento específico. Ressalto a qualificação acadêmica desta desejada autonomia, uma vez que, enquanto arte, a dança é reconhecida por suas produções há longas datas. Entretanto, esse seu conhecimento próprio quando trazido para a ambiência das universidades, pareceu se vincular de forma subordinada a outras áreas de conhecimento, a exemplo da Educação Física.

Por isso, as minhas reflexões trazem de modo interligado o reconhecimento de um conhecimento específico da dança e a sua consolidação acadêmica de forma autônoma. Esta questão pode envolver desde aspectos sociais de reconhecimento do senso comum sobre as produções da área (sejam elas artísticas, literárias, educacionais, etc.), como também questões como a atuação dos profissionais no mundo do trabalho e a adequação de políticas públicas e leis de incentivo específicas.

O esforço de tecer comentários a respeito dos conteúdos dos 40 artigos científicos que fizeram parte desta pesquisa, onde consta o trabalho de 59 autores, espera ter elucidado relevantes questões e importantes esclarecimentos. A análise anseia por contemplar as opiniões que ressaltam os pontos mais significativos dos

textos elencados, trazendo à tona aquelas opiniões que promovem a ciência de um conhecimento próprio da dança.

Nesta produção de contexto bastante diverso encontramos: dança híbrida e dança inteligível, dança com mediação tecnológica e dança transcendental; balé clássico, dança moderna, contemporânea e popular; abordagens teóricas, práticas, educativas; metodologia, coreologia e estéticas da dança; bumba-meu-boi do Maranhão, Quasar, Cena 11 e sua obra SKR – 01, Digital Brazuca, Corpo Aberto: dança e animação, dança e inclusão, dança e cultura, dança e pessoas com deficiência, dança e mídias, o homem que dança; dança e educação, dança e educação física, dança e arte, dentre outros.

Há textos que concluem que é alto o grau de especialização do conhecimento em dança, mas também há produções que continuam a propagar idéias que colaboram para a difusão de mitos e clichês. Muitas passagens dos textos com estas características foram elucidadas, buscando um maior esclarecimento das consequências provenientes dos modos de pensar, falar e refletir sobre corpo, movimento ou dança de forma um tanto ultrapassada.

É imprescindível salientar que também há uma série de mitificações a serem superadas com relação à Educação Física. Visões contra o mecanicismo, contra o corpo considerado puramente biológico, dentre outras, não são apenas discutidos entre os maiores pesquisadores da área, mas, outrossim, são expostas desde o início dos cursos de formação profissional. Grande parte das opiniões sobre atividade física e esporte faz parte de antigas tendências que marcaram o passado da Educação Física. Obviamente, estas implicações históricas continuam presentes em algumas práticas na atualidade, assim como ainda existem diversos trabalhos com dança que se baseiam em pressupostos clássicos, desconsiderando os estudos mais recentes dentro da própria área.

O que é passível de ênfase aqui, é que se é perceptível o dano que pode ser causado com a divulgação de concepções ultrapassadas acerca da dança, é preciso também atentar para o modo como se pensa, se estuda e se trata as demais áreas de conhecimento.

O diálogo com os referenciais teóricos deste PPG-Dança, traz a partir dos estudos mais contemporâneos em diversas áreas, contribuições para o cenário atual da dança, e, toma por pressuposto o seu reconhecimento como campo de conhecimento cuja especificidade demanda a estruturação de instrumental teórico

próprio que se articule com outros saberes correlatos para abarcar sua complexidade. Esta complexidade dos processos envolvidos nas mais diversas configurações da dança requer a contribuição articulada de diferentes áreas do conhecimento, dedicadas ao estudo do corpo, da produção cultural humana e dos seus contextos históricos.

Assim sendo, o que se pretende para o egresso deste programa é uma atuação profissional embasada por um escopo teórico de caráter interdisciplinar que explica a dança como atividade cognitiva do corpo e, as suas configurações, artísticas ou não, como sínteses transitórias de processos corporais histórico-culturais e evolutivos. Além disso, a formação salienta a compreensão da dança como área de conhecimento específico, um dos principais propósitos desta dissertação.

O pesquisador que toma contato com esses pensamentos em dança, é também formado para uma atuação pública participativa, subsidiada por conteúdos e estratégias de abordagem atualizadas, e por argumentação crítica que lhe permita posicionar-se frente às questões em pauta no Brasil de hoje. Tal característica é de extrema importância para este estudo uma vez que, os campos de conhecimento utilizados para essa aproximação foram a Dança e a Educação Física, que têm sido protagonistas de diversos embates no cenário político brasileiro.

Assim, esta produção observa que muitas vezes há uma nebulosidade nos conceitos a respeito da Dança gerados e bastante difundidos nas publicações da área de Educação Física. Entretanto, alguns autores desta área consideram que a dança, em si, tem objetivos concretos, definidos e diferentes dos objetivos da educação física, defendendo a posição de que ela seria uma atividade completa, e não um complemento.

É preciso reforçar mais uma vez que, como se tentou demonstrar em algumas considerações ao longo deste estudo, os pressupostos que direcionam e justificam o trato da dança no campo de conhecimento da Educação Física podem ser bem diferentes daqueles preconizados pelas intervenções do sistema Cref-Confef.

Considerando que toda dança implica um saber-fazer próprio, alguns autores concluem que se deve também garantir respeito ao espaço de atuação dos seus profissionais. Noto que, a definição destas fronteiras também é uma ação repleta de complexidade, que não se resolverá através de simples projetos de lei ou

políticas tendenciosas de regulamentação, mas sim, de todo um esforço coletivo na produção e socialização de conhecimento acerca de dança.

Com esta observação, o presente estudo traz, pois, a refutação da dança **apenas** enquanto conteúdo da Educação Física. Essa constatação tem como objetivo tornar essa pesquisa uma produção esclarecedora da autonomia acadêmica da Dança como área de conhecimento específico, gerando mudanças nas opiniões formadas não apenas pelos estudiosos em Educação Física, mas também por toda sociedade.

Essa afirmação, contudo, não implica na defesa da exclusão do conhecimento da dança das aulas de Educação Física. Como citado anteriormente, acredito que a criação de fronteiras nas quais estariam impostos os limites de cada profissional ou professor, seja ele de dança ou educação física,

Assim sendo, a Dança deve ser compreendida não apenas como uma área inserida na cultura corporal, como as ginásticas e o esporte, visto que consegue ser diferenciada de todas as outras construções de movimento do corpo, devido à sua exploração e vivenciação do espaço-tempo, se apresentando como uma maneira sofisticada de conhecimento.

Na presente dissertação, é com muito cuidado que busco operar no trânsito entre estas duas áreas de conhecimento: Dança e Educação Física; pois tenho também como objetivo contribuir para a construção de um conhecimento que não tenha uma lógica verticalizada. Não pressuponho Dança acima ou abaixo de Educação Física, assim como, não coloco Educação Física acima ou abaixo de Dança, Medicina ou qualquer outra área de conhecimento. Identifico especificidades e autonomia.

Com estas considerações finais, e entendendo a conclusão como algo provisório, esta produção pode se constituir a base para novas investidas acadêmicas, tanto em suas áreas específicas de conhecimento como colaborativamente em sua inter, trans e pluridisciplinaridades.

Apostando nos argumentos apresentados e nas minhas tatuagens corporais esportivas e dançantes que me levam a experimentar do salto triplo ao *grand jeté*, finalizo este estudo reforçando o conhecimento específico e sofisticado que é produzido pela Dança. Ao tomar contato com o seu saber, a Educação Física, assim como as demais áreas, devem buscar compreendê-la nesta sua complexa singularidade.



Figura 4 – Salto triplo



Figura 5 – *Grand jeté*

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Elisa. As relações entre arte e tecnologia: a dança híbrida do Cena 11. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 10.2, p. 221-236, jul./dez. 2007. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef>». Acesso em: 07 nov. 2008.

ANDRADE, Cecília Fonseca Pessoa de; NASCIMENTO, Euisa Silva do; LEMES, Elaine Aderne; SILVA, Eulália Alves da; HORTALE, Georgette Alonso; SILVA, Ieda Lucia; SANTOS, Noemia Lourdes da Silva dos. Proposta dança/educação: por que, como e para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 28-30, set. 1994.

ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana Martins. Entre o jogo estético e o impulso lúdico: um ensaio de dança. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 121-130, jan. 2006.

ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana; TEVES, Nilda. O dito e o interdito: análise das formações discursivas produzidas pela mídia impressa acerca do papel atribuído à dança em projetos sociais na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 101-115, jan. 2005.

ASSUMPÇÃO, Andréa Cristhina Rufino. O balé clássico e a dança contemporânea na formação humana: caminhos para a emancipação. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 1-19, jul./jun. 2002-2003.

ASSUNÇÃO, Cláudia Cristina da Silva; PINHO, Pablo Borges. [Resumo] Um retrato sobre a realidade da prática pedagógica da dança na educação física e o que propõem os PCNs. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 4, p. 163-164, 2001. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/index/index>». Acesso em: 23 maio 2006.

BASTOS, Daniela. A prática pedagógica em questão: o trato com o conhecimento dança no projeto Expressão. **Motrivivência**, ano XI, n. 12, p. 119-130, maio 1999.

BEZERRA, Laise Tavares Padilha; PORPIRO, Karenine de Oliveira. Entre corpos reais e virtuais: reflexões da dança contemporânea para pensar o corpo na Educação Física. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 10.2, p. 275-290, jul./dez. 2007. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef>». Acesso em: 07 nov. 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (5ª a 8ª séries): educação física. Brasília: MEC / SEF, 1998. 114p.

BRASILEIRO, Livia Tenório. O conteúdo “dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 45-58, jul./jun. 2002-2003.

BRITTO, Fabiana. Evolução da dança é outra história. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Sílvia (org.). **Lições de dança**, Rio de Janeiro: Universidade, 1999. n. 1, p. 159-167.

Capa da Revista Motrivivência, ano II, n.3 (1990). 1 gravura, pb. Disponível em: «<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/issue/view/172>». Acesso em: 13 jan. 2008.

Capa da RBCE, v.28, n.2 (2007). 1 gravura, color. Disponível em: «<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/issue/view/110>». Acesso em: 13 jan. 2008.

Capa da Revista Pensar a Prática, v. 6 (2002-2003). 1 gravura, color. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/issue/view/49>». Acesso em: 13 jan. 2008.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Política educacional e educação física.** Campinas: Autores Associados, 1998. 93 p. Coleção polêmicas do nosso tempo.

CAZÉ, Clotildes Maria de Jesus Oliveira; OLIVEIRA, Adriana da Silva. Dança além da visão: possibilidades do corpo cego. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 11, n. 3. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/3592/4263>». Acesso em: 10 fev. de 2009.

CENTRO esportivo virtual. Disponível em: «<http://cev.org.br/biblioteca/>». Acesso em: 01 nov. 2008.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes:** emoção, razão e cérebro humano. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 334 p.

DANTAS, Mônica Fagundes. Dança: forma, técnica e poesia do movimento na perspectiva de construção de sentidos coreográficos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 157, jan. 1997.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo.** 10. ed. Campinas: Papyrus, 2005. 104 p. Coleção Corpo e Motricidade.

FÁTIMA, Conceição Viana de. [Resenha] Dança: um caminho para a totalidade. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 157-159, jul./jun. 2002-2003.

FERRAZ, Thais Gomes. Cotidiano e dança na periferia: reflexões para uma prática educativa. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 117-138, jul./jun. 2002-2003.

FERREIRA, Maria Cecília Carareto; FERREIRA, Júlio Romero. Sobre inclusão, políticas públicas e práticas pedagógicas. In: GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de (org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva.** Campinas: Autores Associados, 2004. cap. 2, p. 21-48.

FIAMONCINI, Luciana. Dança na educação: a busca de elementos na arte e na estética. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 59-72, jul./jun. 2002-2003.

FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves de; TAVARES, Maria da Consolação Cunha; VENÂNCIO, Silvana. Uma reflexão sobre a pessoa portadora de deficiência visual e a dança. **Motrivivência**, ano XI, n. 12, p. 213-220, maio 1999.

GOMES JÚNIOR, Lázaro Moreira; LIMA, Lenir Miguel de. Educação estética e educação física: a dança na formação de professores. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 31-44, jul./jun. 2002-2003.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005. 424 p. Coleção Educação Física.

Grand jeté. 1 gravura, color. Disponível em: «<http://www.flickr.com/photos/soulico/2252697466>». Acesso em: 13 fev. 2008.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005. 152 p.

GUIMARÃES, Gina. Dança nos ciclos de escolarização: aproximações teóricas. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 21-29, jul./jun. 2002-2003.

KATZ, Helena. A dança, pensamento do corpo. In: NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina**: a ciência que manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p 261-274.

_____. O coreógrafo como DJ. In: PEREIRA, Roberto; SOTER, Silvia (org.). **Lições de dança**, Rio de Janeiro: Universidade, 1999. n. 1, p. 11-24.

_____. **Um, dois, três**: a dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID Editorial, 2005. 273 p.

KRISCHKE, Ana Maria Alonso; SOUSA, Iracema Soares de. Dança improvisação, uma relação a ser trilhada com o lúdico. **Motrivivência**, ano XVI, n. 23, p. 15-27, dez. 2004.

KUNZ, Maria do Carmo Saraiva. Ensinando a dança através da improvisação. **Motrivivência**, ano V, n. 5/6/7, p. 166-169, dez. 1994.

LARA, Larissa Michelle; RINALDI, Ieda Parra Barbosa; MONTENEGRO, Juliana; SERON, Taiza Daniela. Dança e ginástica nas abordagens metodológicas da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 155-170, jan. 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006. 219 p.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LEIRO, Augusto Cesar Rios. **Educação e mídia esportiva**: representações sociais das juventudes. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2004, 293 f. : il. Disponível em: «<http://www.grupomel.ufba.br/textos>». Acesso em 16 jan. 2007.

LEITÃO, Fátima C. do Valle; SOUSA, Iracema Soares de. O homem que dança. **Motrivivência**, ano VII, n. 8, p. 250-259, dez. 1995.

LIMA, Elaine Cristina Pereira; FIAMONCINI, Luciana. Dançando na escola, Politizando a dança: um estudo sobre o projeto dança escolar da Prefeitura Municipal de São José. **Motrivivência**, ano XVI, n. 23, p. 29-41, dez. 2004.

LIMA, Lenir Miguel. Um momento de dança em Goiás. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 1, p. 74-80, 1998. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/index/index>». Acesso em: 23 maio 2006.

LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico**: monografias, dissertações e teses. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2003. 143 p.

MACHADO, Adriana Bittencourt. Corpo: medi (ações) midi (ações) e meio de (ações). In: NORA, Sigrid (org.). **Húmus 2**, Caxias do Sul: Lorigraf, 2007. p. 139-147.

MADUREIRA, José Rafael. Delsartes e Dalcroze: personagens de uma dança (re) descoberta. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 20, n. 2 e 3, p. 180-184, 1999.

MAYER, Alice Mary Monteiro. Um “olhar” fenomenológico sobre o processo criativo em composição coreográfica na área de dança-educação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 20, n. 2 e 3, p. 185-190, 1999.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo e... “mente”**: bases para renovação e transformação da educação física. 14. ed. Campinas: Papyrus, 1996. 96 p. Coleção Krisis.

NOZAKI, Hajime Takeuchi. Resistências de outras áres: IN: **Educação física e reordenamento no mundo do trabalho**: mediações da regulamentação da profissão. 2004. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. f. 276-315.

NÓS que aqui estamos, por vós esperamos. Direção, roteiro, produção, pesquisa, edição: Marcelo Masagão. 1 DVD (72min). Produzido no Pólo industrial de Manaus: Agência Observatório, 1999. Original em português.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1998. 319 p.

PACHECO, Ana Júlia Pinto. Educação física e dança: Uma análise bibliográfica. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 2, p. 156-171, 1999. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/index/index>». Acesso em: 23 maio 2006.

PINKER, Steven. **Tábula Rasa**: a negação contemporânea da natureza humana. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 672 p.

PORPIRO, Karenine; MARQUES, Larissa; SAMPAIO, Poliana. Dançando e educando. **Motrivivência**, ano II, n. 3, p.33, jan. 1990.

PORPIRO, Karenine de Oliveira; TIBÚRCIO, Larissa Kelly de Oliveira Marques. Cenas urbanas e cenas da dança: compondo novos repertórios pedagógicos no contexto do ensino superior. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 141-154, jan. 2007.

PRADO, Nadja Seixas. Dança através de movimentos livres naturais. **Motrivivência**, ano I, n. 1, p. 87-88, dez. 1988.

PRIGOGINE, Ilya. Uma nova racionalidade. In: **O fim das certezas**: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, prólogo, p. 9-15. Tradução de Roberto Leal Ferreira.

RETONDAR, Jeferson José Moebius. Dança e arte ou o sensível e o inteligível em Hegel e Valéry. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 14-19, jan. 1998.

RIBEIRO, Paula Cristina Peixoto. Quasar Companhia de Dança: expressão da contemporaneidade em Goiás. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 87-106, jul./jun. 2002-2003.

SALES, Sandra. A realidade social como base do trabalho nas escolas públicas: jogos/esporte/ginástica/dança, além do real aparente. **Motrivivência**, ano VI, n. 4, p. 187-188, jun. 1993.

Salto triplo. 1 gravura, color. Disponível em: «<http://www.flickr.com/photos/freeariello/2053665832>». Acesso em: 13 fev. 2008.

SANTANA, Ivani Lúcia de Oliveira. **(Sopa de) carne, osso e silício**: as metáforas (ocultas) da dança tecnologia. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2003. 167 f. il.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 92p.

SANTOS, Rosirene Campelo; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves. Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 107-116, jul./jun. 2002-2003.

SETENTA, Jussara Sobreira. Performatividade na dança contemporânea: o corpo interessado em perguntar e não em responder. In: NORA, Sigrid (org.). **Húmus 2**, Caxias do Sul: Lorigraf, 2007. p. 139-147.

SBORQUIA, Sílvia Pavesi; GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. As danças na mídia e as danças na escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 105-118, jan. 2002.

SILVA, Aline Huber da; BADARÓ, Ana Fátima Viero. Relação entre idade e variação da flexibilidade de bailarinas. **Cinergis**, v. 8, n. 1, jan./jun. 2007, p. 51-56. Disponível em: «<http://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis>». Acesso em: 09 nov. 2008.

SOARES, Andressa Silveira; SARAIVA, Maria do Carmo. Fundamentos teórico-metodológicos para a dança na educação física. **Motrivivência**, ano XI, n. 13, p. 103-118, nov. 1999.

SOUSA, Caroline Protásio; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves. Uma proposta de dança na melhor idade. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 4, p. 115-122, 2001. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/index/index>». Acesso em: 23 maio 2006.

SOUZA, Maria Inês Galvão; PEREIRA, Patrícia Gomes Pereira; MELO, Victor Andrade de. Dança e animação cultural: improvisações. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 139-155, jul./jun. 2002-2003.

STEINHILBER, Jorge. **Licenciatura e/ou Bacharelado: opções de graduação para intervenção profissional**. Revista E.F. – Educação Física: órgão oficial do CONFEF. Ano VI, n. 19, mar. 2006, p. 19-20.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 6, p. 73-85, jul./jun. 2002-2003.

VERENGUER, R.C.G. **Preparação profissional em educação física: das leis à implementação dos currículos**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1996. 95 f.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. Corpo, estética, dança popular: situando o bumba-meu-boi. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8, n.2, p. 227-242, 2005. Disponível em: «<http://www.revistas.ufg.br/index.php/index/index>». Acesso em: 23 maio 2006.

VIEIRA, Arabel Issa; TAVARES, Maria da Consolação G. C. F. A dança e os indivíduos portadores de lesão medular. **Motrivivência**, ano IX, n. 10, p. 208-212, dez. 1997.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. O corpo na dança. **Cadernos do GIPE-CIT**: Grupo interdisciplinar de pesquisa e extensão em contemporaneidade, imaginário e teatralidade, Programa de pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, n. 2, p. 17-30, fev. 1999.

_____. **Teoria do conhecimento e Arte**: formas de conhecimento: arte e ciência – uma visão a partir da complexidade. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006. 136 p.

WINTER, Wilson. A dança da pedra mó: movimento e extensão universitária. **Motrivivência**, ano II, n. 3, p. 32, jan, 1990.

ANEXOS

ANEXO A – Resumos dos artigos analisados da Revista Pensar a Prática

AS RELAÇÕES ENTRE ARTE E TECNOLOGIA: A DANÇA HÍBRIDA DO CENA 11

ELISA ABRÃO*

RESUMO

O presente trabalho busca compreender as relações estabelecidas entre tecnologia e arte a partir da proposta de dança híbrida da Companhia de Dança Cena 11, de Florianópolis. Para tanto, analisamos espetáculos e a preparação física dos dançarinos a partir da observação de um conjunto de treinos e entrevistas realizadas com os integrantes do grupo, aproveitando parte de uma pesquisa de dissertação de Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Neste artigo, destacamos dois eixos para a análise desta relação. O primeiro aborda a compreensão do grupo sobre as tecnologias como extensão do corpo; o segundo versa sobre as funções assumidas pelas tecnologias na arte do grupo e as implicações para aqueles sujeitos envolvidos, mediante a concepção de arte presente no grupo.

PALAVRAS-CHAVES: arte – dança híbrida – tecnologia.

* Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina na linha de Teoria e Prática Pedagógica.

O BALÉ CLÁSSICO E A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA FORMAÇÃO HUMANA: CAMINHOS PARA A EMANCIPAÇÃO*

ANDRÉA CRISTHINA RUFINO ASSUMPCÃO **

RESUMO

Este artigo vem analisar, a partir de um estudo de caso comparativo entre o balé clássico e a dança contemporânea, como a dança se relaciona com a formação humana em uma sociedade capitalista hegemônica. Presenciamos na dança contemporânea formas muito ricas de trabalho, com uma grande abertura para o crescimento crítico e criativo do ser humano. Porém, estão presentes no grupo analisado algumas contradições no que se refere aos conteúdos e à metodologia utilizada para alcançar os objetivos. No balé clássico nos deparamos com a busca pela apropriação da técnica institucionalizada cujos significados e códigos refletem uma sociedade hierarquizada e autoritária. Sua proposta de trabalho é pautada na reprodução e repetição a fim de chegar a um movimento tecnicamente perfeito. Desvencilhar-se das antigas concepções reafirmadas pelo balé clássico sobre o ensino da dança é bastante árduo, porém muito necessário para que tenhamos uma nova proposta, pautada na liberdade e no respeito pela individualidade do ser humano. Acreditamos que também a possibilidade de criação, intervenção e questionamentos no espaço de ensino venha a ser fundamental para a formação de um ser humano que se entenda como sujeito de suas ações na sociedade em que está inserido.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Formação humana - Balé clássico - Dança contemporânea.

* Resumo da monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, no ano de 2002, sob a orientação da Professora Ms. Astrid Baecker Avila.

** Integrante do Programa de Pós-Graduação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

**UM RETRATO SOBRE A REALIDADE DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA DA DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA E O
QUE PROPÕEM OS PCNs***

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA ASSUNÇÃO**
PABLO BORGES PINHO ***

RESUMO

A problemática central desta pesquisa foi verificar como vem se dando a prática pedagógica da dança, enquanto conteúdo específico da Educação Física nas escolas estaduais de Goiás, de 5ª à 8ª séries, e o que está sendo proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). O objetivo é tomar conhecimento do posicionamento adotado pelos professores de Educação Física em relação ao conteúdo específico *dança*, em sua prática escolar, observando a sua preparação para este exercício, identificando suas dificuldades e limites em cumpri-lo e a sua eventual contribuição para esta área. Também propõe analisar os conteúdos legais que se referem aos Parâmetros Curriculares Nacionais e a orientação da política educacional estadual. A metodologia utilizada teve como parâmetro um estudo qualitativo utilizando a literatura especializada sobre dança e Educação Física Escolar. Os dados identificados e analisados pela pesquisa foram obtidos através de entrevistas gravadas.

*Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do curso de especialização *lato sensu* em Educação Física Escolar da Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Profa. Ms. Valéria Maria Chaves de Figueiredo.

**Aluna do curso de especialização da FEF/UFG.

*** Aluno do curso de especialização da FEF/UFG e professor da escola de artes Veiga Valle.

**ENTRE CORPOS REAIS E VIRTUAIS:
REFLEXÕES DA DANÇA CONTEMPORÂNEA
PARA PENSAR O CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

LAISE TAVARES PADILHA BEZERRA*
KARENINE DE OLIVEIRA PORPINO**

RESUMO

Esta pesquisa objetiva identificar as novas configurações de corpo advindas da interconexão entre Dança e Tecnologia, bem como compreender de que maneiras essas configurações se aproximam e contribuem para a compreensão de corpo na Educação Física. O recurso metodológico é a análise de imagens dos vídeos de dança: Digital Brazuca e Corpo Aberto. Os vídeos analisados apontam para um repertório de saberes, que podem ser problematizados na área, e contribuem para reconfigurar a relação homem/ambiente. Nesse sentido, promovem a plasticidade e a polissemia de relações entre o carbono e o silício, e desenham outras formas de compressão do corpo que incluem a complexidade, a incerteza, a reversibilidade e a descoberta.

PALAVRAS-CHAVE: corpo – dança contemporânea – Educação Física.

* Professora da Universidade Potiguar na área de Educação Física, diretora artística e coreógrafa do grupo de cia de Dança Anagrama.

** Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na área de Educação Física.

O CONTEÚDO “DANÇA” EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: TEMOS O QUE ENSINAR?*

LÍVIA TENÓRIO BRASILEIRO **

RESUMO

Analizamos a dança como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar por reconhecermos a ausência de discussões sobre o assunto. Apesar de a dança estar presente na escola, seja na Educação Física, seja na Educação Artística/Arte Educação, ela é descontextualizada da discussão sobre seleção cultural, realizada pelos currículos escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Educação Física - Prática pedagógica.

* Texto baseado na dissertação *O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo “dança” em aulas de Educação Física na perspectiva crítica*, defendida na Universidade Federal de Pernambuco.

** Professora da Universidade Estadual da Paraíba, membro do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco.

**WOSIEN, BERNARD. *DANÇA: UM CAMINHO PARA A TOTALIDADE*.
TRADUÇÃO DE MARIA LEONOR RODENBACH E RAPHAEL DE HARO
JUNIOR. SÃO PAULO: TRIOM, 2000. 157 P.**

CONCEIÇÃO VIANA DE FÁTIMA*

RESUMO

Motivado por uma existência dedicada à dança, dono de uma sensibilidade que transcendia aos determinantes culturais e aos dogmatismos teológicos de seu tempo, o autor vivenciou a “mensagem original”, o “sentido primevo” desta manifestação corporal humana que, antes de ser arte, é meditação. Bailarino, pedagogo, coreógrafo, desenhista e pintor, tem suas vivências como mestre e bailarino publicadas neste livro, uma obra póstuma organizada por sua filha Marie-Gabriele Wozien, que reuniu anotações, relatórios e palestras. O livro aborda os mais diversos aspectos da dança, mas principalmente o transcendental. O capítulo primeiro, intitulado “Entre Deus e o mundo – a dança”, parte da afirmação de que a linguagem do movimento do corpo, assim como toda arte, nasce do silêncio, que é meditação, oração. Transparência do divino, forma cinética para o invisível, metamorfose. Não se trata unicamente de encontrar a si mesmo, mas também de encontrar a comunidade, cuja união fortalece a ligação divino–humano.

*Professora da UEG - ESEFEGO

COTIDIANO E DANÇA NA PERIFERIA: REFLEXÕES PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA*

THAIS GOMES FERRAZ* *

RESUMO

O estudo envolve uma pesquisa na comunidade periférica Shangri-Lá, município de Goiânia, onde foram efetuadas intervenções, observações e entrevistas com crianças e mães participantes de um projeto de educação ambiental. Embasados no referencial teórico de Agnes Heller e Newton Duarte, procuramos identificar e discutir o cotidiano e os preconceitos referentes à dança oriundos na comunidade, com o intuito de promover reflexões pertinentes à prática educativa. Neste sentido, a construção de comportamentos e pensamentos com respeito à dança é analisada em processo de relações com diferentes meios e instituições.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidiano - Preconceito - Dança - Educação.

* Este artigo é um recorte da pesquisa monográfica *Cotidiano e dança na periferia: reflexões para uma prática educativa em 2002*, sob orientação da professora doutora Lenir Miguel de Lima.

** Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, Campus de Goiânia.

DANÇA NA EDUCAÇÃO: A BUSCA DE ELEMENTOS NA ARTE E NA ESTÉTICA

LUCIANA FIAMONCINI*

RESUMO

Nesta pesquisa tivemos o intuito de desenvolver uma fundamentação teórica para a dança na educação, com base em elementos da arte e da estética. Temos como pressuposto metodológico a realização de uma pesquisa teórica baseada na hermenêutica. Na arte identificamos como primordiais a criatividade e a expressividade, e na estética, a sensibilidade. Acreditamos que esses elementos formam o tripé básico para o trabalho com a dança tanto na educação formal quanto na educação informal.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Educação - Arte - Estética.

* Professora do Departamento de Educação Física da UFSC.

EDUCAÇÃO ESTÉTICA E EDUCAÇÃO FÍSICA: A DANÇA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES*

LÁZARO MOREIRA GOMES JÚNIOR**
LENIR MIGUEL DE LIMA***

RESUMO

Investigar a visão do futuro professor de Educação Física, em relação ao ensino da dança, é a tônica deste trabalho. A pesquisa faz uma análise sobre a constituição de corpo na modernidade, além de salientar a necessidade de uma educação que valorize não apenas o universo da racionalidade, como também o da sensibilidade, tendo em vista a manutenção de nossa identidade cultural e a construção de um saber universal. Discutem-se questões sobre a dança na educação, na perspectiva de torná-la libertadora e transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Educação Estética - Formação de professores.

* Artigo proveniente de pesquisa realizada como projeto de final de curso.

** Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás.

***Professora na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, mestre em Educação Brasileira-FE/UFG e doutoranda em Filosofia na Faculdade de Valencia, Espanha.

DANÇA NOS CICLOS DE ESCOLARIZAÇÃO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

GINA GUIMARÃES*

RESUMO

A proposta do texto é iniciar uma análise sobre o conteúdo Dança e os ciclos de escolarização, à luz de uma revisão bibliográfica. Buscaremos refletir acerca da sistematização do conhecimento a partir da referência teórica que mais bem organiza, no nosso entendimento, o trato pedagógico da Educação Física Escolar, uma proposta de Soares et al. (1992). Analisaremos, também, as propostas da dança na escola sugeridas por Marques (1999), Gehres (1996) e Xarez et al. (1992). Nosso objetivo é traçar uma reflexão acerca deste conteúdo numa abordagem que mais se aproxime da sistematização em ciclos de conhecimento, além de ampliá-la. Serão destacadas as possibilidades de conquistas e dificuldades.

PALAVRAS-CHAVE: Escola - Dança - Ciclos de sistematização do conhecimento.

* Graduada em Educação Física pela ESEF/UPE, professora da rede particular de ensino.

UM MOMENTO DA DANÇA EM GOIÁS*

LENIR MIGUEL DE LIMA**

“É preciso rever, escrever, assinar os autos do passado antes que o tempo passe tudo a raso.”

Cora Coralina

RESUMO

O presente artigo trata de um breve histórico da dança em Goiás (1973-1983), numa tentativa de registrar seu período de germinação e eclosão nas escolas e academias de Goiânia, a partir da disciplina Rítmica, componente do currículo de Educação Física, na Escola Superior de Educação Física (ESEFEGO).

PALAVRAS-CHAVE: dança – Educação Física – memória – cultura.

* Comunicação proferida no III Fórum Goiano sobre Cultura em Goiânia – 30/out a 09/nov/97 – Tema: Memória e Cultura.

**Especialista em dança pela UFRJ, mesa em Educação Física Escolar UFG, coordenadora dos cursos de graduação em Educação Física e especialização em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação Física da UFG.

EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA: UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

ANA JULIA PINTO PACHECO*

RESUMO

Este trabalho traz uma análise bibliográfica, cujo objetivo é o de depreender como a produção acadêmica brasileira vem abordando a dança na educação física. A partir desta preocupação inicial, foram formulados dois eixos de reflexão que serviram para balizar minha incursão pelos artigos “Marginalidade da dança na escola - causas e encaminhamentos” e “Cultura escolar da dança X incorporação de práticas predominantes.”

O corte temporal do estudo abarcou o período compreendido entre 1986 e 1996 e o *corpus* de análise abrangeu os artigos publicados em dez periódicos da área de educação física. Dentre os aspectos discutidos ao longo deste texto, destacam-se principalmente a dança na formação do/a professor/a de educação física e o sexismo na dança.

PALAVRAS- CHAVE: Educação Física, Dança, Análise Bibliográfica.

* Professora da Escola Rachide Glória Saker, Fundação Municipal de Educação – Niterói / Rio de Janeiro, Professora da Escola Pinto Lima, Secretaria do Estado de Educação – Rio de Janeiro.

QUASAR COMPANHIA DE DANÇA: EXPRESSÃO DA CONTEMPORANEIDADE EM GOIÁS*

PAULA CRISTINA PEIXOTO RIBEIRO* *

RESUMO

Em Goiânia, na década de 1970, a necessidade de questionar e contestar o sistema da época se reflete no corpo que dança. Pede a este novas formas que desafiem o enclausuramento de técnicas clássicas e que expressem o protesto e o desejo de transformações, o que permitirá ao corpo uma liberdade de criação e de expressão. No final da década de 1980, a Quasar Companhia de Dança vem compor uma nova forma estética para o vocabulário da dança goiana. Seu trabalho ficou conhecido mundialmente, apresentando uma estética e uma concepção de dança que nos instiga a conhecê-lo e interpretá-lo.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Arte - Pós-Modernidade - Cultura.

* Monografia de conclusão do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Goiás, apresentada em fevereiro de 2003 sob a orientação do Prof. Ms. Ari Lazzarotti Filho e da Prof^a. Ms. Valéria Figueiredo.

** Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás.

DANÇA E INCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR, UM DIÁLOGO POSSÍVEL*

ROSIRENE CAMPÊLO DOS SANTOS**
VALÉRIA MARIA CHAVES FIGUEIREDO***

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar e refletir a dança no contexto escolar, bem como a forma de propiciar sua inclusão nesse contexto. Discutem-se algumas questões sobre os alunos portadores de necessidades especiais, como as possibilidades para que eles tenham acesso ao conhecimento e utilizem suas capacidades de expressar, verbalizar e atuar de maneira crítica e criativa, sem que nenhuma de suas potencialidades seja negligenciada. Sob essa perspectiva, reavaliam-se conceitos e preconceitos presentes nas aulas de Educação Física e na Dança.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Inclusão - Educação.

* Este artigo é um recorte da monografia apresentada como trabalho final de curso na Faculdade de Educação Física/UFG, intitulada: *A dança no contexto escolar: uma perspectiva de inclusão*, 2002.

** Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física/UFG.

*** Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da Unicamp e professora da Faculdade de Educação Física/UFG.

UMA PROPOSTA DE DANÇA NA MELHOR IDADE

VALÉRIA MARIA CHAVES FIGUEIREDO*
CAROLINE PROTÁSIO SOUSA**

RESUMO

O presente trabalho relata experiência vivenciada no programa “Começar de Novo”, uma proposta metodológica de dança na maturidade. O programa visa desenvolver ações socioeducativas, artístico-integrativas, através de processos interdisciplinares entre as áreas da dança, música e artes plásticas. Propusemos uma construção coletiva de aulas e proposições coreográficas, visando a uma reflexão sobre a arte na maturidade, as possibilidades da expressão de cada aluno, e também um debate sobre o corpo maduro, suas mudanças e conquistas e a experimentação do fazer e do fruir artístico.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Maturidade - Terceira Idade.

* Professora assistente da Faculdade de Educação Física da UFG e coordenadora do Projeto “A Dança na Melhor Idade”.

** Monitora do projeto e aluna da Faculdade de Educação Física da UFG.

DANÇA E ANIMAÇÃO CULTURAL: “IMPROVISAÇÕES”

MARIA INÊS GALVÃO SOUZA*
PATRÍCIA GOMES PEREIRA*
VICTOR ANDRADE DE MELO* *

RESUMO

Entre nossas propostas de trabalho está a de melhor compreender os mecanismos e as peculiaridades da animação cultural. Para isso, temos investigado as especificidades das diferentes linguagens artísticas. Nosso objetivo neste artigo é apresentar reflexões sobre a incorporação da dança em projetos de animação cultural, partindo de um olhar crítico sobre o próprio estágio de organização da arte. Mais do que pensar um processo de *educação pela dança*, estamos interessados em refletir sobre a *educação para a dança* e seus desdobramentos, já que esse assunto tem sido pouco discutido no âmbito do campo acadêmico e nos debates sobre o lazer.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Animação cultural.

* Mestre em Ciência da Arte, membro do grupo de pesquisa Lazer e Minorias Sociais/ Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ, coordenadora do núcleo Dança, Cultura e Sociedade e professora do curso de bacharelado em Dança/EEFD/UFRJ.

** Doutor em Educação Física, coordenador do grupo de pesquisa Lazer e Minorias Sociais/ Escola de Educação Física e Desportos/UFRJ, coordenador do núcleo Cinema, Cultura e Sociedade e pesquisador do Programa Avançado de Cultura Contemporânea/UFRJ (Pós-Doutorado em Estudos Culturais).

DANÇA NA EDUCAÇÃO DISCUTINDO QUESTÕES BÁSICAS E POLÊMICAS

MÁRCIA STRAZZACAPPA*

RESUMO

O presente artigo analisa a maneira como a dança está (ou não) inserida na educação formal de crianças e adolescentes, isto é, na escola de ensino básico (fundamental e médio). Investiga a realização de projetos de dança nas instituições escolares, tendo como exemplo as escolas da região metropolitana de Campinas. Apresenta ainda algumas discussões que têm sido levantadas nas disciplinas Didática do Ensino da Dança e Prática de Ensino de Dança, do curso de licenciatura em Dança da Unicamp. As questões ressaltadas são extremamente básicas se comparadas às discussões realizadas no âmbito da educação nacional. No entanto, diante da falta de bibliografia especializada, vimo-nos na incumbência de começar a produzir um material que introduza os temas gerais da dança na educação e que contribua para fomentar no futuro discussões mais aprofundadas. Apesar de básicos, são polêmicos os temas discutidos, como a introdução do ensino de dança nas escolas públicas, a utilização de uniforme para aulas de dança na escola e as apresentações de conclusão de curso.

PALAVRAS-CHAVE: Dança - Educação - Arte - Ensino de arte - Ensino básico.

* Atriz, bailarina, pesquisadora, pedagoga e bacharel em dança (Unicamp); mestre em Educação (Unicamp) e doutora em Artes – Estudos Teatrais e Coreográficos (Universidade de Paris VIII/França); professora da Faculdade de Educação e atual coordenadora das licenciaturas da Unicamp. mstrazzacappa@uol.com.br

CORPO, ESTÉTICA E DANÇA POPULAR: SITUANDO O BUMBA-MEU-BOI

RAIMUNDO NONATO ASSUNÇÃO VIANA*

RESUMO

Este artigo propõe refletir os conceitos Corpo e Estética, situando-os no cenário das danças populares, especificamente o bumba-meu-boi do Maranhão. Entre tantas leituras possíveis dos textos inscritos no corpo e em diversas situações, nas quais poderíamos situar essa manifestação da cultura sob vários enfoques, a saber: folclórico, histórico, antropológico e outros, para serem lidos, interpretados, compreendidos e atualizados, situamos nossos estudos na condição de fenômeno estético. Para tanto, temos, como interlocução principal, os estudos fenomenológicos sobre o corpo em Maurice Merleau-Ponty.

PALAVRAS-CHAVES: corpo – estética – bumba-meu-boi – fenomenologia

* Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão, mestre e doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Motrivivência Ano XI, Nº 12, P. 119-130 Maio /1999

A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM QUESTÃO: O TRATO COM O CONHECIMENTO DANÇA NO PROJETO EXPRESSÃO

*Daniela Bastos**

Resumo

Este artigo visa relatar experiências pedagógicas com o conteúdo Dança, desenvolvidas o ano de 1997, no Projeto Expressão – Kidlink House Espaço Ciência – Pernambuco.

* Aluna do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

DANÇA IMPROVISÇÃO, UMA RELAÇÃO A SER TRILHADA COM O LÚDICO

*Ana Maria Alonso Krischke,
Iracema Soares de Sousa*

Resumo

A dança contemporânea, de modo geral, tem familiaridade com a improvisação – para ensiná-la, a improvisação é importante aliada. É momento de dança, reflexão e composição. O propósito central desta pesquisa foi o de analisar as possibilidades para uma formação crítica e criativa em dança. Seria a improvisação, aliada à dança contemporânea, esse caminho? Os dados foram levantados com professoras de Florianópolis, fruto de discussão acerca de suas práticas pedagógicas. É uma investigação qualitativa. Percebeu-se que o lúdico no jogo da dança, vinculado ao contexto histórico, pode fundamentar uma proposta crítica para o seu ensino.

DANÇANDO NA ESCOLA, POLITIZANDO A DANÇA: um estudo sobre o projeto dança escolar da Prefeitura Municipal de São José.

*Elaine Cristina Pereira Lima
Luciana Fiamoncini*

Resumo

O presente artigo trata da pesquisa realizada sobre o projeto Dança Escolar, no município de São José-SC. Trazemos parte da discussão sobre o projeto dança escolar enquanto política pública e a concepção de educação e dança presente no mesmo. A partir disso, procuramos refletir e compreender políticas públicas, educação e dança dentro da nossa realidade escolar, visando uma educação emancipada.

Palavras-chave: políticas públicas -
educação - dança

A DANÇA E OS INDIVÍDUOS PORTADORES DE LESÃO MEDULAR*

*Arabel Issa Vieira***

*Maria da Consolação G.C.F. Tavares****

Resumo

A inclusão de indivíduos portadores de lesão medular no universo artístico da dança tornou-se possível a partir dos paradigmas emergentes da modernidade e pós-modernidade.

Neste processo, fica evidente o aspecto universal da dança e a sua importância para o desenvolvimento do ser humano.

* Este texto foi produzido a partir da Dissertação de Mestrado apresentada no programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes – Unicamp – Campinas, que contou com o apoio do CNPq.

** Dançarina e Mestre em Artes pelo Instituto de Artes – Unicamp.

*** Professora Dra. Do Departamento de Estudos da Atividade Física Aplicada e integrante do Grupo de Estudo de Fenomenologia – Faculdade de Educação Física – Unicamp.

UMA REFLEXÃO SOBRE A PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA VISUAL E A DANÇA

*Valéria Maria Chaves de Figueiredo**
*Maria da Consolação Cunha. Tavares***
*Silvana Venâncio****

Resumo

Como seria a dança sem
a referência da visão?
Não seria mais dança?
Seria diferente?
Faltariam oportunidades?
A partir de nossa experiência,
levantamos reflexões a respeito
da dança e pessoas portadoras
de deficiência visual.

* Mestre em Artes, Instituto de Artes da Unicamp. Professora da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física.

** Prof.^a Dr.^a da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

*** Prof.^a Dr.^a da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

*Andresa Silveira Soares**
*Maria do Carmo Saraiva***

Resumo

Este estudo analisa algumas propostas teórico-metodológicas para o ensino da dança na escola, que foram construídas a partir da experiência cotidiana de suas autoras na prática da Educação Física. São algumas propostas que convergem para uma concepção de dança como movimento histórico cultural e por isso, a uma visão pedagógica que coloca o ser humano no centro do processo criativo que é o fazer em dança. Considera-se que os encaminhamentos das autoras podem auxiliar a inclusão da dança no conteúdo da Educação Física escolar.

* Licenciada em Educação Física UFSC.

** Professora do Departamento de Educação Física da UFSC e membro da NEPEF / CDS / UFSC.

PROPOSTA DANÇA/EDUCAÇÃO:
POR QUE, COMO E PARA QUE?

Cecília Fonseca Pessoa de Andrade/SME-RJ, UERJ
Eduisa Silva do Nascimento/UFRJ
Elaine Aderne Lemes/SME-RJ, SEE-RJ
Eulália Alves da Silva/SME-RJ
Georgette Alonso Hortale/SME-RJ, UERJ, UNESA
Ieda Lucia Silva/SME-RJ, SEE-RJ
Noêmia Lourdes da Silva dos Santos/SME-RJ, SEE-RJ

RESUMO

O Grupo de Estudos Dança/Educação (GEDE), a partir de sua concepção de Homem e Sociedade, Cultura e Educação, formulou uma proposta metodológica – a Proposta Dança/Educação – que objetiva contribuir para o ensino sistematizado da Dança e desencadear uma transformação na “práxis”.

UNI-TERMOS: Dança, Metodologia do ensino, Dança/Educação

ENTRE O JOGO ESTÉTICO E O IMPULSO LÚDICO UM ENSAIO DE DANÇA

Dra. MONIQUE ASSIS

Docente do Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam)
E-mail: monique_assis@uol.com.br

Ms. ADRIANA MARTINS CORREIA

Docente da Unisuam e Universidade Gama Filho (UGF)
e-mail: adricorreia@uol.com.br

RESUMO

O objetivo do presente ensaio é refletir sobre a dança dentro das categorias do jogo propostas por Caillois (1958), ou ainda apresentar a dança como um caminho de experiência da ludicidade sem contudo perder de vista a experiência do belo. O estudo vai desvelando as categorias do jogo que representam o papel da competição, da sorte, do simulacro e da vertigem e que se manifestam em maior ou menor intensidade no domínio da dança. Por fim, considera-se que a dança seja uma forma de se viver instantes em que a combinação dessas quatro categorias seja vivida e contemplada em um casamento entre a experiência lúdica e a dimensão estética.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; jogo; estética.

O DITO E O INTERDITO
ANÁLISE DAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS PRODUZIDAS PELA MÍDIA IMPRESSA
ACERCA DO PAPEL ATRIBUÍDO À DANÇA EM PROJETOS SOCIAIS
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dra. MONIQUE ASSIS

Docente do Centro Universitário Augusto Motta
Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho
E-mail: monique_assis@uol.com.br

Ms. ADRIANA CORREIA

Docente da Universidade Gama Filho e do Centro Universitário Augusto Motta
Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho
E-mail: adricorreia@uol.com.br

Dra. NILDA TEVES

Docente da Universidade Gama Filho
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: tevesnilda@uol.com.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o que está explícito e o que está silenciado no discurso jornalístico impresso a respeito do papel da dança nos projetos sociais que são oferecidos em favelas da cidade do Rio de Janeiro. Como referencial teórico-metodológico, foram utilizadas as concepções de análise do discurso de Orlandi (1988, 1993, 1996). As reportagens jornalísticas fornecem pistas de como se formam as construções imaginárias em relação ao papel da dança nestes projetos. A prática da dança assume uma dimensão moralizante de correção e ajuste social. Entretanto, é no silenciar-se que algumas categorias se fazem presentes como ludicidade, gratuidade, arte e estética.

PALAVRAS-CHAVE: Projetos sociais; mídia impressa; dança; arte.

DANÇA E GINÁSTICA NAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*

Dra. LARISSA MICHELLE LARA

Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Grupo de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade – UEM/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
E-mail: lmlara@uem.br

Dra. IEDA PARRA BARBOSA RINALDI

Departamento de Educação Física da UEM
Grupo de Pesquisa em Corpo, Cultura e Ludicidade – UEM/CNPq
E-mail: parrarinaldi@hotmail.com

JULIANA MONTENEGRO

Licenciada em Educação Física
Colégio Nobel – Maringá/PR
E-mail: julianamontenegro@hotmail.com

TAIZA DANIELA SERON

Licenciada em Educação Física
Colégio Santo Inácio – Maringá/PR
E-mail: taizaseron@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender a dança e a ginástica a partir das abordagens metodológicas desenvolvidas por professores/pesquisadores da educação física brasileira. A análise dessas manifestações culturais no contexto escolar deu-se, primeiramente, em obras escritas por representantes dessas abordagens e, após, por sua participação via questionário. Os dados coletados revelam lacunas no pensamento brasileiro acerca da sistematização e trato pedagógico da dança e da ginástica, indicando a necessidade de outros alicerces para o desenvolvimento desses conhecimentos na educação física escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; abordagem metodológica; dança; ginástica.

* Pesquisa realizada junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no período de março de 2005 a março de 2006, sendo aprovada em 15 de abril de 2005 pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Copep), pelos registros . 0034.093.000-05 e n. 0035.093.000-05

DELSARTE E DALCROZE: PERSONAGENS DE UMA DANÇA (RE)DESCOBERTA

José Rafael Madureira
Mestrando pela Faculdade de Educação da Unicamp

RESUMO

François Delsarte e Emile Jacques-Dalcroze são os protagonistas deste estudo sobre o corpo, matéria poética. Nascidos no século XIX, esses homens do espetáculo do corpo desenvolveram em seus estudos leis e princípios da corporalidade e do gestual humano que integram a expressividade e a organicidade do ser humano, garantindo seu status de obra da arte (viva). Chamam, para enriquecer este diálogo triangular, outros importantes interlocutores como Ted Shawn e Adolphe Appia, também homens do espetáculo (do corpo), que encontraram em nossos personagens principais inteligibilidade pela dança (re)descoberta, a dança do século XX.

CENAS URBANAS E CENAS DA DANÇA COMPONDO NOVOS REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR

Dra. KARENINE DE OLIVEIRA PORPINO

Professora do Departamento de Educação Física de do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
Pesquisadora do Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento.
E-mail: karenine@digizap.com.br

Dra. LARISSA KELLY DE OLIVEIRA MARQUES TIBÚRCIO

Professora do Departamento de Educação Física da UFRN.
Pesquisadora do Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento.
E-mail: lari@natal.digi.com.br

RESUMO

O texto tem como objetivo descrever e refletir sobre uma situação vivida no âmbito do ensino superior, mais especificamente na disciplina dança educacional da licenciatura em educação física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com enfoque nos processos de ensino-aprendizagem da dança vivenciados a partir de uma experiência de composição coreográfica. Partindo de uma atitude fenomenológica, o texto descreve as experiências vividas na situação pedagógica do ensino da dança no âmbito da licenciatura como vivências significativas para refletir sobre as relações entre o conhecimento sobre a dança e o conhecimento pedagógico necessário ao seu ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; ensino-aprendizagem; coreografia; educação física.

DANÇA E ARTE OU O SENSÍVEL E O INTELIGÍVEL EM HEGEL E VALÉRY

Jeferson José Moebus Retondar

Professor de Educação Física da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO

O objetivo do estudo é discutir o lugar do sensível e do inteligível na estética de Hegel (1974) e Valéry (1996), tomando a dança como possibilidade de expressão artística.

UNITERMOS: Dança; Arte; Sensível; Inteligível.

AS DANÇAS NA MÍDIA E AS DANÇAS NA ESCOLA

SILVIA PAVESI SBORQUIA

Universidade Estadual de Londrina e Uniandrade - Curitiba

E-mail: silviton@sercomtel.com.br

JORGE SÉRGIO PÉREZ GALLARDO

Universidade Estadual de Campinas

E-mail: jperez@fef.unicamp.br

RESUMO

Este estudo de cunho bibliográfico surgiu de observações sobre o uso indiscriminado da dança tratada pela educação física na escola. A escola tem reproduzido as caracterizações das danças veiculadas pela mídia sem contextualizá-las, não são todas as danças que devem fazer parte da escola. Tendo este estudo o objetivo de oferecer à comunidade escolar alguns critérios de cunho ético moral para que se obtenham informações sistematizadas de como utilizar a dança. Como resultado, esse estudo elaborou uma proposta deste ponto de vista das danças para que sirvam de filtro e determinem que danças são apropriadas para ensinar na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; mídia; educação física; dança.